

Toda a poesia de Augusto dos Anjos

MONÓLOGO DE UMA SOMBRA

"Sou uma Sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das moneras...
Pólipo de recônditas reentrâncias,
Larva de caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias!

A Simbiose das coisas me equilibra.
Em minha ignota mônada, ampla, vibra
A alma dos movimentos rotatórios...
E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saúde das forças subterrâneas,
E a morbidez dos seres ilusórios!

Pairando acima dos mundanos tetos,
Não conheço o acidente da Senectus
- Esta universitária sanguessuga
Que produz, sem dispêndio algum de vírus,
O amarelecimento do papírus
E a miséria anatômica da ruga!

Na existência social, possuo uma arma
- O metafisicismo de Abidarma -
E trago, sem bramânicas tesouras,
Como um dorso de azêmola passiva,
A solidariedade subjetiva
De todas as espécies sofredoras.



Com um pouco de saliva quotidiana
Mostro meu nojo à Natureza Humana.
A podridão me serve de Evangelho...
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques
E o animal inferior que urra nos bosques
É com certeza meu irmão mais velho!

Tal qual quem para o próprio túmulo olha,
Amarguradamente se me antolha,
À luz do americano plenilúnio,
Na alma crepuscular de minha raça
Como uma vocação para a Desgraça
E um tropismo ancestral para o Infortúnio.

Aí vem sujo, a coçar chagas plebéias,
Trazendo no deserto das idéias
O desespero endêmico do inferno,
Com a cara hirta, tatuada de fuligens
Esse mineiro doido das origens,
Que se chama o Filósofo Moderno!

Quis compreender, quebrando estéreis normas,
A vida fenomênica das Formas,
Que, iguais a fogos passageiros, luzem...
E apenas encontrou na idéia gasta,
O horror dessa mecânica nefasta,
A que todas as coisas se reduzem!

E hão de achá-lo, amanhã, bestas agrestes,
Sobre a esteira sarcófaga das pestes
A mostrar, já nos últimos momentos,
Como quem se submete a uma charqueada,
Ao clarão tropical da luza danada,
O espólio dos seus dedos peçonhentos.

Tal a finalidade dos estames!
Mas ele viverá, rotos os liames
Dessa estranguladora lei que aperta
Todos os agregados perecíveis,
Nas esterizações indefiníveis
Da energia intra-atômica liberta!

Será calor, causa ubíqua de gozo,
Raio X, magnetismo misterioso,
Quimiotaxia, ondulação aérea,
Fonte de repulsões e de prazeres,
Sonoridade potencial dos seres,
Estrangulada dentro da matéria!

E o que ele foi: Clavículas, abdômen,
O coração, a boca, em síntese, o Homem,
- Engrenagem de vísceras vulgares -
Os dedos carregados de peçonha,
Tudo coube na lógica medonha
Dos apodrecimentos musculares!

A desarrumação dos intestinos
Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos
Dentro daquela massa que o húmus come,
Numa glotoneria hedionda, brincam,
Como as cadelas que as dentuças trincam
No espasmo fisiológico da fome.

É uma trágica festa emocionante!
A bacteriologia inventariante
Toma conta do corpo que apodrece...
E até os membros da família engulham,
Vendo as larvas malignas que se embrulham

No cadáver malsão, fazendo um s.

E foi então para isto que esse doudo
Estragou o vibrátil plasma todo,
À herança miserável de micróbios!

Estoutro agora é o sátiro peralta
Que o sensualismo sodomista exalta,
Nutrindo sua infâmia a leite e a trigo...
Como que, em suas células vilíssimas,
Há estratificações requintadíssimas,
De uma animalidade sem castigo.

Branças bacantes bêbedas o beijam.
Suas artérias hírcicas latejam,
Sentindo o odor das carnações abstêmias,
E à noite, vai gozar, ébrio de vício,
No sombrio bazar do meretrício,
O cuspo afrodisíaco das fêmeas.

No horror de sua anômala nevrose,
Toda a sensualidade da simbiose,
Uivando, à noite, em lúbricos arroubos,
Como no babilônico sansara,
Lembra a fome incoercível que escancara
A mucosa carnívora dos lobos.

Sôfrego, o monstro as vítimas aguarda.
Negra paixão congênita, bastarda,
Do seu zooplasma ofídico resulta...
E explode, igual à luz que o ar acomete,
Com a veemência mavórtica do aríete
E os arremessos de uma catapulta.

Mas muitas vezes, quando a noite avança,
Hirto, observa através a tênue trança
Dos filamentos fluídicos de um halo
A destra descarnada de um duende,
Que, tateando nas tênebras, se estende
Dentro da noite má, para agarrá-lo!

Cresce-lhe a intracefálica tortura,
E de su'alma na caverna escura,
Fazendo ultra-epiléticos esforços,
Acorda, com os candeeiros apagados,
Numa coreografia de danados,
A família alarmada dos remorsos.

É o despertar de um povo subterrâneo!
É a fauna cavernícola do crânio
- Macbeths da patológica vigília,
Mostrando, em rembrandtescas telas várias,
As incestuosidades sanguinárias
Que ele tem praticado na família.

As alucinações tácteis pululam.
Sente que megatérios o estrangulam...
A asa negra das moscas o horroriza;
E autopsiando a amaríssima existência
Encontra um cancro assíduo na consciência
E três manchas de sangue na camisa!

Míngua-se o combustível da lanterna
E a consciência do sátiro se inferna,
Reconhecendo, bêbedo de sono,
Na própria ânsia dionísica do gozo,
Essa necessidade de horroroso,
Que é talvez propriedade do carbono!

Ah! Dentro de toda a alma existe a prova
De que a dor como um dardo se renova,
Quando o prazer barbaramente a ataca...
Assim também, observa a ciência crua,
Dentro da elipse ignívoma da lua
A realidade de uma esfera opaca.

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,
Abranda as rochas rígidas, torna água
Todo o fogo telúrico profundo
E reduz, sem que, entanto, a desintegre,
À condição de uma planície alegre,
A aspereza orográfica do mundo!

Provo desta maneira ao mundo odiento
Pelas grandes razões do sentimento,
Sem os métodos da abstrusa ciência fria
E os trovões gritadores da dialética,
Que a mais alta expressão da dor estética
Consiste essencialmente na alegria.

Continua o martírio das criaturas:
- O homicídio nas vielas mais escuras,
- O ferido que a hostil gleba abra escarva,
- O último solilóquio dos suicidas -
E eu sinto a dor de todas essas vidas
Em minha vida anônima de larva!"

Disse isto a Sombra. E, ouvindo estes vocábulos,
Da luz da lua aos pálidos venábulos,
Na ânsia de um nervosíssimo entusiasmo,
Julgava ouvir monótonas corujas,
Executando, entre caveiras sujas,

A orquestra arrepiadora do sarcasmo!

Era a elegia panteísta do Universo,
Na podridão do sangue humano imerso,
Prostituído talvez, em suas bases...
Era a canção da Natureza exausta,
Chorando e rindo na ironia infausta
Da incoerência infernal daquelas frases.

E o turbilhão de tais fonemas acres
Trovejando grandíloquos massacres,
Há de ferir-me as auditivas portas,
Até que minha efêmera cabeça
Reverta à quietação da treva espessa
E à palidez das fotosferas mortas!

AGONIA DE UM FILÓSOFO

Consulto o Phtah-Hotep. Leio o obsoleto
Rig-Veda. E, ante obras tais, me não consolo...
O Inconsciente me assombra e eu nele rolo
Com a eólica fúria do harmatã inquieto!

Assisto agora à morte de um inseto!...
Ah! todos os fenômenos do solo
Parecem realizar de pólo a pólo
O ideal de Anaximandro de Mileto!

No hierático areópago heterogêneo
Das idéias, percorro como um gênio
Desde a alma de Haeckel à alma cenobial!...

Rasgo dos mundos o velário espesso;
E em tudo, igual a Goethe, reconheço

O império da substância universal!

O MORCEGO

Meia-noite. Ao meu quarto me
recolho.

Meu Deus! E este morcego! E,
agora, vede:

Na bruta ardência orgânica da
sede,

Morde-me a goela ígneo e
escaldante molho.

"Vou mandar levantar outra
parede..."

- Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o
ferrolho

E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a
um olho,

Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço.

Chego

A tocá-lo. Minh'alma se concentra.

Que ventre produziu tão feio
parto?!

A Consciência Humana é este
morcego!

Por mais que a gente faça, à noite,
ele entra

Imperceptivelmente em nosso
quarto!

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da
infância,
A influência má dos signos do
zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa
repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à
ânsia
Que se escapa da boca de um
cardíaco.

Já o verme - este operário das
ruínas -
Que o sangue podre das
carnificinas
Come, e à vida em geral declara
guerra,

Anda a espreitar meus olhos para
roê-los,
E há de deixar-me apenas os
cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

A IDÉIA

De onde ela vem?! De que matéria
bruto
Vem essa luz que sobre as
nebulosas
Cai de incógnitas criptas
misteriosas
Como as estalactites duma gruta?!

Vem da psicogenética e alta luta
Do feixe de moléculas nervosas,
Que, em desintegrações
maravilhosas,
Delibera, e depois, quer e executa!

Vem do encéfalo absconso que a
constringe,
Chega em seguida às cordas do
laringe,
Tísica, tênue, mínima, raquítica...

Quebra a força centrípeta que a
amarra,
Mas, de repente, e quase morta,
esbarra
No molambo da língua paralítica!

O LÁZARO DA PÁTRIA

Filho podre de antigos Goitacases,
Em qualquer parte onde a cabeça
ponha,
Deixa circunferências de peçonha,
Marcas oriundas de úlceras e
antrazes.

Todos os cinocéfalos vorazes
Cheiram seu corpo. À noite, quando
sonha,
Sente no tórax a pressão medonha
Do bruto embate férreo das
tenazes.

Mostra aos montes e aos rígidos
rochedos
A hedionda elefantíase dos dedos...
Há um cansaço no Cosmo...
Anoitece.

Riem as meretrizes no Cassino,
E o Lázaro caminha em seu destino
Para um fim que ele mesmo
desconhece!

IDEALIZAÇÃO DA HUMANIDADE FUTURA

Rugia nos meus centros cerebrais
A multidão dos séculos futuros
- Homens que a herança de ímpetos
impuros

Tornara etnicamente irracionais!

Não sei que livro, em letras
garrafais,
Meus olhos liam! No húmus do
monturos,
Realizavam-se os partos mais
obscuros,
Dentre as genealogias animais!

Como quem esmigalha protozoários
Meti todos os dedos mercenários
Na consciência daquela multidão...

E, em vez de achar a luz que os
Céus inflama,
Somente achei moléculas de lama
E a mosca alegre da putrefação!

SONETO

*Ao meu primeiro filho nascido
morto com 7 meses incompletos.
2 fevereiro 1911*

Agregado infeliz de sangue e cal,
Fruto rubro de carne agonizante,
Filho da grande força fecundante
De minha brônzea trama neuronal,

Que poder embriológico fatal
Destruíu, com a sinergia de um
gigante,

Em tua morfogênese de infante
A minha morfogênese ancestral?!

Porção de minha plásmica
substância,
Em que lugar irás passar a infância,
Tragicamente anônimo, a feder?!

Ah! Possas tu dormir, feto
esquecido,
Panteisticamente dissolvido
Na noumenalidade do NÃO SER!

VERSOS A UM CÃO

Que força pôde adstrita a embriões
informes,
Tua garganta estúpida arrancar
Do segredo da célula ovular
Para latir nas solidões enormes?!

Esta obnóxia inconsciência, em que
tu dormes,
Suficientíssima é, para provar
A incógnita alma, avoenga e

elementar
Dos teus antepassados
vermiformes.

Cão! - Alma de inferior rapsodo
errante!
Resigna-a, ampara-a, arrima-a,
afaga-a, acode-a
A escala dos latidos ancestrais...

E irá assim, pelos séculos, adiante,
Latindo a esquisitíssima prosódia

O DEUS-VERME

Fator universal do transformismo.
Filho da teleológica matéria,
Na superabundância ou na miséria,
Verme - é o seu nome obscuro de
batismo.

Jamais emprega o acérrimo
exorcismo
Em sua diária ocupação funérea,
E vive em contubérnio com a
bactéria,
Livre das roupas do
antropomorfismo.

Almoça a podridão das drupas
agras,
Janta hidrópicos, rói vísceras

magras
E dos defuntos novos incha a mão...

Ah! Para ele é que a carne podre
fica,
E no inventário da matéria rica
Cabe aos seus filhos a maior porção!

DEBAIXO DO TAMARINDO

No tempo de meu Pai, sob estes
galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a
canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos
agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da Flora Brasileira
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
De minha vida, e a voz dos
necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da
homogeneidade,
Abraçada com a própria Eternidade
A minha sombra há de ficar aqui!

AS CISMAS DO DESTINO

I

Recife. Ponte Buarque de Macedo.
Eu, indo em direção à casa do Agra,
Assombrado com a minha sombra
magra,
Pensava no Destino, e tinha medo!

Na austera abóbada alta o fósforo
alvo
Das estrelas luzia... O calçamento
Sáxeo, de asfalto rijo, antro e
vidrento,
Copiava a polidez de um crânio
calvo.

Lembro-me bem. A ponte era
comprida,
E a minha sombra enorme enchia a
ponte,
Como uma pele de rinoceronte
Estendida por toda a minha vida!

A noite fecundava o ovo dos vícios
Animais. Do carvão da treva imensa
Caía um ar danado de doença
Sobre a cara geral dos edifícios!

Tal uma horda feroz de cães
famintos,

Atravessando uma estação deserta,
Uivava dentro do eu, com a boca
aberta,
A matilha espantada dos instintos!

Era como se, na alma da cidade,
Profundamente lúbrica e revolta,
Mostrando as carnes, uma besta
solta
Soltasse o berro da animalidade.

E aprofundando o raciocínio
obscuro,
Eu vi, então, à luz de áureos
reflexos,
O trabalho genésico dos sexos,
Fazendo à noite os homens do
Futuro.

Livres de microscópios e escalpelos,
Dançavam, parodiando saraus
cínicos,
Bilhões de centrossomas apolínicos
Na câmara promíscua do vitellus.

Mas, a irritar-me os globos
oculares,
Apregoando e alardeando a cor
nojenta,
Fetos magros, ainda na placenta,
Estendiam-se as mãos
rudimentares!

Mostravam-se o apriorismo

incognoscível
Dessa fatalidade igualitária,
Que fez minha família originária
Do antro daquela fábrica terrível!

A corrente atmosférica mais forte
Zunia. E, na ígnea crosta do
Cruzeiro,
Julgava eu ver o fúnebre candieiro
Que há de me alumiar na hora da
morte.

Ninguém compreendia o meu soluço,
Nem mesmo Deus! Da roupa pelas
brechas,
O vento bravo me atirava flechas
E aplicações hiemais de gelo russo.

A vingança dos mundos
astronômicos
Enviava à terra extraordinária faca,
Posta em rija adesão de goma laca
Sobre os meus elementos
anatômicos.

Ah! Com certeza, Deus me
castigava!
Por toda a parte, como um réu
confesso,
Havia um juiz que lia o meu
processo
E uma força especial que me
esperava!

Mas o vento cessara por instantes
Ou, pelo menos, o ignis sapiens do
Orco
Abafava-me o peito arqueado e
porco
Num núcleo de substâncias
abrasantes.

É bem possível que eu um dia cegue.
No ardor desta letal tórrida zona,
A cor do sangue é a cor que me
impressiona
E a que mais neste mundo me
persegue!

Essa obsessão cromática me abate.
Não sei por que me vêm sempre à
lembração
O estômago esfaqueado de uma
criança
E um pedaço de víscera escarlate.

Quisera qualquer coisa provisória
Que a minha cerebral caverna
entrasse,
E até ao fim, cortasse e recortasse
A faculdade aziaga da memória.

Na ascensão barométrica da calma,
Eu bem sabia, ansiado e
contrafeito,
Que uma população doente do peito
Tossia sem remédio na minh'alma!

E o cuspo que essa hereditária
tosse
Golfava, à guisa de ácido resíduo,
Não era o cuspo só de um indivíduo
Minado pela tísica precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com
certeza
Era a expectoração pútrida e
crassa
Dos brônquios pulmonares de uma
raça
Que violou as leis da Natureza!

Era antes uma tosse ubíqua,
estranha,
Igual ao ruído de um calhau redondo
Arremessado no apogeu do
estrondo,
Pelos fundibulários da montanha!

E a saliva daqueles infelizes
Inchava, em minha boca, de tal
arte,
Que eu, para não cuspir por toda a
parte,
Ia engolindo, aos poucos, a
hemoptísis!

Na alta alucinação de minhas cismas
O microcosmos líquido da gota
Tinha a abundância de uma artéria
rota,
Arrebentada pelos aneurismas.

Chegou-me o estado máximo da
mágoa!
Duas, três, quatro, cinco, seis e
sete
Vezes que eu me furei com um
canivete,
A hemoglobina vinha cheia de água!

Cuspo, cujas caudais meus beijos
regam,
Sob a forma de mínimas
camândulas,
Benditas seja todas essas
glândulas,
Que, quotidianamente, te segregam!

Escarrar de um abismo noutro
abismo,
Mandando ao Céu o fumo de um
cigarro,
Há mais filosofia neste escarro
Do que em toda a moral do
cristianismo!

Porque, se no orbe oval que os meus
pés tocam
Eu não deixasse o meu cuspo
carrasco,
Jamais exprimiria o acérrimo asco
Que os canalhas do mundo me
provocam!

II

Foi no horror dessa noite tão
funérea
Que eu descobri, maior talvez que
Vinci,
Com a força visualística do lince,
A falta de unidade na matéria!
Os esqueletos desarticulados,
Livres do acre fedor das carnes
mortas,
Rodopiavam, com as brancas tíbias
tortas,
Numa dança de números quebrados!

Todas as divindades malfazejas,
Siva e Arimã, os duendes, o In e os
trasgos,
Imitando o barulho dos engasgos,
Davam pancadas no adro das
igrejas.

Nessa hora de monólogos sublimes,
A companhia dos ladrões da noite,
Buscando uma tavernas que os
açoite,
Vai pela escuridão pensando crimes.

Perpetravam-se os atos mais
funestos,
E o luar, da cor de um doente de
icterícia,
Iluminava, a rir, sem pudicícia,
A camisa vermelha dos incestos.

Ninguém, de certo, estava ali, a
espiar-me,
Mas um lampião, lembrava ante a
meu rosto,
Um sugestionador olho, ali posto
De propósito, para hipnotizar-me!

Em tudo, então, meus olhos
distinguiram
Da miniatura singular de uma aspa,
À anatomia mínima da caspa,
Embriões de mundos que não
progrediram!

Pois quem não vê aí, em qualquer
rua,
Com a fina nitidez de um claro
jorro,
Na paciência budista do cachorro
A alma embrionária que não
continua?!

Ser cachorro! Ganir
incompreendidos
Verbos! Querer dizer-nos que não
finge,
E a palavra embrulhar-se no laringe,
Escapando-se apenas em latidos!

Despir a putrescível forma tosca,
Na atra dissolução que tudo
inverte,
Deixar cair sobre a barriga inerte

O apetite necrófago da mosca!

A alma dos animais! Pegó-a,
distingo-a,
Acho-a nesse interior duelo secreto
Entre a ânsia de um vocábulo
completo
E uma expressão que não chegou à
língua!

Surpreendo-a em quatrilhões de
corpos vivos,
Nos antiperistálticos abalos
Que produzem nos bois e nos
cavalos
A contração dos gritos instintivos!

Tempo viria, em que, daquele
horrendo
Caos de corpos orgânicos disformes
Rebentariam cérebros enormes,
Como bolhas febris de água,
fervendo!

Nessa época que os sábios não
ensinam,
A pedra dura, os montes argilosos
Criariam feixes de cordões
nervosos
E o neuroplasma dos que raciocinam!

Almas pigméias! Deus subjuga-as,
cinge-as
À imperfeição! Mas vem o Tempo, e

vence-O,
E o meu sonho crescia no silêncio,
Maior que as epopéias carolíngias!

Era a revolta trágica dos tipos
Ontogênicos mais elementares,
Desde os foraminíferos dos mares
À grei liliputiana dos pólipos.

Todos os personagens da tragédia,
Cansados de viver na paz de Buda,
Pareciam pedir com a boca muda
A ganglionária célula intermédia.

A planta que a canícula ígnea torra,
E as coisas inorgânicas mais nulas
Apregoavam encéfalos, medulas
Na alegria guerreira da desforra!

Os protistas e o obscuro acervo
rijo
Dos espongiários e dos infusórios
Recebiam com os seus órgãos
sensórios
O triunfo emocional do regozijo!

E apesar de já ser assim tão tarde,
Aquele humanidade parasita,
Como um bicho inferior, berrava,
aflita,
No meu temperamento de covarde!

Mas, refletindo, a sós, sobre o meu
caso,

Vi que, igual a um amniota
subterrâneo,
Jazia atravessada no meu crânio
A intercessão fatídica do atraso!

A hipótese genial do microzima
Me estrangulava o pensamento
guapo,
E eu me encolhia todo como um sapo
Que tem um peso incômodo por
cima!

Nas agonias do delirium-tremens,
Os bêbados alvares que me
olhavam,
Com os copos cheios esterilizavam
A substância prolífica dos semens!

Enterravam as mãos dentro das
goelas,
E sacudidos de um tremor indômito
Expeliam, na dor forte do vômito,
Um conjunto de gosmas amarelas.

Iam depois dormir nos lupanares
Onde, na glória da concupiscência,
Depositavam quase sem consciência
As derradeiras forças musculares.

Fabricavam destarte os
blastodermas,
Em cujo repugnante receptáculo
Minha perscrutação via o
espetáculo

De uma progênie idiota de palermas.

Prostituição ou outro qualquer
nome,
Por tua causa, embora o homem te
aceite,
É que as mulheres ruins ficam sem
leite
E os meninos sem pai morrem de
fome!

Por que há de haver aqui tantos
enterros?
Lá no "Engenho" também, a morte é
ingrata...
Há o malvado carbúnculo que mata
A sociedade infante dos bezerros!

Quantas moças que o túmulo
reclama!
E após a podridão de tantas moças,
Os porcos espojando-se nas poça
Da virgindade reduzida à lama!

Morte, ponto final da última cena,
Forma difusa da matéria imbele,
Minha filosofia te repele,
Meu raciocínio enorme te condena!

Diante de ti, nas catedrais mais
ricas,
Rolam sem eficácia os amuletos,
Oh! Senhora dos nossos esqueletos
E da caveiras diárias que fabricas!

E eu desejava ter, numa ânsia rara,
Ao pensar nas pessoas que perdera,
A inconsciência das máscaras de
cera
Que a gente prega, com um cordão,
na cara!

Era um sonho ladrão de submergir-
me
Na vida universal, e, em tudo
imerso,
Fazer da parte abstrata do
Universo,
Minha morada equilibrada e firme!

Nisto, pior que o remorso do
assassino,
Reboou, tal qual, num fundo de
caverna,
Numa impressionadora voz interna,
O eco particular do meu Destino:

III

"Homem! por mais que a Idéia
desintegres,
Nessas perquisições que não têm
pausa,
Jamais, magro homem, saberás a

causa

De todos os fenômenos alegres!

Em vão, com a bronca enxada

árdega, sondas

A estéril terra, e a hialina lâmpada

oca,

Trazes, por perscrutar (oh! ciência
louca!)

O conteúdo das lágrima hediondas.

Negro e sem fim é esse em que te
mergulhas

Lugar do Cosmos, onde a dor

infrene

É feita como é feito o querosene

Nos recôncavos úmidos das hulhas!

Porque, para que a Dor perscrutes,
fora

Mister que, não como és, em

síntese, antes

Fosses, a refletir teus

semelhantes,

A própria humanidade sofredora!

A universal complexidade é que Ela

Compreende. E se, por vezes, se

divide,

Mesmo ainda assim, seu todo não

reside

No quociente isolado da parcela!

Ah! Como o ar imortal a Dor não

finda!

Das papilas nervosas que há nos
tatos

Veio e vai desde os tempos mais
transatos

Para outros tempos que hão de vir
ainda!

Como o machucamento das insônias
Te estraga, quando toda a estuada
Idéia

Dás ao sôfrego estudo da ninféia
E de outras plantas dicotiledôneas!

A diáfana água alvíssima e a hórrida
áscua

Que da ígnea flama bruta, estriada,
espirra;

A formação molecular da mirra,
O cordeiro simbólico da Páscoa;

As rebeladas cóleras que rugem
No homem civilizado, e a ele se
prendem

Como às pulseiras que os mascates
vendem

A aderência teimosa da ferrugem;

O orbe feraz que bastos tojos
acres

Produz; a rebelião que, na batalha,
Deixa os homens deitados, sem
mortalha,

Na sangueira concreta dos

massacres;

Os sanguinolentíssimos chicotes
Da hemorragia; as nódoas mais
espessas,
O achatamento ignóbil das cabeças,
Que ainda degrada os povos
hotentotes;

O Amor e a Fome, a fera ultriz que
o fojo
Entra, à espera que a mansa vítima
o entre,
- Tudo que gera no materno ventre
A causa fisiológica do nojo;

As pálpebras inchadas na vigília,
As aves moças que perderam a asa,
O fogão apagado de uma casa,
Onde morreu o chefe da família;

O trem particular que um corpo
arrasta
Sinistramente pela via férrea,
A cristalização da massa térrea,
O tecido da roupa que se gasta;

A água arbitrária que hiulcos caules
grossos
Carrega e come; as negras formas
feias
Dos aracnídeos e das centopéias,
O fogo-fátuo que ilumina os ossos;

As projeções flamívoras que
ofusca,
Como uma pincelada rembrandtesca,
A sensação que uma coalhada
fresca
Transmite às mãos nervosas dos
que a buscam;

O antagonismo de Tifon e Osíris,
O homem grande oprimido o homem
pequeno,
A lua falsa de um parasseleno,
A mentira meteórica do arco-íris;

Os terremotos que, abalando os
solos,
Lembram paióis de pólvora
explodindo,
A rotação dos fluidos produzindo
A depressão geológica dos pólos;

O instinto de procriar, a ânsia
legítima
Da alma, afrontando ovante aziagos
riscos,
O juramento dos guerreiros priscos
Metendo as mãos nas glândulas da
vítima;

As diferenciações que o
psicoplasma
Humano sofre na mania mística,
A pesada opressão característica
Dos 10 minutos de um acesso de

asma;

E, (conquanto contra isto ódios
regougues)
A utilidade fúnebre da corda
Que arrasta a rês, depois que a rês
engorda,
À morte desgraçada dos açougues...

Tudo isto que o terráqueo abismo
encerra
Forma a complicação desse barulho
Travado entre o dragão do humano
orgulho
E as forças inorgânica da terra!

Por descobrir tudo isso, embalde
cansas!
Ignoto é o gérmen dessa força
ativa
Que engendra, em cada célula
passiva,
A heterogeneidade das mudanças!

Poeta, feto malsão, criado com os
sucos
De um leite mau, carnívoro
asqueroso,
Gerado no atavismo monstruoso
Da alma desordenada dos malucos;

Última das criaturas inferiores
Governada por átomos mesquinhos,
Teu pé mata iberdade dos

caminhos
E esteriliza os ventres geradores!

O áspero mal que a tudo, em torno,
trazes,
Análogo é ao que, negro e a seu
turno,
Traz o ávido filóstomo noturno
Ao sangue dos mamíferos vorazes!

Ah! Por mais que, com o espírito,
trabalhes
A perfeição dos seres existentes,
Hás de mostrar a cárie dos teus
dentes
Na anatomia horrenda dos detalhes!

O Espaço - esta abstração
spencereana
Que abrange as relações de
coexistência
É só! Não tem nenhuma dependência
Com as vértebras mortais da
espécie humana!

As radiantes elipses que as estrelas
Traçam, e ao espectador falsas se
antolham
São verdades de luz que os homens
olham
Sem poder, no entretanto,
compreendê-las.

Em vão, com a mão corrupta, outro

éter pedes
Que essa mão, de esqueléticas
falanges,
Dentro dessa água que com a vista
abranges,
Também prova o princípio de
Arquimedes!

A fadiga feroz que te esbordoia
Há de deixar-te essa medonha
marca,
Que, nos corpos inchados de
anasarca,
Deixam os dedos de qualquer
pessoa!

Nem terás no trabalho que tiveste
A misericordiosa toalha amiga,
Que afaga os homens doentes de
bexiga
E enxuga, à noite, as pústulas da
peste!

Quando chegar depois a hora
tranqüila,
Tu serás arrastado, na carreira,
Como um cepo inconsciente de
madeira
Na evolução orgânica da argila!

Um dia comparado com um milênio
Seja, pois, o teu último Evangelho...
É a evolução do novo para o velho
E do homogêneo para o

heterogêneo!

Adeus! Fica-te aí, com o abdômen
largo
A apodrecer!... És poeira, e embalde
vibras!
O corvo que comer as tuas fibras
Há de achar nelas um sabor
amargo!"

IV

Calou-se a voz. A noite era funesta.
E os queixos, a exhibir trismos
danados,
Eu puxava os cabelos desgrenhados
Como o rei Lear, no meio da
floresta!
Maldizia, com apóstrofes
veementes,
No estentor de mi línguas
insurretas,
O convencionalismo das Pandetas
E os textos maus dos códigos
recentes!

Minha imaginação atormentada
Paria absurdos... Como diabos
juntos,
Perseguiam-me os olhos dos
defuntos
Com a carne da esclerótica
esverdeada.

Secara a clorofila das lavouras.
Igual aos sustentados de uma
endecha
Vinha-me às cordas glóticas a
queixa
Das coletividades sofredoras.

O mundo resignava-se invertido
Nas forças principais do seu
trabalho...
A gravidade era um princípio falho,
A análise espectral tinha mentido!

O Estado, a Associação, os
Municípios
Eram mortos. De todo aquele mundo
Restava um mecanismo moribundo
E uma teleologia sem princípios.

Eu queria correr, ir para o inferno ,
Para que, da psique no oculto jogo,
Morressem sufocadas pelo fogo
Todas as impressões do mundo
externo!

Mas a Terra negava-me o
equilíbrio...
Na Natureza, uma mulher de luto
Cantava, espiando as árvores sem
fruto,
A canção prostituta do ludíbrio!

BUDISMO MODERNO

Tome, Dr., esta tesoura e... corte
Minha singularíssima pessoa.
Que importa a mim que a bicharia
roa
Todo o meu coração depois da
morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha
sorte!
Também, das diatomáceas da lagoa
A criptógama cápsula se esbroa
Ao contrato de bronca destra
forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida
Igualmente a uma célula caída
Na aberração de um óvulo
infecundo;

Mas o agregado abstrato das
saudades
Fique batendo nas perpétuas
grades
Do último verso que eu fizer no
mundo!

SONHO DE UM MONISTA

Eu e o esqueleto esquelido de
Esquilo

Viajávamos, com uma ânsia sibarita,
Por toda a pró-dinâmica infinita,
Na inconsciência de um zoófito
tranqüilo.

A verdade espantosa do Protilo
Me aterrava, mas dentro da alma
aflita
Via Deus - essa mônada esquisita -
Coordenando e animando tudo
aquilo!

E eu bendizia, com o esqueleto ao
lado,
Na guturalidade do meu brado,
Alheio ao velho cálculo dos dias,

Como um pagão no altar de
Proserpina,
A energia intracósmica divina
Que é o pai e é a mãe das outras
energias!

SOLITÁRIO

Como um fantasma que se refugia
Na solidão da natureza morta,
Por trás dos ermos túmulos, um dia,
Eu fui refugiar-me à tua porta!

Fazia frio e o frio que fazia
Não era esse que a carne nos

conforta...
Cortava assim como em carniçaria
O aço das facas incisivas corta!

Mas tu não vieste ver minha
Desgraça!
E eu saí, como quem tudo repele,
- Velho caixão a carregar destroços
-

Levando apenas na tumbal carcaça
O pergaminho singular da pele
E o chocalho fatídico dos ossos!

MATER ORIGINALIS

Forma vermicular desconhecida
Que estacionaste, mísera e mofina,
Como quase impalpável gelatina,
Nos estados prodrômicos da vida;

O hierofante que leu a minha sina
Ignorante é de que és, talvez,
nascida
Dessa homogeneidade indefinida
Que o insigne Herbert Spencer nos
ensina.

Nenhuma ignota união ou nenhum
nexo
À contingência orgânica do sexo
A tua estacionária alma prendeu...

Ah! De ti foi que, autônoma e sem
normas,
Oh! Mãe original das outras formas,
A minha forma lúgubre nasceu!

O LUPANAR

Ah! Por que monstruosíssimo motivo
Prenderam para sempre, nesta
rede,
Dentro do ângulo diedro da parede,
A alma do homem polígamo e
lascivo?!

Este lugar, moços do mundo, vede:
É o grande bebedouro coletivo,
Onde os bandalhos, como um gado
vivo,
Todas as noites, vêm matar a sede!

É o afrodístico leite do hetairismo,
A antecâmara lúbrica do abismo,
Em que é mister que o gênero
humano entre,

Quando a promiscuidade aterradora
Matar a última força geradora
E comer o último óvulo do ventre!

IDEALISMO

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!
O amor da Humanidade é uma mentira.
É. E é por isto que na minha lira
De amores fúteis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!
Quando, se o amor que a Humanidade inspira
É o amor do sibarita e da hetaíra,
De Messalina e de Sardanapalo?!

Pois é mister que, para o amor sagrado,
O mundo fique imaterializado
- Alavanca desviada do seu fulero -

E haja só amizade verdadeira
Duma caveira para outra caveira,
Do meu sepulcro para o teu sepulcro?!

ÚLTIMO CREDO

Como ama o homem adúltero o adultério
E o ébrio a garrafa tóxica de rum,
Amo o coveiro - este ladrão comum

Que arrasta a gente para o
cemitério!

É o transcendentalíssimo mistério!
É o nous, é o pneuma, é o ego sum
qui sum,
É a morte, é esse danado número
Um
Que matou Cristo e que matou
Tibério!

Creio, como o filósofo mais crente,
Na generalidade decrescente
Com que a substância cósmica
evolui...

Creio, perante a evolução imensa,
Que o homem universal de amanhã
vença
O homem particular que eu ontem
fui!

O CAIXÃO FANTÁSTICO

Célebre ia o caixão, e, nele,
inclusas,
Cinzas, caixas cranianas,
cartilagens
Oriundas, como os sonhos dos
selvagens,
De aberratórias abstrações

abstrusas!

Nesse caixão iam talvez as Musas,
Talvez meu Pai! Hoffmânnicas
visagens
Enchiam meu encéfalo de imagens
As mais contraditórias e confusas!

A energia monística do Mundo,
À meia-noite, penetrava fundo
No meu fenomenal cérebro cheio...

Era tarde! Fazia muito frio.
Na rua apenas o caixão sombrio
Ia continuando o seu passeio!

SOLILÓQUIO DE UM VISIONÁRIO

Para desvirginar o labirinto
Do velho e metafísico Mistério,
Comi meus olhos crus no cemitério,
Numa antropofagia de faminto!

A digestão desse manjar funéreo
Tornado sangue transformou-me o
instinto
De humanas impressões visuais que
eu sinto,
Nas divinas visões do íncole etéreo!

Vestido de hidrogênio

incandescente,
Vaguei um século, improficuamente,
Pelas monotonias siderais...

Subi talvez às máximas alturas,
Mas, se hoje volto assim, com a
alma às escuras,
É necessário que inda eu suba mais!

A UM CARNEIRO MORTO

Misericordiosíssimo carneiro
Esquartejado, a maldição de Pio
Décimo caia em teu algoz sombrio
E em todo aquele que for seu
herdeiro!

Maldito seja o mercador vadio
Que te vender as carnes por
dinheiro,
Pois, tua lã aquece o mundo inteiro
E guarda as carnes dos que estão
com frio!

Quando a faca rangeu no teu
pescoço,
Ao monstro que espremeu teu
sangue grosso
Teus olhos - fontes de perdão -
perdoaram!

Oh! tu que no Perdão eu simbolizo,

Se fosses Deus, no Dia de Juízo,
Talvez perdoasses os que te
mataram!

VOZES DA MORTE

Agora, sim! Vamos morrer,
reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da
nervura,
Eu, com o envelhecimento dos
tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos
Vencidos!
E a podridão, meu velho! E essa
futura
Ultrafatalidade de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas
sementes!
E assim, para o Futuro, em
diferentes
Florestas, vales, selvas, glebas,
trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte, inda teremos
filhos!

INSÂNIA DE UM SIMPLES

Em cismas patológicas insanas,
É-me grato adstringir-me, na
hierarquia
Das formas vivas, à categoria
Das organizações liliputianas;

Ser semelhante aos zoófitos e às
lianas,
Ter o destino de uma larva fria,
Deixar enfim na cloaca mais
sombria
Este feixe de células humanas!

E enquanto arremedando Éolo
iracundo,
Na orgia heliogabálica do mundo,
Ganem todos os vícios de uma vez,

Apraz-me, adstrito ao triângulo
mesquinho
De um delta humilde, apodrecer
sozinho
No silêncio de minha pequenez!

OS DOENTES

I

Como uma cascavel que se
enroscava,
A cidade dos lázaros dormia...
Somente, na metrópole vazia,
Minha cabeça autônoma pensava!

Mordia-me a obsessão má de que
havia,
Sob os meus pés, na terra onde eu
pisava,
Um fígado doente que sangrava
E uma garganta de órfã que gemia!

Tentava compreender com as
conceptivas
Funções do encéfalo as substâncias
vivas
Que nem Spencer, nem Haeckel
[compreenderam...

E via em mim, coberto de
desgraças,
O resultado de bilhões de raças
Que há muitos anos desapareceram!

II

Minha angústia feroz não tinha
nome.
Ali, na urbe natal do Desconsolo,
Eu tinha de comer o último bolo
Que Deus fazia para a minha fome!

Convulso, o vento entoava um
pseudosalmo.
Contrastando, entretanto, com o ar
convulso
A noite funcionava como um pulso
Fisiologicamente muito calmo.

Caíam sobre os meus centros
nervosos,
Como os pingos ardentes de cem
velas,
O uivo desenganado das cadelas
E o gemido dos homens bexigosos.

Pensava! E em que eu pensava, não
perguntas!
Mas, em cima de um túmulo, um
cachorro
Pedia para mim água e socorro
À comiseração dos transeuntes!

Bruto, de errante rio, alto e
hórrido, o urro
Reboava. Além jazia aos pés da
serra,
Criando as superstições de minha
terra,
A queixada específica de um burro!
Gordo adubo da agreste urtiga
brava,
Benigna água, magnânima e
magnífica,
Em cuja álgida unção, branda e
beatífica,

A Paraíba indígena se lava!

A manga, a ameixa, a amêndoa, a
abóbora, o
[álamo
E a câmara odorífera dos sumos
Absorvem diariamente o ubérrimo
húmus
Que Deus espalha à beira do teu
tálamo!

Nos de teu curso desobstruídos
trilhos,
Apenas eu compreendo, em
quaisquer horas,
O hidrogênio e o oxigênio que tu
choras
Pelo falecimento dos teus filhos!

Ah! Somente eu compreendo,
satisfeito,
A incógnita psique das massas
mortas
Que dormem, como as ervas, sobre
as hortas,
Na esteira igualitária do teu leito!

O vento continuava sem cansaço
E enchia com a fluidez do eólico
hissopo
Em seu fantasmagórico galope
A abundância geométrica do espaço.

Meu ser estacionava, olhando os

campos
Circunjacentes. No Alto, os astros
miúdos
Reduziam os Céus sérios e rudos
A uma epiderme cheia de sarampos!

III

Dormia embaixo, com a promíscua
véstia
No embotamento crasso dos
sentidos,
A comunhão dos homens reunidos
Pela camaradagem da moléstia.

Feriam-me o nervo óptico e a retina
Aponevroses e tendões de Aquiles,
Restos repugnantíssimos de bílis,
Vômitos impregnados de ptialina.

Da degenerescência étnica do Ária
Se escapava, entre estrépitos e
estouros,
Reboando pelos séculos vindouros,
O ruído de uma tosse hereditária.

Oh! desespero das pessoas tísicas,
Adivinhando o frio que há nas
lousas,
Maior felicidade é a destas cousas
Submetidas apenas às leis físicas!

Estas, por mais que os cardos

grandes rocem
Seus corpos brutos, dores não
recebem;
Estas dos bacalhaus o óleo não
bebem,
Estas não cospem sangue, estas não
tossem!

Descender dos macacos catarríneos
Cair doente e passar a vida inteira
Com a boca junto de uma
escarradeira,
Pintando o chão de coágulos
sanguíneos!

Sentir, adstritos ao quimiotropismo
Erótico, os micróbios assanhados
Passearem, como inúmeros
soldados,
Nas cancerosidades do organismo!

Falar somente uma linguagem rouca,
Um português cansado e
incompreensível,
Vomitar o pulmão na noite horrível
Em que se deita sangue pela boca!

Expulsar, aos bocados, a existência
Numa bacia autômata de barro,
Alucinado, vendo em cada escarro
O retrato da própria consciência!

Querer dizer a angústia de que é
pábulo,

E com a respiração já muito fraca
Sentir como que a ponta de uma
faca,
Cortando as raízes do último
vocábulo!

Não haver terapêutica que arranque
Tanta opressão como se, com
efeito,
Lhe houvesse sacudido sobre o
peito
A máquina pneumática de Bianchi!

E o ar fugindo e a Morte a arca da
tumba
A erguer, como um cronômetro
gigante,
Marcando a transição emocionante
Do lar materno para a catacumba!

Mas vos não lamenteis, magra
mulheres,
Nos ardores danados da febre
hética,
Consagrando vossa última fonética
A uma recitação de misereres.

Antes levardes ainda uma quimera
Para a garganta omnívora das lajes
Do que morrerdes, hoje, urrando
ultrajes
Contra a dissolução que vos espera!

Porque a morte, resfriando-vos o

rosto,
Consoante a minha concepção
vesânica
Há de pagar um dia o último
imposto!

Começara a chover. Pelas algentes
Ruas, a água, em cachoeiras
desobstruídas,
Encharcava os buracos das feridas,
Alagava a medula dos Doentes!

Do fundo do meu trágico destino,
Onde a Resignação os braços cruza,
Saía, com o vexame de uma fusa,
A mágoa gaguejada de um cretino.

Aquele ruído obscuro de gagueira
Que à noite, em sonhos mórbidos,
me acorda,
Vinha da vibração bruta da corda
Mais recôndita da alma brasileira!

Aturdia-me a tétrica miragem
De que, naquele instante, no
Amazonas,
Fedia, entregue a vísceras gluttonas,
A carcaça esquecida de um
selvagem.

A civilização entrou na taba
Em que ele estava. O gênio de
Colombo
Manchou de opróbrios a alma do

mazombo,
Cuspiu na cova do morubixaba!

E o índio, por fim, adstrito à étnica
escória,
Recebeu, tendo o horror no rosto
impresso,
Esse achincalhamento do progresso
Que o anulava na crítica da
História!

Como quem analisa uma apostema,
De repente, acordando na desgraça,
Viu toda a podridão de sua raça...
Na tumba de Iracema!...

Ah! Tudo, como um lúgubre ciclone,
Exercia sobre ele ação funesta
Desde o desbravamento da floresta
À ultrajante invenção do telefone.

E sentia-se pior que um vagabundo
Microcéfalo vil que a espécie
encerra,
Desterrado na sua própria terra,
Diminuído na crônica do mundo!

A hereditariedade dessa pecha
Seguira seus filhos. Dora em diante
Seu povo tombaria agonizante
Na luta da espingarda com a flecha!

Veio-lhe então como à fêmea vêm
antojos,

Uma desesperada ânsia improfícua
De estrangular aquela gente iníqua
Que progredia sobre os seus
despojos!

Mas, diante a xantocróide raça
loura,
Jazem, caladas, todas as inúbias,
E agora, sem difíceis nuances
dúbias,
Com uma clarividência aterradora,

Em vez de prisca tribo e indiana
tropa
A gente deste século, espantada,
Vê somente a caveira abandonada
De uma raça esmagada pela Europa!

Era a hora em que arrastados pelos
ventos,
Os fantasmas hamléticos dispersos
Atiram na consciência dos
perversos
A sombra dos remorsos famulentos.

As mães sem coração rogavam
pragas
Aos filhos bons. E eu, roído pelos
medos,
Batia com o pentágono dos dedos
Sobre um fundo hipotético de
chagas!

Diabólica dinâmica daninha

Oprimia meu cérebro indefeso
Com a força onerosíssima de um
peso
Que eu não sabia mesmo de onde
vinha.

Perfurava-me o peito a áspera pua
Do desânimo negro que me prostra,
E quase a todos os momentos
mostra
Minha caveira aos bêbedos da rua.

Hereditariiedades polítícas
Punham na minha boca putrescível
Interjeições de abracadabra
horrível
E os verbos indignados das Filípicas.

Todos os vocativos dos blasfemos,
No horror daquela noite
monstruosa,
Maldiziam, com voz estentorosa,
A peçonha inicial de onde nascemos.

Como que havia na ânsia de
conforto
De cada ser, ex.: o homem e ofídio,
Uma necessidade de suicídio
Em um desejo incoercível de ser
morto!

Naquela angústia absurda e
tragicômica
Eu chorava, rolando sobre o lixo,

Com a contorção neurótica de um
bicho
Que ingeriu 30 gramas de noz-
vômica.

E, como um homem doido que se
enforca,
Tentava, na terráquea superfície,
Consustanciar-me todo com a
imundície,
Confundir-me com aquela coisa
porca!

Vinha, às vezes, porém, o anelo
instável
De, com o auxílio especial do osso
masséter
Mastigando homeomérias neutras
de éter
Nutrir-me da matéria imponderável.

Anelava ficar um dia, em suma,
Menor que o anfióxus e inferior à
tênia,
Reduzido à plastídula homogênea,
Sem diferenciação de espécie
alguma.

Era (nem sei em síntese o que diga)
Um velhíssimo instinto atávico, era
A saudade inconsciente da monera
Que havia sido minha mãe antiga!

Com o horror tradicional da raiva

corça

Minha vontade era, perante a cova,
Arrancar do meu próprio corpo a
prova
Da persistência trágica da força.

A pragmática má de humanos usos
Não compreende que a Morte que
não dorme
É a absorção do movimento enorme
Na dispersão dos átomos difusos.

Não me incomoda esse último
abandono.
Se a carne individual hoje
apodrece,
Amanhã, como Cristo, reaparece
Na universalidade do carbono!

A vida vem do éter que se
condensa,
Mas o que mais no Cosmo me
entusiasma
É a esfera microscópica do plasma
Fazer a luz do cérebro que pensa.

Eu voltarei, cansado da árdua liça,
À substância inorgânica primeva,
De onde, por epigênese, veio Eva
E a stirpe radiolar chamada
Actissa!

Quando eu for misturar-me com as
violetas,

Minha lira, maior que a Bíblia e a
Fedra,
Reviverá, dando emoção à pedra,
Na acústica de todos os planetas!

VI

À álgida agulha, agora, alva, a
saraiva
Caindo, análoga era... Um cão agora
Punha a atra língua hidrófoba de
fora
Em contrações miológicas de raiva.

Mas, para além, entre oscilantes
chamas,
Acordavam os bairros da luxúria...
As prostitutas, doentes de
hematúria,
Se extenuavam nas camas.

Uma, ignóbil, derreada de cansaço,
Quase que escangalhada pelo vício,
Cheirava com prazer no sacrifício
A lepra má que lhe roía o braço!

E ensangüentava os dedos da mão
nívea
Com o sentimento gasto e a emoção
podre,
Nessa alegria bárbara que cobre
Os saracoteamentos da lascívia...

De certo, a perversão de que era
presa
O sensorium daquela prostituta
Vinha da adaptação quase absoluta
À ambiência microbiana da baixeza!

Entanto, virgens fostes, e, quando o
éreis,
Não tínheis ainda essa erupção
cutânea,
Nem tínheis, vítima última da
insânia,
Duas mamárias glândulas estéreis!

Ah! Certamente, não havia ainda
Rompido, com violência, no
horizonte,
O sol malvado que secou a fonte
De vossa castidade agora finda!

Talvez tivésseis fome, e as mãos,
embalde,
Estendeste ao mundo, até que, à
toa,
Fostes vender a virginal coroa
Ao primeiro bandido do arrabalde.

E estais velha! - De vós o mundo é
farto,
E hoje, que a sociedade vos enxota,
Somente as bruxas negras da
derrota
Freqüentam diariamente vosso
quarto!

Prometem-vos (quem sabe?!) entre
os ciprestes
Longe da mancebia dos alcouces,
Nas quietudes nirvânicas mais
doces,
O noivado que em vida não tivestes!

VII

Quase todos os lutos conjugados,
Como uma associação de monopólio,
Lançavam pinceladas pretas de óleo
Na arquitetura arcaica dos
sobrados.

Dentro da noite funda um braço
humano
Parecia cavar ao longe um poço
Para enterrar minha ilusão de
moço,
Como a boca de um poço artesiano!

Atabalhoadamente pelos becos,
Eu pensava nas coisas que perecem,
Desde as musculaturas que
apodrecem
À ruína vegetal dos lírios secos.

Cismava no propósito funéreo
Da mosca debochada que fareja
O defunto, no chão frio da igreja,
E vai depois levá-lo ao cemitério!

E esfregando as mãos magras, eu,
inquieta,
Sentia, na craniana caixa tosca,
A racionalidade dessa mosca,
A consciência terrível desse inseto!

Regougando, porém, argots e
aljâmias,
Como quem nada encontra que o
perturbe,
A energúmena grei dos ébrios da
urbe
Festejava seu sábado de infâmias.
A estática fatal das paixões cegas,
Rugindo fundamente nos neurônios,
Puxava aquele povo de demônios,
Para a promiscuidade das adegas.

E a ébria turba que escaras sujas
masca,
Á falta idiossincrásica de
escrúpulo,
Absorvia com gáudio absinto, lúpulo
E outras substâncias tóxicas da
tasca.

O ar ambiente cheirava a ácido
acético,
Mas, de repente, com o ar de quem
empesta,
Apareceu, escorraçando a festa,
A mandíbula inchada de um
morfético!

Saliências polimórficas vermelhas,
Em cujo aspecto o olhar perspícuo
prendo,
Punham-lhe num destaque horrendo
o horrendo
Tamanho aberratório das orelhas.

O fácies do morfético assombrava!
- Aquilo era uma negra eucaristia,
Onde minh'alma inteira surpreendia
A Humanidade que se lamentava!

Era todo o meu sonho, assim,
inchado,
Já podre, que a morféia miserável
Tornava às impressões táteis,
palpável,
Como se fosse um corpo organizado!

VIII

Em torno a mim, nesta hora,
estriges voam,
E o cemitério, em que eu entrei
adrede,
Dá-me a impressão de um boulevard
que fede,
Pela degradação dos que o povoam.

Quanta gente, roubada à humana
coorte,
Morre de fome, sobre a palha

espessa,
Sem ter, como Ugolino, uma cabeça
Que possa mastigar na hora da
morte;

E nua, após baixar ao caos budista,
Vem para aqui, nos braços de um
canalha,
Porque o madapolão para a mortalha
Custa 1\$200 ao lojista!

Que resta das cabeças que
pensaram?!
E afundado nos sonhos mais
nefastos,
Ao pegar num milhão de miolos
gastos,
Todos os meus cabelos se
arrepiam.
Os evolucionismos benfeitores
Que por entre os cadáveres
caminham,
Iguais a irmãs de caridade, vinham
Com a podridão dar de comer às
flores!

Os defuntos então me ofereciam
Com as articulações das mãos
inermes,
Num prato de hospital, cheio de
vermes,
Todos os animais que apodreciam!

É possível que o estômago se afoite

(Muito embora contra isto a alma se
irrite)

A cevar o antropófago apetite,
Comendo carne humana, à meia-
noite!

Com uma ilimitadíssima tristeza,
Na impaciência do estômago vazio,
Eu devorava aquele bolo frio
Feito das podridões da Natureza!

E hirto, a camisa suada, a alma aos
arrancos,
Vendo passar com as túnicas
obscuras,
As escaveiradíssimas figuras
Das negras desonradas pelos
brancos;

Pisando, como quem salta, entre
fardos,
Nos corpos nus das moças
hotentores
Entregues, ao clarão de alguns
archotes,
À sodomia indigna dos moscardos;

Eu maldizia o deus de mãos
nefandas
Que, transgredindo a igualitária
regra
Da Natureza, atira a raça negra
Ao contubérnio diário das
quitandas!

Na evolução de minha dor grotesca,
Eu mendigava aos vermes
insubmissos
Como indenização dos meus
serviços,
O benefício de uma cova fresca.

Manhã. E eis-me a absorver a luz de
fora,
Como o íncola do pólo ártico, às
vezes,
Absorve, após a noite de seis
meses,
Os raios caloríficos da aurora.

Nunca mais as goteiras cairiam
Como propositais setas malvadas,
No frio matador das madrugadas,
Por sobre o coração dos que
sofriam!

Do meu cérebro à absconsa tábua
rasa
Vinha a luz restituir o antigo
crédito,
Proporcionando-me o prazer
inérito,
De quem possui um sol dentro de
casa.

Era a volúpia fúnebre que os ossos
Me inspiravam, trazendo-me ao sol
claro,

À apreensão fisiológica do faro
O odor cadaveroso dos destroços!

IX

O inventário do que eu já tinha sido
Espantava. Restavam só de Augusto
A forma de um mamífero vetusto
E a cerebralidade de um vencido!

O gênio procriador da espécie
eterna
Que me fizera, em vez de hiena ou
lagarta,
Uma sobrevivência de Sidarta,
Dentro da filogênese moderna;

E arranca milhares de existências
Do ovário ignóbil de uma fauna
imunda,
Ia arrastando agora a alma
infecunda
Na mais triste de todas as
falências.

Um céu calamitoso de vingança
Desagregava, désposta e sem
normas,
O adesionismo biôntico das formas
Multiplicadas pela lei da herança!

A ruína vinha horrenda e deletéria
Do subsolo infeliz, vinha de dentro

Da matéria em fusão que ainda há
no centro,
Para alcançar depois a periferia!

Contra a Arte, oh! Morte, em vão
teu ódio
[exerces!
Mas, a meu ver, os sáxeos prédios
tortos
Tinham aspectos de edifícios
mortos
Decompondo-se desde os alicerces!

A doença era geral, tudo a
extenuar-se
Estava. O Espaço abstrato que não
morre
Cansara... O ar que, em colônias
fluidas, corre,
Parecia também desagregar-se!

O pródromos de um tétano
medonho
Repuxavam-me o rosto... Hirto de
espanto,
Eu sentia nascer-me n'alma,
entanto,
O começo magnífico de um sonho!

Entre as formas decrepitas do
povo,
Já batiam por cima dos estragos
A sensação e os movimentos vagos
Da célula inicial de um Cosmo novo!

O letargo larvário da cidade
Crescia. Igual a um parto, numa
furna,
Vinha da original treva noturna,
O vagido de uma outra Humanidade!

E eu, com os pés atolados no
Nirvana,
Acompanhava, com um prazer
secreto,
A gestação daquele grande feto,
Que vinha substituir a Espécie
Humana!

ASA DE CORVO

Asa de corvos carniceiros, asa
De mau agouro que, nos doze meses,
Cobre às vezes o espaço e cobre às
vezes
O telhado de nossa própria casa...

Perseguido por todos os reveses,
É meu destino viver junto a essa
asa,
Como a cinza que vive junto à brasa,
Como os Goncourts, como os irmãos
siameses!

È com essa asa que eu faço este

soneto

E a indústria humana faz o pano
preto
Que as famílias de luto martiriza...

É ainda com essa asa extraordinária
Que a Morte - a costureira
funerária -
Cose para o homem a última camisa!

O MARTÍRIO DO ARTISTA

Arte ingrata! E conquanto, em
desalento,
A órbita elipsoidal dos olhos lhe
arda,
Busca exteriorizar o pensamento
Que em suas fronetas células
guarda!

Tarda-lhe a Idéia! A inspiração lhe
tarda!
E ei-lo a tremer, rasga o papel,
violento,
Como o soldado que rasgou a farda
No desespero do último momento!

Tenta chorar e os olhos sente
enxutos!...
É como o paralítico que, à míngua
Da própria voz e na que ardente o

lavra

Febre de em vão falar, com os
dedos brutos
Para falar, puxa e repuxa a língua,
E não lhe vem à boca uma palavra!

DUAS ESTROFES

(À memória de João de Deus)
Ahi! ciechi! il tanto affaticar che
giova?
Tutti torniamo alla gran madre
antica
E il nostro nome appena si ritrova.

Petrarca

A queda do teu lírico arrabil
De um sentimento português ignoto
Lembra Lisboa, bela como um
brinco,
Que um dia no ano trágico de mil
E setecentos e cinquenta e cinco,
Foi abalada por um terremoto!

A água quieta do Tejo te abençoa.
Tu representas toda essa Lisboa
De glórias quase sobrenaturais,
Apenas com uma diferença triste,

Com a diferença que Lisboa existe
E tu, amigo, não existes mais!

O MAR, A ESCADA E O HOMEM

"Olha agora, mamífero inferior,
"À luz da epicurista ataraxia,
"O fracasso de tua geografia
"E do teu escafandro esmiuçador!

"Ah! Jamais saberás ser superior,
"Homem, a mim, conquanto ainda
hoje em dia,
"Com a ampla hélice auxiliar com
que outrora ia
"Voando ao vento o vastíssimo
vapor,

"Rasgue a água hórrida a nau árdega
e singre-me!"
E a verticalidade da Escada
íngreme:
"Homem, já transpuseste os meus
degraus?!"

E Augusto, o Hércules, o Homem,
aos soluços,
Ouvindo a escada e o mar, caiu de
bruços
No pandemônio aterrador do Caos!

DECADÊNCIA

Iguais às linhas perpendiculares
Caíram, como cruéis e hórridas
hastas,
Nas suas 33 vértebras gastas
Quase todas as pedras tumulares!

A frialdade dos círculos polares,
Em sucessivas atuações nefastas.
Penetrara-lhe os próprios
neuroplastas,
Estragara-lhe os centros
medulares!

Como quem quebra o objeto mais
querido
E começa a apanhar piedosamente
Todas as microscópicas partículas,

Ele hoje vê que, após tudo perdido,
Só lhe restam agora o último dente
E a armação funerária das
clavículas!

RICORDANZA DELLA MIA GIOVENTÚ

A minha ama-de-leite Guilhermina
Furtava as moedas que o Doutor me
dava.
Sinhá-Mocinha, minha Mãe,

ralhava...

Via naquilo a minha própria ruína!

Minha ama, então, hipócrita,
afetava

Susceptibilidades de menina:

"- Não, não fora ela! - " E maldizia a
sina,

Que ela absolutamente não furtava.

Vejo, entretanto, agora, em minha
cama,

Que a mim somente cabe o furto
feito...

Tu só furtaste a moeda, o ouro que
brilha...

Furtaste a moeda só, mas eu, minha
ama,

Eu furtei mais, porque furtei o
peito

Que dava leite para a tua filha!

A UM MASCARADO

Rasga essa máscara ótima de seda
E atira-a à arca ancestral dos
palimpsestos...

É noite, e, à noite, a escândalos e
incestos

É natural que o instinto humano

aceda!

Sem que te arranquem da garganta
queda
A interjeição danada dos protestos,
Hás de engolir, igual a um porco, os
restos
Duma comida horivelmente azeda!

A sucessão de hebdômadadas
medonhas
Reduzirá os mundos que tu sonhas
Ao microcosmos do ovo primitivo...

E tu mesmo, após a árdua e atra
refrega,
Terás somente uma vontade cega
E uma tendência obscura de ser
vivo!

VOZES DE UM TÚMULO

Morri! E a Terra - a mãe comum - o
brilho
Destes meus olhos apagou!... Assim
Tântalo, aos reais convivas, num
festim,
Serviu as carnes do seu próprio
filho!

Por que para este cemitério vim?!

Por quê?! Antes da vida o angusto
trilho
Palmilhasse, do que este que
palmilho
E que me assombra, porque não tem
fim!

No ardor do sonho que o fronema
exalta
Construí de orgulho ênea pirâmide
alta...
Hoje, porém, que se desmoronou

A pirâmide real do meu orgulho,
Hoje que apenas sou matéria e
entulho
Tenho consciência de que nada sou!

CONTRASTES

A antítese do novo e do obsoleto,
O Amor e a Paz, o Ódio e a
Carnificina,
O que o homem ama e o que o
homem
[abomina,
Tudo convém para o homem ser
completo!

O ângulo obtuso, pois, e o ângulo
reto,

Uma feição humana e outra divina
São como a eximenina e a
endimenina
Que servem ambas para o mesmo
feto!

Eu sei tudo isto mais do que o
Eclesiastes!
Por justaposição destes contrastes,
Junta-se um hemisfério a outro
hemisfério,

Às alegrias juntam-se as tristezas,
E o carpinteiro que fabrica as
mesas
Faz também os caixões do
cemitério!...

GEMIDOS DE ARTE

I

Esta desilusão que me acabrunha
É mais traidora do que o foi
Pilatos!...
Por causa disto, eu vivo pelos
matos,
Magro, roendo a substância córnea
da unha.

Tenho estremecimentos indecisos
E sinto, haurindo o tépido ar
sereno,
O mesmo assombro que sentiu
Parfeno
Quando arrancou os olhos de
Dionisos!

Em giro e em redemoinho em mim
caminham
Ríspidas mágoas estranguladoras,
Tais quais, nos fortes fulcros, as
tesouras
Brônzeas, também giram e
redemoinham.

Os pães - filhos legítimos dos
trigos -
Nutrem a geração do Ódio e da
Guerra...
Os cachorros anônimos da terra
São talvez os meus únicos amigos!

Ah! Por que desgraçada
contingência
À hispida aresta sáxea áspera e
abrupta
Da rocha brava, numa ininterrupta
Adesão, não preendi minha
existência?!

Por que Jeová, maior do que
Laplace,
Não fez cair o túmulo de Plínio

Por sobre todo o meu raciocínio
Para que eu nunca mais
raciocinasse?!

Pois minha Mãe tão cheia assim
daqueles
Carrinhos, com que guarda meus
sapatos,
Por que me deu consciência dos
meus atos
Para eu me arrepender de todos
eles?!

Quisera antes, mordendo glabros
talos,
Nabucodonosor ser no Pau d'Arco,
Beber a acre e estagnada água do
charco,
Dormir na manjedoura com os
cavalos!

Mas a carne é que é humana! A alma
é divina.
Dorme num leito de feridas, goza
O lodo, apalpa a úlcera cancerosa,
Beija a peçonha, e não se contamina!

Ser homem! escapar de ser aborto!
Sair de um ventre inchado que se
anoja,
Comprar vestidos pretos numa loja
E andar de luto pelo pai que é
morto!

E por trezentos e sessenta dias
Trabalhar e comer! Martírios
juntos!
Alimentar-se dos irmãos defuntos,
Chupar os ossos das alimarias!

Barulho de mandíbulas e abdômens!
E vem-me com um desprezo por
tudo isto
Uma vontade absurda de ser Cristo
Para sacrificar-me pelos homens!

Soberano desejo! Soberana
Ambição de construir para o homem
uma
Região, onde não cuspa língua
alguma
O óleo rançoso da saliva humana!

Uma região sem nódoas e sem lixos,
Subtraída à hediondez de ínfimo
casco,
Onde a força feroz coma o
carrasco
E o olho do estuprador se encha de
bichos!

Outras constelações e outros
espaços
Em que, no agudo grau da última
crise,
O braço do ladrão se paralise
E a mão da meretriz caia aos

pedaços!

II

O sol agora é de um fulgor
compacto,
E eu vou andando, cheio de
chamusco,
Com a flexibilidade de um molusco,
Úmido, pegajoso e untuoso ao tacto!

Reúnam-se em rebelião ardente e
acesa
Todas as minhas forças emotivas
E armem ciladas como cobras vivas
Para despedaçar minha tristeza!

O sol de cima espiando a flora moça
Arada, fustigue, queime, corte,
morda!...
Deleito a vista na verdura gorda
Que nas hastes delgadas se
balouça!

Avisto o vulto das sombrias granjas
Perdidas no alto... Nos terrenos
baixos,
Das laranjeiras eu admiro os cachos
E a ampla circunferência das
laranjas.
Ladra furiosa a tribo dos podengos.
Olhando para as pútridas charnecas
Grita o exército avulso das

marrecas

Na úmida copa dos bambus
verdoengos.

Um pássaro alvo artífice da teia
De um ninho, salta, no árdego
trabalho,
De árvore em árvore e de galho em
galho,
Com a rapidez duma semicolcheia.

Em grandes semicírculos aduncos,
Entrançados, pelo ar, largando
pêlos,
Voam à semelhança de cabelos
Os chicotes finíssimos dos juncos.

Os ventos vagabundos batem, bolem
Nas árvores. O ar cheira. A terra
cheira...
E a alma dos vegetais rebenta
inteira
De todos os corpúsculos do pólen.

A câmara nupcial de cada ovário
Se abre. No chão coleia a lagartixa.
Por toda a parte a seiva bruta
esguicha
Num extravasamento involuntário.

Eu, depois de morrer, depois de
tanta
Tristeza, quero, em vez do nome -
Augusto,

Possuir aí o nome dum arbusto
Qualquer ou de qualquer obscura
planta!

III

Pelo accidentadíssimo caminho
Faísca o sol. Nédios, batendo a
cauda,
Urram os bois. O céu lembra uma
lauda
Do mais incorruptível pergaminho.

Uma atmosfera má de incômoda
hulha
Abafa o ambiente. O aziago ar
morto a morte
Fede. O ardente calor da areia
forte
Racha-me os pés como se fosse
agulha.

Não sei que subterrânea e atra voz
rouca,
Por saibros e por cem côncavos
vales,
Como pela avenida das Mappales,
Me arrasta à casa do finado Toca!

Todas as tardes a esta casa venho.
Aqui, outrora, sem conchego nobre,
Viveu, sentiu e amou este homem
pobre

Que carregava canas para o
engenho!
Nos outros tempos e nas outras
eras,
Quantas flores! Agora, em vez de
flores,
Os musgos, como exóticos pintores,
Pintam caretas verdes nas taperas.

Na bruta dispersão de vítreos
cacos,
À dura luz do sol resplandecente,
Trôpega e antiga, uma parede
doente
Mostra a cara medonha dos
buracos.

O cupim negro broca o âmago fino
Do teto. E traça trombas de
elefantes
Com as circunvoluções
extravagantes
Do seu complicadíssimo intestino.

O lodo obscuro trepa-se nas portas.
Amontoadas em grossos feixes
rijos,
As lagartixas dos esconderijos
Estão olhando aquelas coisas
mortas!

Fico a pensar no Espírito disperso
Que, unindo a pedra ao gneiss e a
árvore à criança,

Como um anel enorme de aliança,
Une todas as coisas do Universo!

E assim pensando, com a cabeça em
brasas

Ante a fatalidade que me oprime,
Julgo ver este Espírito sublime,
Chamando-me do sol com as suas
asas!

Gosto do sol ignívomo e iracundo
Como o réptil gosta quando se
molha
E na atra escuridão dos ares, olha
Melancolicamente para o mundo!

Essa alegria imaterializada,
Que por vezes me absorve, é o
óbolo obscuro,
É o pedaço já podre de pão duro
Que o miserável recebeu na
estrada!

Não são os cinco mil milhões de
francos
Que a Alemanha pediu a Jules
Favre...
É o dinheiro coberto de azinhavre
Que o escravo ganha, trabalhando
aos brancos!

Seja este sol meu último consolo;
E o espírito infeliz que em mim se
encarna

Se alegre ao sol, como quem raspa a
sarna,
Só, com a misericórdia de um
tijolo!...

Tudo enfim a mesma órbita
percorre
E as bocas vão beber o mesmo
leite...
A lamparina quando falta o azeite
Morre, da mesma forma que o
homem morre.

Súbito, arrebentando horrenda
calma,
Grito, e se grito é para que meu
grito
Seja a revelação deste Infinito
Que eu trago encarcerado na
minh'alma!

Sol brasileiro! Queima-me os
destroços!
Quero assistir, aqui, sem pai que me
ame,
De pé, à luz da consciência infame,
À carbonização dos próprios ossos!

VERSOS DE AMOR

A um poeta erótico

Parece muito doce aquela cana.
Descasco-a, provo-a, chupo-a...
ilusão treda!
O amor, poeta, é como a cana
azedada,
A toda a boca que o não prova
engana.

Quis saber que era o amor, por
experiência,
E hoje que, enfim, conheço o seu
conteúdo,
Pudera eu ter, eu que idolatro o
estudo,
Todas as ciências menos esta
ciência!

Certo, este o amor não é que, em
ânsias, amo
Mas certo, o egoísta amor este é
que acinte
Amas, aposto a mim. Por
consequente
Chamas amor aquilo que eu não
chamo.

Oposto ideal ao meu ideal
conservas.
Diverso é, pois, o ponto outro de
vista

Consoante o qual, observo o amor,
do egoísta
Modo de ver, consoante o qual, o
observas.

Porque o amor, tal como eu o estou
amando,
É Espírito, é éter, é substância
fluida,
É assim como o ar que a gente pega
e cuida,
Cuida, entretanto, não o estar
pegando!

É a transubstanciação de instintos
rudes,
Imponderabilíssima e impalpável,
Que anda acima da carne miserável
Como anda a garça acima dos
açudes!

Para reproduzir tal sentimento
Daqui por diante, atenta a orelha
cauta,
Como Mársias - o inventor da flauta
-
Vou inventar também outro
instrumento!

Mas de tal arte e espécie tal fazê-
lo
Ambiciono, que o idioma em que te
eu falo
Possam todas as línguas decliná-lo

Possam todos os homens
compreendê-lo!

Para que, enfim, chegando à última
calma
Meu podre coração roto não role,
Integralmente desfibrado e mole,
Como um saco vazio dentro d'alma!

SONETOS

I

A meu Pai doente

Para onde fores, Pai, para onde
fores,
Irei também, trilhando as mesmas
ruas...
Tu, para amenizar as dores tuas,
Eu, para amenizar as minhas dores!

Que coisa triste! O campo tão sem
flores,
E eu tão sem crença e as árvores
tão nuas
E tu, gemendo, e o horror de nossas
duas
Mágoas crescendo e se fazendo
horrores!

Magoaram-te, meu Pai?! Que mão
sombria,
Indiferente aos mil tormentos teus
De assim magoar-te sem pesar
havia?!

- Seria a mão de Deus?! Mas Deus
enfim
É bom, é justo, e sendo justo, Deus,
Deus não havia de magoar-te assim!

II

Madrugada de Treze de Janeiro.
Rezo, sonhando, o ofício da agonia.
Meu Pai nessa hora junto a mim
morria
Sem um gemido, assim como um
cordeiro!

E eu nem lhe ouvi o alento
derradeiro!
Quando acordei, cuidei que ele
dormia,
E disse à minha Mãe que me dizia:
"Acorda-o"! deixa-o, Mãe, dormir
primeiro!

E saí para ver a Natureza!
Em tudo o mesmo abismo de beleza,
Nem uma névoa no estrelado véu...

Mas pareceu-me, entre as estrelas
flóreas,
Como Elias, num carro azul de
glórias,
Ver a alma de meu Pai subindo ao
Céu!

III

Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe
vidra.
Em seus lábios que os meus lábios
osculam
Microrganismos fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a
hórrida hidra
A uma só lei biológica vinculam,
E a marcha das moléculas regulam,
Com a invariabilidade da clepsidra!...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de
beijos
Roída toda de bichos, como os
queijos
Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o
mordem
E a terra infecta que lhe cobre os
rins!

DEPOIS DA ORGIA

O prazer que na orgia a hetaíra
goza
Produz no meus sensorium de
bacante
O efeito de uma túnica brilhante
Cobrindo ampla apostema
escrofulosa!

Troveja! E anelo ter, sôfrega e
ansiosa,
O sistema nervoso de um gigante
Para sofrer na minha carne
estuante
A dor da força cósmica furiosa.

Apraz-me, enfim, despindo a última
alfaia
Que ao comércio dos homens me
traz presa,
Livre deste cadeado de peçonha,

Semelhante a um cachorro de
atalaia
Às decomposições da Natureza,
Ficar latindo minha dor medonha!

A ÁRVORE DA SERRA

- As árvores, meu filho, não têm alma!

E esta árvore me serve de empecilho...

É preciso cortá-la, pois, meu filho,
Para que eu tenha uma velhice calma!

- Meu pai, por que sua ira não se acalma?!

Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!

Deus pôs almas nos cedros... no junquilha...

Esta árvore, meu pai, possui minha'alma!...

- Disse - e ajoelhou-se, numa rogativa:

"Não mate a árvore, pai, para que eu viva!"

E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,
O moço triste se abraçou com o tronco

E nunca mais se levantou da terra!

VENCIDO

No auge de atordoadora e ávida
sanha
Leu tudo, desde o mais prístino
mito,
Por exemplo: o do boi Ápis do Egito
Ao velho Niebelungen da Alemanha.

Acometido de uma febre estranha
Sem o escândalo fônico de um grito,
Mergulhou a cabeça no Infinito,
Arrancou os cabelos na montanha!

Desceu depois à gleba mais
bastarda,
Pondo a áurea insígnia heráldica da
farda
À vontade do vômito plebeu...

E ao vir-lhe o cuspo diário à boca
fria
O vencido pensava que cuspia
Na célula infeliz de onde nasceu.

O CORRUPÇÃO

Escaveirado corrupção idiota,
Olha a atmosfera livre, o amplo
éter belo,
E a alga criptógama e a úsnea e o

cogumelo,
Que do fundo do chão todo o ano
brota!

Mas a ânsia de alto voar, de à
antiga rota
Voar, não tens mais! E pois, preto e
amarelo,
Pões-te a assobiar, bruto, sem
cerebelo
A gargalhada da última derrota!

A gaiola aboliu tua vontade.
Tu nunca mais verás a liberdade!...
Ah! Tu somente ainda és igual a
mim.

Continua a comer teu milho alpiste.
Foi este mundo que me fez tão
triste,
Foi a gaiola que te pôs assim!

NOITE DE UM VISIONÁRIO

Número cento e três. Rua Direita.
Eu tinha a sensação de quem se
esfolia
E inopinadamente o corpo atola
Numa poça de carne liquefeita!

- "Que esta alucinação tátil não

cresça!"

- Dizia; e erguia, oh! céu, alto, por
ver-vos,
Com a rebeldia acérrima dos nervos
Minha atormentadíssima cabeça.

É a potencialidade que me eleva
Ao grande Deus, e absorve em cada
viagem
Minh'alma - este sombrio
personagem
Do drama panteístico da treva!

Depois de dezesseis anos de estudo
Generalizações grandes e ousadas
Traziam minhas forças
concentradas
Na compreensão monística de tudo.

Mas a aguadilha pútrida o ombro
inerte
Me aspergia, banhava minhas tíbias,
E a ela se aliava o ardor das sirtes
líbias,
Cortando o melanismo da epiderme.

Arimânico gênio destrutivo
Desconjuntava minha autônoma
alma
Esbandalhando essa unidade calma,
Que forma a coerência do ser vivo.

E eu saí a tremer com a língua
grossa

E a volição no cúmulo do exício,
Como quem é levado para o hospício
Aos trambolhões, num canto de
carroça!

Perante o inexorável céu aceso
Agregações abióticas espúrias
Como uma cara, recebendo injúrias,
Recebiam os cuspos do desprezo.

A essa hora, nas telúricas reservas,
O reino mineral americano
Dormia, sob os pés do orgulho
humano,
E a cimalha minúscula das ervas.

E não haver quem, íntegra, lhe
entregue,
Com os ligamentos glóticos
precisos,
A liberdade de vingar em risos
A angústia milenária que o
persegue!
Bolia nos obscuros labirintos
Da fértil terra gorda, úmida e
fresca,
A ínfima fauna abscôndita e
grotesca
Da família bastarda dos helmintos.

As vegetalidades subalternas
Que os serenos noturnos
orvalhavam,
Pela alta frieza intrínseca,

lembravam
Toalhas molhadas sobre as minhas
pernas.

E no estrume fresquíssimo da gleba
Formigavam, com a símplice
sarcode,
O vibrião, o ancilóstomo, o colpode
E outros irmãos legítimos da ameba!

E todas essas formas que Deus
lança
No Cosmo, me pediam, com o ar
horrível,
Um pedaço de língua disponível
Para a filogenética vingança!

A cidade exalava um podre báfio:
Os anúncios das casas de comércio,
Mais tristes que as elegias de
Propércio,
Pareciam talvez meu epitáfio.

O motor teleológico da Vida
Parara! Agora, em diástoles de
guerra,
Vinha do coração quente da terra
Um rumor de matéria dissolvida.

A química feroz do cemitério
Transformava porções de átomos
juntos
No óleo malsão que escorre dos
defuntos,

Com a abundância de um geyser
deletério.

Dedos denunciadores escreviam
Na lúgubre extensão da rua preta
Todo o destino negro do planeta,
Onde minhas moléculas sofriam.

Um necrófilo mau forçava as lousas
E eu - coetâneo do horrendo
cataclismo -
Era puxado para aquele abismo
No redemoinho universal das
cousas!

ALUCINAÇÃO À BEIRA-MAR

Um medo de morrer meus pés
esfriava.
Noite alta. Ante o telúrico recorte,
Na diuturna discórdia, a equórea
coorte
Atordoadoramente ribombava!

Eu, ególatra céptico, cismava
Em meu destino!... O vento estava
forte
E aquela matemática da Morte
Com os seus números negros, me
assombrava!

Mas a alga usufrutuária dos
oceanos
E os malacopterígios subbraquianos
Que um castigo de espécie
emudeceu,

No eterno horror das convulsões
marítimas
Pareciam também corpos de vítimas
Condenadas à Morte, assim como
eu!

VANDALISMO

Meu coração tem catedrais
imensas,
Templos de priscas e longínquas
datas,
Onde um nune de amor, em
serenatas,
Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colunatas
Vertem lustrais irradiações
intensas
Cintilações de lâmpadas suspensas
E as ametistas e os florões e as
pratas.

Como os velhos Templários
medievais
Entrei um dia nessas catedrais

E nesses templos claros e
risonhos...

E erguendo os gládios e brandindo
as hastas,
No desespero dos iconoclastas
Quebrei a imagem dos meus
próprios sonhos!

VERSOS ÍNTIMOS

Vês?! Ninguém assistiu ao
formidável
Enterro da tua última quimera.
Somente a Ingratidão - esta
pantera -
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra
miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu
cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do
escarro,
A mão que afaga é a mesma que
apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua
chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

VENCEDOR

Toma as espadas rútilas, guerreiro,
E à rutilância das espadas, toma
A adaga de aço, o gládio de aço, e
doma
Meu coração - estranho carnicheiro!

Não podes?! Chama então presto o
primeiro
E o mais possante gladiador de
Roma.
E qual mais pronto, e qual mais
presto assoma,
Nenhum pôde domar o prisioneiro.

Meu coração triunfava nas arenas.
Veio depois um domador de hienas
E outro mais, e, por fim, veio um
atleta,

Vieram todos, por fim; ao todo, uns
cem...
E não pôde domá-lo enfim ninguém,
Que ninguém doma um coração de
poeta!

A ILHA DE CIPANGO

Estou sozinho! A estrada se
desdobra
Como uma imensa e rutilante cobra
De epiderme finíssima de areia...
E por essa finíssima epiderme
Eis-me passeando como um grande
verme
Que, ao sol, em plena podridão,
passeia!

A agonia do sol vai ter começo!
Caio de joelhos, trêmulo... Ofereço
Preces a Deus de amor e de
respeito
E o Ocaso que nas águas se retrata
Nitidamente reproduz, exata,
A saudade interior que há no meu
peito...

Tenho alucinações de toda a sorte...
Impressionado sem cessar com a
Morte
E sentindo o que um lázaro não
sente,
Em negras nuances lúgubres e
aziagas
Vejo terribilíssimas adagas,
Atravessando os ares bruscamente.

Os olhos volvo para o céu divino

E observo-me pigmeu e pequenino
Através de minúsculos espelhos.
Assim, quem diante duma
cordilheira,
Pára, entre assombros, pela vez
primeira,
Sente vontade de cair de joelhos!

Soa o rumor fatídico dos ventos,
Anunciando desmoronamentos
De mil lajedos sobre mil lajedos...
E ao longe soam trágicos fracassos
De heróis, partindo e fraturando os
braços
Nas pontas escarpadas dos
rochedos!

Mas de repente, num enleio doce,
Qual se num sonho arrebatado
fosse,
Na ilha encantada de Cipango
tombo,
Da qual, no meio, em luz perpétua,
brilha
A árvore da perpétua maravilha,
À cuja sombra descansou Colombo!

Foi nessa ilha encantada de Cipango,
Verde, afetando a forma de um
losango,
Rica, ostentando amplo floral
risonho,
Que Toscanelli viu seu sonho
extinto

E como sucedeu a Afonso Quinto
Foi sobre essa ilha que extingui meu
sonho!

Lembro-me bem. Nesse maldito dia
O gênio singular da Fantasia
Convidou-me a sorrir para um
passeio...
Iríamos a um país de eternas pazes
Onde em cada deserto há mil oásis
E em cada rocha um cristalino veio.

Gozei numa hora séculos de afagos,
Banhei-me na água de risonhos
lagos,
E finalmente me cobri de flores...
Mas veio o vento que a Desgraça
espalha
E cobriu-me com o pano da
mortalha,
Que estou cosendo para os meus
amores!

Desde então para cá fiquei sombrio!
Um penetrante e corrosivo frio
Anestesiou-me a sensibilidade
E as grandes golpes arrancou as
raízes
Que prendiam meus dias infelizes
A um sonho antigo de felicidade!

Invoco os Deuses salvadores do
erro.
A tarde morre. Passa o seu

enterro!...

A luz descreve ziguezagues tortos
Enviando à terra os derradeiros
beijos.

Pela estrada feral dois realejos
Estão chorando meus amores
mortos!

E a treva ocupa toda a estrada
longa...

O Firmamento é uma caverna
oblonga

Em cujo fundo a Via-láctea existe.
E como agora a lua cheia brilha!
Ilha maldita vinte vezes a ilha
Que para todo o sempre me fez
triste!

MATER

Como a crisálida emergindo do ovo
Para que o campo flórido a
concentre,
Assim, oh! Mãe, sujo de sangue, um
novo
Ser, entre dores, te emergiu do
ventre!

E puseste-lhe, haurindo amplo
deleite,
No lábio róseo a grande teta farta

- Fecunda fonte desse mesmo leite
Que amamentou os efebos de
Esparta. -

Com que avidez ele essa fonte suga!
Ninguém mais com a Beleza está de
acordo,
Do que essa pequenina sanguessuga,
Bebendo a vida no teu seio gordo!

Pois, quanto a mim, sem pretensões,
comparo,
Essas humanas coisas pequeninas
A um biscoito de quilate muito raro
Exposto aí, à amostra, nas vitrinas.

Mas o ramo fragílido e venusto
Que hoje nas débeis gêmulas se
esboça,
Há de crescer, há de tornar-se
arbusto
E álamo altivo de ramagem grossa.

Clara, a atmosfera se encherá de
aromas,
O Sol virá das épocas sadias...
E o antigo leão, que te esgotou as
pomas,
Há de beijar-te as mãos todos os
dias!

Quando chegar depois tua velhice
Batida pelos bárbaros invernos,
Relembrarás chorando o que eu te

disse,
À sombra dos sicômoros eternos!

POEMA NEGRO

A Santos Neto

Para iludir minha desgraça, estudo.
Intimamente sei que não me iludo.
Para onde vou (o mundo inteiro o
nota)
Nos meus olhares fúnebres,
carrego
A indiferença estúpida de um cego
E o ar indolente de um chinês
idiota!

A passagem dos séculos me
assombra.
Para onde irá correndo minha
sombra
Nesse cavalo de eletricidade?!
Caminho, e a mim pergunto, na
vertigem:
- Quem sou? Para onde vou? Qual
minha
[origem?
E parece-me um sonho a realidade.

Em vão com o grito do meu peito

impreco!
Dos brados meus ouvindo apenas o
eco,
Eu torço os braços numa angústia
douda
E muita vez, à meia-noite, rio
Sinistramente, vendo o verme frio
Que dá de comer a minha carne
toda!

É a Morte - esta carnívora
assanhada -
Serpente má de língua envenenada
Que tudo que acha no caminho,
come...
- Faminta e atra mulher que, a 1 de
Janeiro,
Sai para assassinar o mundo inteiro,
E o mundo inteiro não lhe mata a
fome!

Nesta sombria análise das cousas,
Corro. Arranco os cadáveres das
lousas
E as suas partes podres examino...
Mas de repente, ouvindo um grande
estrondo,
Na podridão daquele embrulho
hediondo
Reconheço assombrado o meu
Destino!

Surpreendo-me, sozinho, numa cova.
Então meu desvario se renova...

Como que, abrindo todos os jazigos,
A Morte, em trajes pretos e
amarelos,
Levanta contra mim grandes cutelos
E as baionetas dos dragões antigos!

E quando vi que aquilo vinha vindo
Eu fui caindo como um sol caindo
De declínio em declínio; e de
declínio
Em declínio, com a gula de uma
fera,
Quis ver o que era, e quando vi o
que era,
Vi que era pó, vi que era
esterquilínio!

Chegou a tua vez, oh! Natureza!
Eu desafio agora essa grandeza,
Perante a qual meus olhos se
extasiam...
Eu desafio, desta cova escura,
No histerismo danado da tortura
Todos os monstros que os teus
peitos criam.

Tu não és minha mãe, velha nefasta!
Com o teu chicote frio de madrasta
Tu me açoitaste vinte e duas
vezes...

Por tua causa apodreci nas cruzes,
Em que pregas os filhos que
produzes
Durante os desgraçados nove
meses!

Semeadora terrível de defuntos,
Contra a agressão dos teus
contrastes juntos
A besta, que em mim dorme, acorda
em berros;
Acorda, e após gritar a última
injúria,
Chocalha os dentes com medonha
fúria
Como se fosse o atrito de dois
ferros!

Pois bem! Chegou minha hora de
vingança.
Tu mataste o meu tempo de criança
E de segunda-feira até domingo,
Amarrado no horror de tua rede,
Deste-me fogo quando eu tinha
sede...
Deixa-te estar, canalha, que eu me
vingo!

Súbito outra visão negra me
espanta!
Estou em Roma. É Sexta-feira
Santa.
A treva invade o obscuro orbe
terrestre.

No Vaticano, em grupos
prosternados,
Com as longas fardas rubras, os
soldados
Guardam o corpo do Divino Mestre.

Como as estalactites da caverna,
Cai no silêncio da Cidade Eterna
A água da chuva em largos fios
grossos...
De Jesus Cristo resta unicamente
Um esqueleto; e a gente, vendo-o, a
gente
Sente vontade de abraçar-lhe os
ossos!

Não há ninguém na estrada da
Ripetta.
Dentro da Igreja de São Pedro,
quieta,
As luzes funerais arquejam fracas...
O vento entoa cânticos de morte.
Roma estremece! Além, num rumor
forte,
Recomeça o barulho das matracas.

A desagregação da minha Idéia
Aumenta. Como as chagas da
morféia
O medo, o desalento e o
desconforto

Paralisam-me os círculos motores.
Na Eternidade, os ventos
gemedores
Estão dizendo que Jesus é morto!

Não! Jesus não morreu! Vive na
serra
Da Borborema, no ar de minha
terra,
Na molécula e no átomo... Resume
A espiritualidade da matéria
E ele é que embala o corpo da
miséria
E faz da cloaca uma urna de
perfume.

Na agonia de tantos pesadelos
Uma dor bruta puxa-me os cabelos.
Desperto. É tão vazia a minha vida!
No pensamento desconexo e falho
Trago as cartas confusas de um
baralho
E um pedaço de cera derretida!

Dorme a casa. O céu dorme. A
árvore dorme.
Eu, somente eu, com a minha dor
enorme
Os olhos ensangüento na vigília!
E observo, enquanto o horror me
corta a fala,
O aspecto sepulcral da austera sala
E a impassibilidade da mobília.

Meu coração, como um cristal, se
quebre;
O termômetro negue minha febre,
Torne-se gelo o sangue que me
abrsa,
E eu me converta na cegonha triste
Que das ruínas duma casa assiste
Ao desmoronamento de outra casa!

Ao terminar este sentido poema
Onde vazei a minha dor suprema
Tenho os olhos em lágrimas
imersos...
Rola-me na cabeça o cérebro oco.
Por ventura, meu Deus, estarei
louco?!
Daqui por diante não farei mais
versos.

ETERNA MÁGOA

O homem por sobre quem caiu a
praga
Da tristeza do Mundo, o homem que
é triste
Para todos os séculos existe
E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois, nada há que
traga
Consolo à Mágoa, a que só ele

assiste.

Quer resistir, e quanto mais resiste
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda
a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe
É que essa mágoa infinda assim, não
cabe
Na sua vida, é que essa mágoa
infinda

Transpõe a vida do seu corpo
inerte;
E quando esse homem se
transforma em verme
É essa mágoa que o acompanha
ainda!

QUEIXAS NOTURNAS

Quem foi que viu a minha Dor
chorando?!

Saio. Minh'alma sai agoniada.
Andam monstros sombrios pela
estrada
E pela estrada, entre estes
monstros, ando!

Não trago sobre a túnica fingida
As insígnias medonhas do infeliz
Como os falsos mendigos de Paris

Na atra rua de Santa Margarida.

O quadro de aflições que me
consomem

O próprio Pedro Américo não
pinta...

Para pintá-lo, era preciso a tinta
Feita de todos os tormentos do
homem!

Como um ladrão sentado numa ponte
Espera alguém, armado de arcabuz,
Na ânsia incoercível de roubar a
luz,
Estou à espera de que o Sol
desponte!

Bati nas pedras dum tormento rude
E a minha mágoa de hoje é tão
intensa
Que eu penso que a Alegria é uma
doença
E a Tristeza é minha única saúde.

As minhas roupas, quero até rompê-
las!

Quero, arrancado das prisões
carnais,
Viver na luz dos astros imortais,
Abraçado com todas as estrelas!

A Noite vai crescendo apavorante
E dentro do meu peito, no combate,
A Eternidade esmagadora bate

Numa dilatação exorbitante!

E eu luto contra a universal
grandeza
Na mais terrível desesperação
É a luta, é o prélio enorme, é a
rebelião
Da criatura contra a natureza!

Para essas lutas uma vida é pouca
Inda mesmo que os músculos se
esforcem;
Os pobres braços do mortal se
torcem
E o sangue jorra, em coalhos, pela
boca.

E muitas vezes a agonia é tanta
Que, rolando dos últimos degraus,
O Hércules treme e vai tombar no
caos
De onde seu corpo nunca mais
levanta!
É natural que esse Hércules se
estorça,
E tombe para sempre nessas lutas,
Estrangulado pelas rodas brutas
Do mecanismo que tiver mais força.

Ah! Por todos os séculos vindouros
Há de travar-se essa batalha vã
Do dia de hoje contra o de amanhã,
Igual à luta dos cristãos e mouros!

Sobre histórias de amor o
interrogar-me
É vão, é inútil, é improfícuo, em
suma;
Não sou capaz de amar mulher
alguma
Nem há mulher talvez capaz de
amar-me.

O amor tem favos e tem caldos
quentes
E ao mesmo tempo que faz bem, faz
mal;
O coração do Poeta é um hospital
Onde morreram todos os doentes.

Hoje é amargo tudo quanto eu
gosto;
A bênção matutina que recebo...
E é tudo: o pão que como, a água
que bebo,
O velho tamarindo a que me
encosto!

Vou enterrar agora a harpa boêmia
Na atra e assombrosa solidão
feroz
Onde não cheguem o eco duma voz
E o grito desvairado da blasfêmia!

Que dentro de minh'alma americana
Não mais palpita o coração - esta
arca,
Este relógio trágico que marca

Todos os atos da tragédia humana!

Seja esta minha queixa derradeira
Cantada sobre o túmulo de Orfeu;
Seja este, enfim, o último canto
meu
Por esta grande noite brasileira!

Melancolia! Estende-me a tu'asa!
És a árvore em que devo reclinar-
me...
Se algum dia o Prazer vier
procurar-me
Dize a este monstro que eu fugi de
casa!

INSÔNIA

Noite. Da Mágoa o espírito
noctâmbulo
Passou de certo por aqui chorando!
Assim, em mágoa, eu também vou
passando
Sonâmbulo... sonâmbulo...
sonâmbulo...

Que voz é esta que a gemer
concentro
No Meu ouvido e que do meu ouvido
Como um bemol e como um
sustenido

Rola impetuosa por meu peito
adentro?!

- Por que é que este gemido me
acompanha?!

Mas dos meus olhos no sombrio
palco
Súbito surge como um catafalco
Uma cidade ao mapa-múndi
estranha.

A dispersão dos sonhos vagos
reúno.

Desta cidade pelas ruas erra
A procissão dos Mártires da Terra
Desde os Cristãos até Giordano
Bruno!

Vejo diante de mim Santa Francisca
Que com o cilício as tentações
suplanta,
E invejo o sofrimento desta Santa,
Em cujo olhar o Vício não faísca!

Se eu pudesse ser puro! Se eu
pudesse,
Depois de embebedado deste vinho,
Sair da vida puro como o arminho
Que os cabelos dos velhos
embranquece!

Por que cumpro o universal ditame?!

Pois se eu sabia onde morava o
Vício,

Por que não evitei o precipício
Estrangulando minha carne infame?!

Até que dia o intoxicado aroma
Das paixões torpes sorverei
contente?
E os dias correrão eternamente?!
E eu nunca sairei desta Sodoma?!

À proporção que a minha insônia
aumenta
Hieróglifos e esfinges interrogo...
Mas, triunfalmente, nos céus altos,
logo
Toda a alvorada esplêndida se
ostenta.

Vagueio pela Noite decaída...
No espaço a luz de Aldebarã e de
Árgus
Vai projetando sobre os campos
largos
O derradeiro fósforo da Vida.
O Sol, equilibrando-se na esfera,
Restitui-me a pureza da hematose
E então uma interior metamorfose
Nas minhas arcas cerebrais se
opera.

O odor da margarida e da begônia
Subitamente me penetra o olfato...
Aqui, neste silêncio e neste mato,
Respira com vontade a alma
campônia!

Grita a satisfação na alma dos
bichos.

Incensa o ambiente o fumo dos
cachimbos.

As árvores, as flores, os corimbos,
Recordam santos nos seus próprios
nichos.

Com o olhar a verde periferia
abarco.

Estou alegre. Agora, por exemplo,
Cercado destas árvores, contemplo
As maravilhas reais do meu Pau
d'Arco!

Cedo virá, porém, o funerário,
Atro dragão da escura noite,
hedionda,
Em que o Tédio, batendo na alma,
estronda
Como um grande trovão
extraordinário.

Outra vez serei pábulo do susto
E terei outra vez de, em mágoa
imerso,
Sacrificar-me por amor do Verso
No meu eterno leito de Procusto!

BARCAROLA

Cantam nautas, choram flautas
Pelo mar e pelo mar
Uma sereia a cantar
Vela o Destino dos nautas.

Espelham-se os esplendores
Do céu, em reflexos, nas
Águas, fingindo cristais
Das mais deslumbrantes cores.

Em fulvos filões dourados
Cai a luz dos astros por
Sobre o marítimo horror
Como globos estrelados.

Lá onde as rochas se assentam
Fulguram como outros sóis
Os flamívoros faróis
Que os navegantes orientam.

Vai uma onda, vem outra onda
E nesse eterno vaivém
Coitadas! não acham quem,
Quem as esconda, as esconda...

Alegoria tristonha
Do que pelo Mundo vai!
Se um sonha e se ergue, outro cai;
Se um cai, outro se ergue e sonha.

Mas desgraçado do pobre

Que em meio da Vida cai!
Esse não volta, esse vai
Para o túmulo que o cobre.

Vagueia um poeta num barco.
O Céu, de cima, a luzir
Como um diamante de Ofir
Imita a curva de um arco.

A Lua - globo de louça -
Surgiu, em lúcido véu.
Cantam! Os astros do Céu
Ouçam e a Lua Cheia ouça!

Ouçã do alto a Lua Cheia
Que a sereia vai falar...
Haja silêncio no mar
Para se ouvir a sereia.
Que é que ela diz?! Será uma
História de amor feliz?
Não! O que a sereia diz
Não é história nenhuma.

É como um requiem profundo
De tristíssimos bemóis...
Sua voz é igual à voz
Das dores todas do mundo.

"Fecha-te nesse medonho
"Reduto de Maldição,
"Viajeiro da Extrema-Unção,
"Sonhador do último sonho!

"Numa redoma ilusória

"Cercou-te a glória falaz,
"Mas nunca mais, nunca mais
"Há de cercar-te essa glória!

"Nunca mais! Sê, porém, forte.
"O poeta é como Jesus!
"Abraça-te à tua Cruz
"E morre, poeta da Morte!"

- E disse e porque isto disse
O luar no Céu se apagou...
Súbito o barco tombou
Sem que o poeta o pressentisse!

Vista de luto o Universo
E Deus se enlute no Céu!
Mais um poeta que morreu,
Mais um coveiro do Verso!

Cantam nautas, choram flautas
Pelo mar e pelo mar
Uma sereia a cantar
Vela o Destino dos nautas!

TRISTEZAS DE UM QUARTO MINGUANTE

Quarto Minguante! E, embora a lua
o aclare,
Este Engenho Pau d'Arco é muito
triste...

Nos engenhos da várzea não existe
Talvez um outro que se lhe
equipare!

Do observatório em que eu estou
situado
A lua magra, quando a noite cresce,
Vista, através do vidro azul, parece
Um paralelepípedo quebrado!

O sono esmaga o encéfalo do povo.
Tenho 300 quilos no epigastro...
Dói-me a cabeça. Agora a cara do
astro
Lembra a metade de uma casca de
ovo.

Diabo! não ser mais tempo de
milagre!
Para que esta opressão desapareça
Vou amarrar um pano na cabeça,
Molhar a minha fronte com vinagre.

Aumentam-se-me então os grandes
medos.
O hemisfério lunar se ergue e se
abaixa
Num desenvolvimento de borracha,
Variando à ação mecânica dos
dedos!

Vai-me crescendo a aberração do
sonho.
Morde-me os nervos o desejo doudo

De dissolver-me, de enterrar-me
todo
Naquele semicírculo medonho!

Mas tudo isto é ilusão de minha
parte!
Quem sabe se não é porque não saio
Desde que, 6^a feira, 3 de maio,
Eu escrevi os meus *Gemidos de*
Arte?!

A lâmpada a estirar línguas
vermelhas
Lambe o ar. No bruto horror que
me arrebatava,
Como um degenerado psicopata
Eis-me a contar o número das
telhas!

- Uma, duas, três, quatro... E aos
tombos, tonta
Sinto a cabeça e a conta perco; e,
em suma,
A conta recomeço, em ânsias: -
Uma...
Mas novamente eis-me a perder a
conta!

Sucede a uma tontura outra
tontura.
- Estarei morto? E a esta pergunta
estranha

Reponde a Vida - aquela grande
aranha
Que anda tecendo a minha
desventura! -

A luz do quarto diminuindo o brilho
Segue todas as fases de um
eclipse...
Começo a ver coisas de Apocalipse
No triângulo escaleno do ladrilho!

Deito-me enfim. Ponho o chapéu
num gancho.
Cinco lençóis balançam numa corda,
Mas aquilo mortalhas me recorda,
E o amontoamento dos lençóis
desmancho.

Vêm-me à imaginação sonhos
dementes.
Acho-me, por exemplo, numa
festa...
Tomba uma torre sobre a minha
testa,
Caem-me de uma só vez todos os
dentes!

Então dois ossos roídos me
assombraram...
- "Por ventura haverá quem queira
roer-nos?!"
Os vermes já não querem mais
comer-nos
E os formigueiros já nos

desprezaram".

Figuras espectrais de bocas
tronchas
Tornam-me o pesadelo duradouro...
Choro e quero beber a água do
choro
Com as mãos dispostas à feição de
conchas.

Tal uma planta aquática submersa,
Antegozando as últimas delícias
Mergulho as mãos - vis raízes
adventícias -
No algodão quente de um tapete
persa.

Por muito tempo rolo no tapete,
Súbito me ergo. A lua é morta. Um
frio
Cai sobre o meu estômago vazio
Como se fosse um copo de sorvete!

A alta frialdade me insensibiliza;
O suor me ensopa. Meu tormento é
infindo...
Minha família ainda está dormindo
E eu não posso pedir outra camisa!

Abro a janela. Elevam-se fumaças
Do engenho enorme. A luz fulge
abundante
E em vez do sepulcral Quarto
Minguante

Vi que era o sol batendo nas
vidraças.

Pelos respiratórios tênues tubos
Dos poros vegetais, no ato da
entrega
Do mato verde, a terra resfolega
Estrumada, feliz, cheia de adubos.

Côncavo, o céu, radiante e estriado,
observa
A universal criação. Broncos e
feios,
Vários reptis cortam os campos,
cheios
Dos tenros tinhorões e da úmida
erva.

Babujada por baixos beijos brutos,
No húmus feraz, hierática, se
ostenta
A monarquia da árvore opulenta
Que dá aos homens o óbolo dos
frutos.

De mim diverso, rígido e de rastos
Com a solidez do tegumento sujo
Sulca, em diâmetro, o solo um
caramujo
Naturalmente pelos mata-pastos.

Entretanto, passei o dia inquieto,

A ouvir, nestes bucólicos retiros,
Toda a salva fatal de 21 tiros
Que festejou os funerais de
Hamleto!

Ah! Minha ruína é pior do que a de
Tebas!
Quisera ser, numa última cobiça,
A fatia esponjosa de carniça
Que os corvos comem sobre as
jurubebas!

Porque, longe do pão com que me
nutres
Nesta hora, oh! Vida em que a
sofrer me
[exortas
Eu estaria como as bestas mortas
Pendurado no bico dos abutres!

MISTÉRIOS DE UM FÓSFORO

Pego de um fósforo. Olho-o. Olho-o
ainda. Risco-o
Depois. E o que depois fica e depois
Resta é um ou, por outra, é mais de
um, são dois
Túmulos dentro de um carvão
promíscuo.

Dois são, porque um, certo, é do

sonho assíduo
Que a individual psique humana tece
e
O outro é o do sonho altruístico da
espécie
Que é o substractum dos sonhos do
indivíduo!

E exclamo, ébrio, a esvaziar
báquicos odres:
- "Cinza, síntese má da podridão,
"Miniatura alegórica do chão,
"Onde os ventres maternos ficam
podres;

"Na tua clandestina e erma alma
vasta,
"Onde nenhuma lâmpada se acende,
"Meu raciocínio sôfrego surpreende
"Todas as formas da matéria
gasta!"

Raciocinar! Aziaga contingência!
Ser quadrúpede! Andar de quatro
pés
É mais do que ser Cristo e ser
Moisés
Porque é ser animal sem ter
consciência!

Bêbedo, os beijos na ânfora ínfima,
harto,
Mergulho, e na ínfima ânfora,
harto, sinto

O amargor específico do absinto
E o cheiro animalíssimo do parto!

E afogo mentalmente os olhos
fundos
Na amorfia da cítula inicial,
De onde, por epigênese geral,
Todos os organismos são oriundos.

Presto, irrupto, através ovóide e
hialino
Vidro, aparece, amorfo e lúrido,
ante
Minha massa encefálica minguante
Todo o gênero humano intra-
uterino!

É o caos da avita víscera avarenta
- Mucosa nojentíssima de pus,
A nutrir diariamente os fetos nus
Pelas vilosidades da placenta! -

Certo, o arquitetural e íntegro
aspecto
Do mundo o mesmo inda é, que, ora,
o que nele
Morre, sou eu, sois vós, é todo
aquele
Que vem de um ventre inchado,
ínfimo e infecto!

É a flor dos genealógicos abismos
- Zooplasma pequeníssimo e plebeu,
De onde o desprotegido homem

nasceu

Para a fatalidade dos tropismos. -

Depois, é o céu abscôndito do Nada,
É este ato extraordinário de
morrer

Que há de, na última hebdômada,
atender

Ao pedido da célula cansada!

Um dia restará, na terra instável,
De minha antropocêntrica matéria
Numa côncava xícara funérea
Uma colher de cinza miserável!

Abro na treva os olhos quase cegos.
Que mão sinistra e desgraçada
encheu
Os olhos tristes que meu Pai me deu
De alfinetes, de agulhas e de
pregos?!

Pesam sobre o meu corpo oitenta
arráteis!
Dentro um dínamo déspota, sozinho,
Sob a morfologia de um moinho,
Move todos os meus nervos
vibráteis.

Então, do meu espírito, em segredo,
Se escapa, dentre as tenebras,
muito alto,
Na síntese acrobática de um salto,
O espectro angulosíssimo do Medo!

Em cismas filosóficas me perco
E vejo, como nunca outro homem
viu,
Na anfigonia que me produziu
Nonilhões de moléculas de esterco.

Vida, mônada vil, cósmico zero,
Migalha de albumina semifluida,
Que fez a boca mística do druida
E a língua revoltada de Lutero;

Teus gineceus prolíficos envolvem
Cinza fetal!... Basta um fósforo só
Para mostrar a incógnita de pó,
Em que todos os seres se resolvem!

Ah! Maldito o conúbio incestuoso
Dessas afinidades eletivas,
De onde quimicamente tu derivas,
Na aclamação simbiótica do gozo!

O enterro de minha última neurona
Desfila... E eis-me outro fósforo a
riscar.
E esse acidente químico vulgar
Extraordinariamente me
impressiona!

Mas minha crise artrítica não tarda.
Adeus! Que eu vejo enfim, com a
alma vencida,
Na abjeção embriológica da vida
O futuro de cinza que me aguarda!

O LAMENTO DAS COISAS

Triste, a escutar, pancada por
pancada,
A sucessividade dos segundos,
Ouço, em sons subterrâneos, do
Orbe oriundos,
O choro da Energia abandonada!

É a dor da Força desaproveitada
- O cantochão dos dínamos
profundos,
Que, podendo mover milhões de
mundos,
Jazem ainda na estática do Nada!

É o soluço da forma ainda
imprecisa...
Da transcendência que se não
realiza...
Da luz que não chegou a ser
lampejo...

E é em suma, o subconsciente aí
formidando
Da Natureza que parou, chorando,
No rudimentarismo do Desejo!

O MEU NIRVANA

No alheamento da obscura forma
humana,
De que, pensando, me desencarcero,
Foi que eu, num grito de emoção,
sincero
Encontrei, afinal, o meu Nirvana!

Nessa manumissão
schopenhauereana,
Onde a Vida do humano aspecto
fero
Se desarraiga, eu, feito força,
impero
Na imanência da Idéia Soberana!

Destruída a sensação que oriunda
fora
Do tato - ínfima antena aferidora
Destas tegumentárias mãos
plebéias -

Gozo o prazer, que os anos não
carcomem,
De haver trocando a minha forma
de homem
Pela imortalidade das Idéias!

CAPUT IMMORTALE

Ad poetam

Na dinâmica aziaga das descidas,
Aglomeradamente e em turbilhão
Solucem dentro do Universo ancião,
Todas as urbes siderais vencidas!

Morra o éter. Cesse a luz. Parem as
vidas.

Sobre a pancosmológica exaustão
Reste apenas o acervo árido e vão
Das muscularidades consumidas!

Ainda assim, a animar o cosmos
ermo,
Morto o comércio físico nefando,
Oh! Nauta aflito do Subliminal,

Como a última expressão da Dor
sem termo,
Tua cabeça há de ficar vibrando
Na negatividade universal!

APÓSTROFE À CARNE

Quando eu pego nas carnes do meu
rosto,
Pressinto o fim da orgânica batalha:

- Olhos que o húmus necrófago
estraçalha,
Diafragmas, decompondo-se, ao sol
posto...

E o Homem - negro e heteróclito
composto,
Onde a alva flama psíquica trabalha,
Desagrega-se e deixa na mortalha
O tato, a vista, o ouvido, o olfato e
o gosto!

Carne, feixe de mônadas bastardas,
Conquanto em flâmeo fogo efêmero
ardas,
A dardejar relampejantes brilhos,

Dói-me ver, muito embora a alma te
acenda,
Em tua podridão a herança
horrenda,
Que eu tenho de deixar para os
meus filhos!

LOUVOR À UNIDADE

"Escafandros, arpões, sondas e
agulhas
"Debalde aplicas aos heterogêneos
"Fenômenos, e, há inúmeros
milênios,

"Num pluralismo hediondo o olhar
mergulhas!

"Une, pois, a irmanar diamantes e
hulhas,

"Com essa intuição monística dos
gênios,

"À hirta forma falaz do aere
perennius

"A transitoriedade das fagulhas!"

- Era a estrangulação, sem
retumbância,
Da multimilenária dissonância
Que as harmonias siderais invade...

Era, numa alta aclamação, sem
gritos,
O regresso dos átomos aflitos
Ao descanso perpétuo da Unidade!

O PÂNTANO

Podem vê-lo, sem dor, meus
semelhantes!...
Mas, para mim que a Natureza
escuto,
Este pântano é o túmulo absoluto,
De todas as grandezas começantes!

Larvas desconhecidas de gigantes
Sobre o seu leito de peçonha e luto

Dormem tranqüilamente o sono
bruto
Dos superorganismos ainda
infantes!

Em sua estagnação arde uma raça,
Tragicamente, à espera de quem
passa
Para abrir-lhe, às escâncaras, a
porta...

E eu sinto a angústia dessa raça
ardente
Condenada a esperar
perpetuamente
No universo esmagado da água
morta!

SUPRÊME CONVULSION

O equilíbrio do humano pensamento
Sofre também a súbita ruptura,
Que produz muita vez, na noite
escura,
A convulsão meteórica do vento.

E a alma o obnócio quietismo
sonolento
Rasga; e, opondo-se à Inércia, é a
essência pura,
É a síntese, é o transunto, é a

abreviatura

De todo o ubiqüitário Movimento!

Sonho, - libertação do homem
cativo -

Ruptura do equilíbrio subjetivo,
Ah! foi teu beijo convulsionador

Que produziu este contraste fundo
Entre a abundância do que eu sou,
no Mundo,
E a nada do meu homem interior!

A UM GÉRMEN

Começaste a existir, geléia crua,
E hás de crescer, no teu silêncio,
tanto
Que, é natural, ainda algum dia, o
pranto
Das tuas concreções plásmicas flua!

A água, em conjugação com a terra
nua,
Vence o granito, deprimindo-o... O
espanto
Convulsiona os espíritos, e entanto,
Teu desenvolvimento continua!

Antes, geléia humana, não progridas
E em retrogradações indefinidas,
Volvas à antiga inexistência calma!...

Antes o Nada, oh! gérmen, que
ainda haveres
De atingir, como o gérmen de
outros seres,
Ao supremo infortúnio de ser alma!

NATUREZA ÍNTIMA

Ao filósofo Farias Brito

Cansada de observar-se na
corrente
Que os acontecimentos refletia,
Reconcentrando-se em si mesma,
um dia,
A Natureza olhou-se interiormente!

Baldada introspecção!
Noumenalmente
O que Ela, em realidade, ainda
sentia
Era a mesma imortal monotonia
De sua face externa indiferente!

E a Natureza disse com desgosto:
"Terei somente, porventura, rosto?!"
"Serei apenas mera crusta
espessa?!"

"Pois é possível que Eu, causa do

Mundo,
"Quanto mais em mim mesma me
aprofundo,
"Menos interiormente me conheça?!

A FLORESTA

Em vão com o mundo da floresta
privas!...
- Todas as hermenêuticas
sondagens,
Ante o hieroglifo e o enigma das
folhagens,
São absolutamente negativas!

Araucárias, traçando arcos de
ogivas,
Bracejamentos de álamos selvagens,
Como um convite para estranhas
viagens,
Tornam todas as almas pensativas!

Há uma força vencida nesse mundo!
Todos o organismo florestal
profundo
É dor viva, trancada num disfarce...

Vivem só, nele, os elementos
brancos,
- As ambições que se fizeram

troncos,
Porque nunca puderam realizar-se!

A MERETRIZ

A rua dos destinos desgraçados
Faz medo. O Vício estruge. Ouvem-se os brados
Da danação carnal... Lúbrica, à lua,
Na sodomia das mais negras bodas
Desarticula-se, em coréas doudas,
Uma mulher completamente nua!

É a meretriz que, de cabelos ruivos,
Bramando, ébria e lasciva, hórridos
uivos
Na mesma esteira pública, recebe,
Entre farraparias e esplendores
O eretismo das classes superiores
E o orgasmo bastardíssimo da
plebel!

É ela que, aliando, à luz do olhar
protervo,
O indumento vilíssimo do servo
Ao brilho da augustal toga
pretextu,
Sente, alta noite, em contorções
sombrias,
Na vacuidade das entranhas frias
O esgotamento intrínseco da besta!

É ela que, hirta, a arquivar credos
desfeitos,
Com as mãos chagadas, espremendo
os peitos,
Reduzidos, por fim, a âmbulas
moles,
Sofre em cada molécula a angústia
alta
De haver secado, como o estepe, à
falta
Da água criadora que alimenta as
proles!

É ela que, arremessada sobre o
rude
Despenhadeiro da decrepitude,
Na vizinhança aziaga dos ossuários
Representa, através os meus
sentidos,
A escuridão dos gineceus falidos
E a desgraça de todos os ovários!

Irrita-se-lhe a carne à meia-noite.
Espicaça-a ignomínia, excita-a o
açoite
Do incêndio que lhe inflama a língua
espúria.
E a mulher, funcionária dos
instintos,
Com a roupa amarfanhada e os
beijos tintos,
Gane instintivamente de luxúria!

Navio para o qual todos os portos
Estão fechados, urna de ovos
mortos,
Chão de onde uma só planta não
rebenta,
Ei-la, de bruços, bêbeda de gozo
Saciando o geotropismo pavoroso
De unir o corpo à terra famulenta!
Nesse espolinhamento repugnante
O esqueleto irritado da bacante
Estrala... Lembra o ruído harto
azorrague
A vergastar ásperos dorsos
grossos.
E é aterradora essa alegria de
ossos
Pedindo ao sensualismo que os
esmague!

É o pseudo-regozijo dos eunucos
Por natureza, dos que são caducos
Desde que a Mãe-Comum lhes deu
início...
É a dor profunda da incapacidade
Que, pela própria hereditariedade
A lei da seleção disfarça em Vício!

É o júbilo aparente da alma quase
A eclipsar-se, no horror da ocídua
fase
Esterilizadora de órgãos... É o hino
Da matéria incapaz, filha do
inferno,
Pagando com volúpia o crime eterno

De não ter sido fiel ao seu destino!

É o Desespero que se faz bramido
De anelo animalíssimo incontido,
Mais que a vaga incoercível n'água
oceânica...

É a Carne que, já morta
essencialmente,
Para a Finalidade Transcendente
Gera o prodígio anímico da Insânia!

Nas frias antecâmaras do Nada
O fantasma da fêmea castigada,
Passa agora ao clarão da lua acesa
E é seu corpo expiatório, alvo e
desnudo
A síntese eucarística de tudo
Que não se realizou na Natureza!

Antigamente, aos tácitos apelos
Das suas carnes e dos seus cabelos,
Na óptica abreviatura de um
reflexo,
Fulgia, em cada humana nebulosa,
Toda a sensualidade tempestuosa
Dos apetites bárbaros do Sexo!

O atavismo das raças sibaritas,
Criando concupiscências infinitas
Como eviterno lobo insatisfeito;
Na homofagia hedionda que o
consome,
Vinha saciar a milenária fome
Dentro das abundâncias do seu

leito!

Toda a libidinagem dos mormaços
Americanos fluía-lhe dos braços,
Irradiava-se-lhe, hírcica, das veias
E em torrencialidades quentes e
úmidas,
Gorda a escorrer-lhe das artérias
túmidas
Lembrava um transbordar de
ânforas cheias.

A hora da morte acende-lhe o
intelecto
E à úmida habitação do vício
abjecto
Afluem milhões de sóis, rubros,
radiando...
Resíduos memoriais tornam-se
luzes
Fazem-se idéias e ela vê as cruzes
Do seu martirológio miserando!

Inícios atrofiados de ética, ânsia
De perfeição, sonhos de
culminância,
Libertos da ancestral modorra
calma,
Saem da infância embrionária e
erguem-se, adultos,
Lançando a sombra horrível dos
seus vultos
Sobre a noite fechada daquela
alma!

É o sublevantamento coletivo
De um mundo inteiro que aparece
vivo,
Numa cenografia de diorama,
Que, momentaneamente luz
fecunda,
Brilha na prostituta moribunda
Como a fosforescência sobre a
lama!

É a visita alarmante do que outrora
Na abundância prospérrima da
aurora,
Pudera progredir, talvez, decerto,
Mas que, adstrito a inferior plasma
inconsútil,
Ficou rolando, como aborto inútil,
Como o do deserto!

Vede! A prostituição ofídica aziaga
Cujo tóxico instila a infâmia, e a
estraga
Na delinqüência..... impune,
Agarrou-se-lhe aos seios impudicos
Como o abraço mortífero do Ficus
Sugando a seiva da árvore a que se
une!

Enroscou-se-lhe aos abraços com
tal gosto,
Mordeu-lhe a boca e o rosto...

Ser meretriz depois do túmulo! A
alma
Roubada a hirta quietude da urbe
calma
Onde se extinguem todos os
escolhos:
E, condenada, ao trágico ditame,
Oferecer-se à bicharia infame
Com a terra do sepulcro a encher-
lhe os olhos!

Sentir a língua aluir-se-lhe na boca
E com a cabeça sem cabelos, oca...
Na horrorosa avulsão da forma
nívea
Dizer ainda palavras de lascívia...

GUERRA

Guerra é o esforço, é inquietude, é
ânsia, é
[transporte...
É a dramatização sangrenta e dura
Da avidez com que o Espírito
procura
Ser perfeito, ser máximo, ser
forte!

É a Subconsciência que se
transfigura
Em volição conflagradora... É a

coorte
Das raças todas, que se entrega à
morte
Para a felicidade da Criatura!

É a obsessão de ver sangue, é o
instinto horrendo
De subir, na ordem cósmica,
descendo
À irracionalidade primitiva...

E a Natureza que, no seu arcano,
Precisa de encharcar-se em sangue
humano
Para mostrar aos homens que está
viva!

O SARCÓFAGO

Senhor da alta hermenêutica do
Fado
Perlustro o atrium da Morte... É
frio o ambiente
E a chuva corta inexoravelmente
O dorso de um sarcófago molhado!

Ah! Ninguém ouve o soluçante brado
De dor profunda, acérrima e
latente,
Que o sarcófago, ereto e imóvel,
sente

Em sua própria sombra sepultado!

Dói-lhe (quem sabe?!) essa
grandeza horrível,
Que em toda a sua máscara se
expande,
À humana comoção impondo-a,
inteira...

Dói-lhe, em suma, perante o
Incognoscível,
Essa fatalidade de ser grande
Para guardar unicamente poeira!

HINO À DOR

Dor, saúde dos seres que se fanam,
Riqueza de alma, psíquico tesouro,
Alegria das glândulas do choro
De onde todas as lágrimas
emanam...

És suprema! Os meus átomos se
ufanam
De pertencer-te, oh! Dor,
ancoradouro
Dos desgraçados, sol do cérebro,
ouro
De que as próprias desgraças se
engalanam!

Sou teu amante! Ardo em teu corpo
abstrato.
Com os corpúsculos mágicos do tato
Prendo a orquestra de chamas que
executas...

E, assim, sem convulsão que me
alvoroce,
Minha maior ventura é estar de
posse
De tuas claridades absolutas!

ULTIMA VISIO

Quando o homem, resgatado da
cegueira
Vir Deus num simples grão de argila
errante,
Terá nascido nesse mesmo instante
A mineralogia derradeira!

A impérvia escuridão obnubilante
Há de cessar! Em sua glória inteira
Deus resplandecerá dentro da
poeira
Como um gasofiláceo de diamante!

Nessa última visão já subterrânea,
Um movimento universal de insânia
Arrancará da insciência o homem
precito...

A Verdade virá das pedras mortas
E o homem compreenderá todas as
portas
Que ele ainda tem de abrir para o
Infinito!

AOS MEUS FILHOS

Na intermitência da vital canseira,
Sois vós que sustentais (Força Alta
exige-o...)
Com o vosso catalítico prestígio,
Meu fantasma de carne passageira!

Vulcão da bioquímica fogueira
Destruíu-me todo o orgânico
fastígio...
Dai-me asas, pois, para o último
remígio,
Dai-me alma, pois, para a hora
derradeira!

Culminâncias humanas ainda
obscuras,
Expressões do universo radioativo,
Íons emanados do meu próprio
ideal,

Benditos vós, que, em épocas
futuras,

Haveis de ser no mundo subjetivo,
Minha continuidade emocional!

A DANÇA DA PSIQUE

A dança dos encéfalos acesos
Começa. A carne é fogo. A alma
arde. A
[espaços
As cabeças, as mãos, os pés e os
braços
Tombam, cedendo à ação de ignotos
pesos!

É então que a vaga dos instintos
presos
- Mãe de esterilidades e cansaços -
Atira os pensamentos mais
devassos
Contra os ossos cranianos
indefesos.

Subitamente a cerebral coréia
Pára. O cosmos sintético da Idéia
Surge. Emoções extraordinárias
sinto...

Arranco do meu crânio as
nebulosas.
E acho um feixe de forças
prodigiosas

Sustentando dois monstros: a alma
e o instinto!

O POETA DO HEDIONDO

Sofro aceleradíssimas pancadas
No coração. Ataca-me a existência
A mortificadora coalescência
Das desgraças humanas
congregadas!

Em alucinatórias cavalgadas,
Eu sinto, então, sondando-me a
consciência
A ultra-inquisitorial clarividência
De todas as neuronas acordadas!

Quando me dói no cérebro esta
sonda!
Ah! Certamente eu sou a mais
hedionda
Generalização do Desconforto...

Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do
caminho
A poesia de tudo quanto é morto!

A FOME E O AMOR

Fome! E, na ânsia voraz que, ávida,
aumenta,
Receando outras mandíbulas e
esbangem,
Os dentes antropófagos que
rangem,
Antes da refeição sanguinolenta!

Amor! E a satiríase sedenta,
Rugindo, enquanto as almas se
confrangem,
Todas as danações sexuais que
abrangem
A apolínica besta famulenta!

Ambos assim, tragando a ambiência
vasta,
No desembestamento que os
arrasta,
Superexcitadíssimos, os dois

Representam, no ardor dos seus
assomos
A alegoria do que outrora fomos
E a imagem bronca do que inda hoje
sois!

HOMO INFIMUS

Homem, carne sem luz, criatura
cega,
Realidade geográfica infeliz,
O Universo calado te renega
E a tua própria boca te maldiz!

O nômene e o fenômeno, o alfa e o
omega
Amarguram-te. Hebdômadass hostis
Passam... Teu coração se desagrega,
Sangram-te os olhos, e, entretanto,
ris!

Fruto injustificável dentre os
frutos,
Montão de estercorária argila
preta,
Excrescência de terra singular.

Deixa a tua alegria aos seres
brutos,
Porque, na superfície do planeta,
Tu só tens um direito: - o de
chorar!

MINHA FINALIDADE

Turbilhão teleológico incoercível,
Que força alguma inibitória acalma,
Levou-me o crânio e pôs-lhe dentro
a palma

Dos que amam apreender o
Inapreensível!

Predeterminação imprescriptível
Oriunda da infra-astral Substância
calma
Plasmou, aparelhou, talhou minha
alma
Para cantar de preferência o
Horrível!

Na canonização emocionante,
Da dor humana, sou maior que
Dante,
- A águia dos latifúndios
florentinos!

Sistematizo, soluçando, o Inferno...
E trago em mim, num sincronismo
eterno
A fórmula de todos os destinos!

NUMA FORJA

De inexplicáveis ânsias prisioneiro
Hoje entrei numa forja, ao meio-
dia.
Trinta e seis graus à sombra. O
éter possuía
A térmica violência de um braseiro.
Dentro, a cuspir escórias

De fúlgida limalha
Dardejando centelhas transitórias,
No horror da metalúrgica batalha
O ferro chiava e ria!

Ria, num sardonismo doloroso
De ingênita amargura,
Da qual, bruta, provinha
Como de um negro cáspio de água
impura
A multissecular desesperança
De sua espécie abjeta
Condenada a uma estática
mesquinha!

Ria com essa metálica tristeza
De ser na Natureza,
Onde a Matéria avança
E a Substância caminha
Aceleradamente para o gozo
Da integração completa,
Uma consciência eternamente
obscura!

O ferro continuava a chiar e a rir.
E eu nervoso, irritado,
Quase com febre, a ouvir
Cada átomo de ferro
Contra a incude esmagado
Sofrer, berrar, tinir,
Compreendia por fim que aquele
berro
À substância inorgânica arrancado
Era a dor do minério castigado

Na impossibilidade de reagir!

Era um cosmos inteiro sofredor,
Cujo negro profundo
Astro nenhum exorna
Gritando na bigorna
Asperamente a sua própria dor!
Era, erguido do pó,
Inopinadamente
Para que à vida quente
Da sinergia cósmica desperte,
A ansiedade de um mundo
Doente de ser inerte,
Cansado de estar só!
Era a revelação
De tudo que ainda dorme
No metal bruto ou na geléia informe
Do parto primitivo da Criação!
Era o ruído-clarão,
- O ígneo jato vulcânico
Que, atravessando a absconsa
cripta enorme
De minha cavernosa
subsciência,
Punha em clarividência
Intramoleculares sóis acesos
Perpetuamente às mesmas formas
presos,
Agarrados à inércia do Inorgânico
Escravos da Coesão!

Repuxavam-me a boca hórridos
trismos
E eu sentia, afinal,

Essa angústia alarmante
Própria de alienação raciocinante,
Cheia de ânsias e medos
Com crispações nos dedos
Piores que os paroxismos
Da árvore que a atmosfera ultriz
destronca.
A ouvir todo esse cosmos potencial,
Preso aos mineralógicos abismos
Angustiado e arquejante
A debater-se na estreiteza bronca
De um bloco de metal!

Como que a forja tétrica
Num estridor de estrago
Executava, em lúgubre crescendo
A antífona assimétrica
E o incompreensível wagnerismo
aziago
De seu destino horrendo!

Ao clangor de tais carmes de
martírio
Em cismas negras eu recaio imerso
Buscando no delírio
De uma imaginação convulsionada
Mais revolta talvez de que a onda
atlântica,
Compreender a semântica
Dessa aleluia bárbara gritada
Às margens glacialíssimas do Nada
Pelas coisas mais brutas do
Universo!

NOLI ME TANGERE

A exaltação emocional do Gozo,
O Amor, a Glória, a Ciência, a Arte
e a Beleza
Servem de combustível à ira acesa
Das tempestades do meu ser
nervoso!

Eu sou, por consequência, um ser
monstruoso!
Em minha arca encefálica indefesa
Choram as forças más da Natureza
Sem possibilidades de repouso!

Agregados anômalos malditos
Despedaçam-se, mordem-se, dão
gritos
Nas minhas camas cerebrais
funéreas...

Ai! Não toqueis em minhas faces
verdes,
Sob pena, homens felizes, de
sofrerdes
A sensação de todas as misérias!

O CANTO DOS PRESOS

Troa, a alardear bárbaros sons
abstrusos,
O epitalâmio da Suprema Falta,
Entoadado asperamente, em voz muito
alta,
Pela promiscuidade dos reclusos!

No wagnerismo desses sons
confusos,
Em que o Mal se engrandece e o
Ódio se exalta,
Uiva, à luz de fantástica ribalta,
A ignomínia de todos os abusos!

É a prosódia do cárcere, é a
partênea
Aterradoramente heterogênea
Dos grandes transviamentos
subjetivos...

É a saudade dos erros satisfeitos,
Que, não cabendo mais dentro dos
peitos,
Se escapa pela boca dos cativos!

ABERRAÇÃO

Na velhice automática e na infância,
(Hoje, ontem, amanhã e em qualquer

era)

Minha hibridez é a sùmula sincera
Das defectividades da Substância.

Criando na alma a estesia abstrusa
da ânsia,
Como Belerofonte com a Quimera
Mato o ideal; cresto o sonho;
achato a esfera
E acho odor de cadáver na
fragrância!

Chamo-me Aberração. Minha alma é
um misto
De anomalias lùgubres. Existo
Como a cancro, a exigir que os sãos
enfermem...

Teço a infâmia; urdo o crime;
engendro o lodo
E nas mudanças do Universo todo
Deixo inscrita a memória do meu
gérmen!

VÍTIMA DO DUALISMO

Ser miserável dentre os miseráveis
- Carrego em minhas células
sombrias
Antagonismos irreconciliáveis
e as mais opostas idiossincrasias!

Muito mais cedo do que imagináveis
Eis-vos, minha alma, enfim, dada às
bravias
Cóleras dos dualismos implacáveis
E à gula negra das antinomias!

Psique biforme, o Céu e o inferno
absorvo...
Criação a um tempo escura e cor-
de-rosa,
Feita dos mais variáveis elementos,

Ceva-se em minha carne, como um
corvo,
A simultaneidade ultramonstruosa
De todos os contrastes
famulentos!

AO LUAR

Quando, à noite, o Infinito se
levanta
À luz do luar, pelos caminhos
quedos
Minha tátil intensidade é tanta
Que eu sinto a alma do Cosmos nos
meus dedos!

Quebro a custódia dos sentidos
tredos
E a minha mão, dona, por fim, de

quanta
Grandeza o Orbe estrangula em
seus segredos,
Todas as coisas íntimas suplanta!

Penetro, agarro, ausculto,
apreendo, invado,
Nos paroxismos da hiperestesia,
O Infinitésimo e o Indeterminado...

Transponho ousadamente o átomo
rude
E, transmudado em rutilância fria,
Encho o Espaço com a minha
plenitude!

CANTO DE ONIPOTÊNCIA

Cloto, Átropos, Tifon, Laquesis,
Siva...
E acima deles, como um astro, a
arder,
Na hiperculminação definitiva
O meu supremo e extraordinário
Ser!

Em minha sobre-humana retentiva
Brilhavam, como a luz do
amanhecer,
A perfeição virtual tornada viva
E o embrião do que podia acontecer!

Por antecipação divinatória,
Eu, projetado muito além da
História,
Sentia dos fenômenos o fim...

A coisa em si movia-se aos meus
brados
E os acontecimentos subjugados
Olhavam como escravos para mim!

MINHA ÁRVORE

Olha: É um triângulo estéril de ínvia
estrada!
Como que a erva tem dor... Roem-na
amarguras
Talvez humanas, e entre rochas
duras
Mostra ao Cosmos a face
degradada!

Entre os pedrouços maus dessa
morada
É que, às apalpadelas e às escuras,
Hão de encontrar as gerações
futuras
Só, minha árvore humana
desfolhada!

Mulher nenhuma afagará meu

tronco!
Eu não me abalarei, nem mesmo ao
ronco
Do furacão que, rábido, remoinha...

Folhas e frutos, sobre a terra
ardente
Hão de encher outras árvores!
Somente
Minha desgraça há de ficar sozinha!

ANSEIO

Quem sou eu, neste ergástulo das
vidas
Danadamente, a soluçar de dor?!
- Trinta trilhões de células
vencidas,
Nutrindo uma efeméride interior.

Branda, entanto, a afagar tantas
feridas,
A áurea mão taumatúrgica do Amor
Traça, nas minhas formas
carcomidas,
A estrutura de um mundo superior!

Alta noite, esse mundo incoerente
Essa elementaríssima semente
Do que hei de ser, tenta transpor o
Ideal...

Grita em meu grito, alarga-se em
meu hausto,
E, ai! como eu sinto no esqueleto
exausto
Não poder dar-lhe vida material!

À MESA

Cedo à sofreguidão do estômago. É
a hora
De comer. Coisa hedionda! Corro. E
agora,
Antegozando a ensangüentada
presa,
Rodeado pelas moscas repugnantes,
Para comer meus próprios
semelhantes
Eis-me sentado à mesa!

Como porções de carne morta... Ai!
Como
Os que, como eu, têm carne, com
este assomo
Que a espécie humana em comer
carne tem!...
Como! E pois que a Razão me não
reprime,
Possas a terra vingar-se do meu
crime
Comendo-me também.

MÃOS

Há mãos que fazem medo
Feias agregações pentagonais,
Umas, em sangue, a delinqüente
natos,
Assinalados pelo mancinismo,
Pertencentes talvez...
Outras, negras, a farpas de
rochedo
Completamente iguais...
Mãos de linhas análogas a anfratos
Que a Natureza onicriadora fez
Em contraposição e antagonismo
Às da estrela, às da neve, às dos
cristais.

Mãos que adquiriram olhos,
pituítárias
Olfativas, tentáculos sutis
E à noite, vão cheirar, quebrando
portas
O azul gasofiláceo silencioso
Dos tálamos cristãos.
Mãos adúlteras, mãos mais
sangüinárias
E estupradoras do que os bisturis
Cortando a carne em flor das
crianças mortas.
Monstruosíssimas mãos,

Que apalpa e olha com lascívia e
gozo
A pureza dos corpos infantis.

REVELAÇÃO

I

Escafandrista de insondado oceano
Sou eu que, aliando Buda ao
sibarita,
Penetro a essência plásmica
infinita,
- Mãe promíscua do amor e do ódio
insano!

Sou eu que, hirto, auscultando o
absconso
[arcano,
Por um poder de acústica esquisita,
Ouço o universo ansioso que se
agita
Dentro de cada pensamento
humano!

No abstrato abismo equóreo, em
que me
[inundo,
Sou eu que, revolvendo o ego
profundo
E a escuridão dos cérebros

medonhos,

Restituo triunfalmente à esfera
calma
Todos os cosmos que circulam na
alma
Sob a forma embriológica de
sonhos!

II

Treva e fulguração; sânie e
perfume;
Massa palpável e éter; desconforto
E ataraxia; feto vivo e aborto...
- Tudo a unidade do meu ser
resume!

Sou eu que, ateando da alma o
ocíduo lume,
Apreendo, em cisma abismadora
absorto,
A potencialidade do que é morto
E a eficácia prolífica do estrume!

Ah! Sou eu que, transpondo a
escarpa angusta
Dos limites orgânicos estreitos,
Dentro dos quais recalco em vão
minha ânsia,

Sinto bater na putrescível crusta
Do tegumento que me cobre os

peitos

Toda a imortalidade da Substância!

VERSOS A UM COVEIRO

Numerar sepulturas e carneiros,
Reduzir carnes podres a algarismos,
Tal é, sem complicados silogismos,
A aritmética hedionda dos coveiros!

Um, dois, três, quatro, cinco...
Esoterismos
Da Morte! E eu vejo, em fúlgidos
letreiros,
Na progressão dos números inteiros
A gênese de todos os abismos!

Oh! Pitágoras da última aritmética,
Continua a contar na paz ascética
Dos tábidos carneiros sepulcrais

Tíbias, cérebros, crânios, rádios e
úmeros,
Porque, infinita como os próprios
números,
A tua conta não acaba mais!

TREVAS

Haverá, por hipótese, nas geenas
Luz bastante fulmínea que
transforme
Dentro da noite cavernosa e
enorme
Minhas trevas anímicas serenas?!

Raio horrendo haverá que as rasgue
apenas?!
Não! Porque, na abismal substância
informe,
Para convulsionar a alma que dorme
Todas as tempestades são
pequenas!

Há de a Terra vibrar na ardência
infinda
Do éter em branca luz
transsubstanciado,
Rotos os nimbos maus que a
obstruem a esmo...

A própria Esfinge há de falar-vos
ainda
E eu, somente eu, hei de ficar
trancado
Na noite aterradora de mim mesmo!

AS MONTANHAS

I

Das nebulosas em que te emaranhas
Levanta-te, alma, e dize-me, afinal,
Qual é, na natureza espiritual,
A significação dessas montanhas!

Quem não vê nas graníticas
entranhas
A subjetividade ascensional
Paralisada e estrangulada, mal
Quis erguer-se a cumíadas
tamanhas?!

Ah! Nesse anelo trágico de altura
Não serão as montanhas,
porventura,
Estacionadas, íngremes, assim,

Por um abortamento de mecânica,
A representação ainda inorgânica
De tudo aquilo que parou em mim?!

II

Agora, oh! deslumbrada alma,
perscruta
O puerpério geológico interior,
De onde rebenta, em contrações de
dor,
Toda a sublevação da crosta
hirsuta!

No curso inquieto da terráquea luta
Quantos desejos férvidos de amor
Não dormem, recalcados, sob o
horror
Dessas agregações de pedra
bruta?!

Como nesses relevos orográficos,
Inacessíveis aos humanos tráficos
Onde sóis, em semente, amam
jazer,

Quem sabe, alma, se o que ainda não
existe
Não vive em gérmen no agregado
triste
Da síntese sombria do meu Ser?!

APOCALIPSE

Minha divinatória Arte ultrapassa
Os séculos efêmeros e nota
Diminuição dinâmica, derrota
Na atual força, integérrima, da
Massa.

É a subversão universal que ameaça
A Natureza, e, em noite aziaga e
ignota,
Destrói a ebulição que a água

alvorota
E põe todos os astros na desgraça!

São despedaçamentos, derrubadas,
Federações sidéricas quebradas...
E eu só, o último a ser, pelo orbe
adiante,

Espião da cataclísmica surpresa,
A única luz tragicamente acesa
Na universalidade agonizante!

A NAU

A Heitor Lima

Sôfrega, alçando o hirto esporão
guerreiro,
Zarpa. A íngreme cordoalha úmida
fica...
Lambe-lhe a quilha a espúmea onda
impudica
E ébrios tritões, babando, haurem-
lhe o cheiro!

Na glauca artéria equórea ou no
estaleiro
Ergue a alta mastreação, que o Éter
indica,
E estende os braços da madeira
rica

Para as populações do mundo
inteiro!

Aguarda-a ampla reentrância de
angra horrenda,
Pára e, a amarra agarrada à âncora,
sonha!
Mágoas, se as tem, subjogue-as ou
disfarce-as...

E não haver uma alma que lhe
entenda
A angústia transoceânica medonha
No rangido de todas as enxárcias!

VOLÚPIA IMORTAL

Cuidas que o genesíaco prazer,
Fome do átomo e eurítmico
transporte
De todas as moléculas, aborte
Na hora em que a nossa carne
apodrecer?!

Não! Essa luz radial, em que arde o
Ser,
Para a perpetuação da Espécie
forte,
Tragicamente, ainda depois da
morte,
Dentro dos ossos, continua a arder!

Surdos destarte a apóstrofes e
brados,
Os nossos esqueletos descarnados,
Em convulsivas contorções sensuais,

Haurindo o gás sulfídrico das covas,
Com essa volúpia das ossadas novas
Hão de ainda se apertar cada vez
mais!

O FIM DAS COISAS

Pode o homem bruto, adstrito à
ciência grave,
Arrancar, num triunfo
surpreendente,
Das profundezas do Subconsciente
O milagre estupendo da aeronave!

Rasgue os broncos basaltos negros,
cave,
Sôfrego, o solo sáxeo; e, na ânsia
ardente
De perscrutar o íntimo do orbe,
invente
A lâmpada aflogística de Davy!

Em vão! Contra o poder criador do
Sonho
O Fim das Coisas mostra-se

medonho

Como o desaguadouro atro de um
rio...

E quando, ao cabo do último milênio,
A humanidade vai pesar seu gênio
Encontra o mundo, que ela encheu,
vazio!

VIAGEM DE UM VENCIDO

Noite. Cruzes na estrada. Aves com
frio...

E, enquanto eu tropeçava sobre os
paus,
A efígie apocalíptica do Caos
Dançava no meu cérebro sombrio!

O Céu estava horrivelmente preto
E as árvores magríssimas
lembravam
Pontos de admiração que se
admiravam
De ver passar ali meu esqueleto!

Sozinho, uivando hoffmânnicos
dizeres,
Aprazia-me assim, na escuridão,
Mergulhar minha exótica visão
Na intimidade noumenal dos seres.

Eu procurava, com uma vela acesa,
O feto original, de onde decorrem
Todas essas moléculas que morrem
Nas transubstanciações da
Natureza.

Mas o que meus sentidos
apreendiam
Dentro da treva lúgubre, era só
O ocaso sistemático de pó,
Em que as formas humanas se
sumiam!

Reboava, num ruidoso borborinho
Bruto, análogo ao peã da márcios
brados,
A rebeldia dos meus pés danados
Nas pedras resignadas do caminho.

Sentia estar pisando com a planta
ávida
Um povo de radículas e embriões
Prestes a rebentar, como vulcões,
Do ventre equatorial da terra
grávida!

Dentro de mim, como num chão
profundo,
Choravam, com soluços quase
humanos,
Convulsionando Céus, almas e
oceanos
As formas microscópicas do mundo!

Era a larva agarrada a absconsas
landes,
Era o abjeto vibrião rudimentar
Na impotência angustiosa de falar,
No desespero de não serem
grandes!

Vinha-me à boca, assim, na ânsia
dos párias,
Como o protesto de uma raça
invicta,
O brado emocionante de vindicta
Das sensibilidades solitárias!

A longanimidade e o vilipêndio,
A abstinência e a luxúria, o bem e o
mal
Ardiam no meu orco cerebral,
Numa crepitação própria de
incêndio!

Em contraposição à paz funérea,
Doía profundamente no meu crânio
Esse funcionamento simultâneo
De todos os conflitos da matéria!

Eu, perdido no Cosmos, me tornara
A assembléia belígera malsã,
Onde Ormuzd guerreava com
Arimã,
Na discórdia perpétua do sansara!

Já me fazia medo aquela viagem
A carregar pelas ladeiras tétricas,

Na óssea armação das vértebras
simétricas
A angústia da biológica engrenagem!

No Céu, de onde se vê o Homem de
rastros,
Brilhava, vingadora, a esclarecer
As manchas subjetivas do meu ser
A espionagem fatídica dos astros!

Sentinelas de espíritos e estradas,
Noite alta, com a sidérica lanterna,
Eles entravam todos na caverna
Das consciências humanas mais
fechadas!

Ao castigo daquela rutilância,
Maior que o olhar que perseguiu
Caim,
Cumpria-se afinal dentro de mim
O próprio sofrimento da
Substância!

Como quem traz ao dorso muitas
cargas
Eu sofria, ao colher simples
gardênia,
A multiplicidade heterogênea
De sensações diversamente
amargas.

Mas das árvores, frias como lousas,
Fluía, horrenda e monótona, uma
voz

Tão grande, tão profunda, tão
feroz
Que parecia vir da alma das cousas:

"Se todos os fenômenos complexos,
Desde a consciência à antítese dos
sexos
Vêm de um dínamo fluídico de gás,
Se hoje, obscuro, amanhã píncaros
galgas,
A humildade botânica das algas
De que grandeza não será capaz?!

Quem sabe, enquanto Deus, Jeová
ou Siva
Oculta à tua força cognitiva
Fenomenalidades que hão de vir,
Se a contração que hoje produz o
choro
Não há de ser no século vindouro
Um simples movimento para rir?!

Que espécies outras, do Equador
aos pólos,
Na prisão milenária dos subsolos,
Rasgando avidamente o húmus
malsão,
Não trabalham, com a febre mais
bravia,
Para erguer, na ânsia cósmica, a
Energia
À última etapa da objetivação?!

É inútil, pois, que, a espiar enigmas,

entres

Na química genésica dos ventres,
Porque em todas as coisas, afinal,
Crânio, ovário, montanha, árvore,
iceberg,
Tragicamente, diante do Homem, se
ergue
A esfinge do Mistério Universal!

A própria força em que teu Ser se
expande,
Para esconder-se nessa esfinge
grande,
Deu-te (oh! mistério que se não
traduz!)

Neste astro ruim de tenebras e
abrolhos
A efeméride orgânica dos olhos
E o simulacro atordoador da Luz!

Por isto, oh! filho dos terráqueos
limos,
Nós, arvoredos desterrados, rimos
Das vãs diatribes com que aturdes
o ar...

Rimos, isto é, choramos, porque, em
suma,
Rir da desgraça que de ti ressuma
É quase a mesma coisa que chorar!"

Às vibrações daquele horrível
carne
Meu dispêndio nervoso era tamanho
Que eu sentia no corpo um vácuo

estranho

Como uma boca sôfrega a esvaziar-me!

Na avançada epiléptica dos medos
Cria ouvir, a escalar Céus e apogeus,
A voz cavernosíssima de Deus,
Reproduzida pelos arvoredos!

Agora, astro decrépito, em
destroços,
Eu, desgraçadamente magro, a
erguer-me,
Tinha necessidade de esconder-me
Longe da espécie humana, com os
meus ossos!

Restava apenas na minha alma bruta
Onde frutificara outrora o Amor
Uma volicional fome interior
De renúncia budística absoluta!

Porque, naquela noite de ânsia e
inferno,
Eu fora, alheio ao mundanário ruído,
A maior expressão do homem
vencido
Diante da sombra do Mistério
Eterno!

A NOITE

A nebulosidade ameaçadora
Tolda o éter, mancha a gleba,
agride os rios
E urde amplas teias de carvões
sombrios
No ar que álaque e radiante, há
instantes, fora.

A água transubstancia-se. A onda
estoura
Na negridão do oceano e entre os
navios
Troa bárbara zoadada de ais bravios,
Extraordinariamente atordoadora.

À custódia do anímico registro
A planetária escuridão se anexa...
Somente, iguais a espiões que
acordam cedo,

Ficam brilhando com fulgor sinistro
Dentro da treva onímoda e
complexa
Os olhos fundos dos que estão com
medo!

A OBSESSÃO DO SANGUE

Acordou, vendo sangue... Horrível!

O osso
Frontal em fogo... Ia talvez morrer,
Disse. Olhou-se no espelho. Era tão
moço,
Ah! certamente não podia ser!

Levantou-se. E, eis que viu, antes do
almoço,
Na mão dos açougueiros, a escorrer
Fita rubra de sangue muito grosso,
A carne que ele havia de comer!

No inferno da visão alucinada,
Viu montanhas de sangue enchendo
a estrada,
Viu vísceras vermelhas pelo chão...

E amou, com um berro bárbaro de
gozo,
O monocromatismo monstruoso
Daquela universal vermelhidão!

VOX VICTIMAE

Morto! Consciência quieta haja o
assassino
Que me acabou, dando-me ao corpo
vão
Esta volúpia de ficar no chão
Fruindo na tabidez sabor divino!

Espiando o meu cadáver ressupino,
No mar da humana proliferação,
Outras cabeças aparecerão
Para compartilhar do meu destino!

Na festa genetlíaca do Nada,
Abraço-me com a terra
atormentada
Em contubérnio convulsionador...

E ai! Como é boa esta volúpia
obscura
Que une os ossos cansados da
criatura
Ao corpo ubiqüitário do Criador!

O ÚLTIMO NÚMERO

Hora da minha morte. Hirta, ao meu
lado,
A Idéia estertorava-se... No fundo
Do meu entendimento moribundo
Jazia o Último Número cansado.

Era de vê-lo, imóvel, resignado,
Tragicamente de si mesmo oriundo,
Fora da sucessão, estranho ao
mundo,
Com o reflexo fúnebre do Incriado:

Bradei: - Que fazes ainda no meu

crânio?
E o Último Número, atro e
subterrâneo,
Parecia dizer-me: "É tarde, amigo!

Pois que a minha antogênica
Grandeza
Nunca vibrou em tua língua presa,
Não te abandono mais! Morro
contigo!"

MÁGOAS

Quando nasci, num mês de tantas
flores,
Todas murcharam, tristes,
langorosas,
Tristes fanaram redolentes rosas,
Morreram todas, todas sem olores.

Mais tarde da existência nos
verdores
Da infância nunca tive as
venturosas
Alegrias que passam bonançosas,
Oh! minha infância nunca tive
flores!

Volvendo à quadra azul da
mocidade,
Minh'alma levo aflita à Eternidade,

Quando a morte matar meus
dissabores.

Cansado de chorar pelas estradas,
Exausto de pisar mágoas pisadas,
Hoje eu carrego a cruz de minhas
dores!

O CONDENADO

Folga a Justiça e geme a
natureza

Bocage

Alma feita somente de granito,
Condenada a sofrer cruel tortura
Pela rua sombria d'amargura
- Ei-lo que passa - réprobo maldito.

Olhar ao chão cravado e sempre
fito,
Parece contemplar a sepultura
Das suas ilusões que a desventura
Desfez em pó no horrído delito.

E, à cruz da expiação subindo mudo,
A vida a lhe fugir já sente prestes
Quando ao golpe do algoz, calou-se
tudo.

O mundo é um sepulcro de tristeza.

Ali, por entre matas de ciprestes,
Folga a justiça e geme a natureza.

SONETO

Ouvi, senhora, o cântico sentido
Do coração que geme e s'estertora
N'ânsia letal que mata e que o
devora
E que tornou-o assim, triste e
descrido.

Ouvi, senhora, amei; de amor
ferido,
As minhas crenças que alentei
outrora
Rolam dispersas, pálidas agora,
Desfeitas todas num guaiar dorido.

E como a luz do sol vai-se apagando!
E eu, triste, triste pela vida afora,
Eterno pegureiro caminhando,

Revolvo as cinzas de passadas eras,
Sombrio e mudo e glacial, senhora,
Como um coveiro a sepultar
quimeras!

INFELIZ

Alma viúva das paixões da vida,
Tu que, na estrada da existência em
fora,
Cantaste e riste, e na existência
agora
Triste soluças a ilusão perdida;

Oh! tu, que na grinalda emurhecida
De teu passado de felicidade
Foste juntar os goivos da Saudade
Às flores da Esperança
enlanguescida;

Se nada te aniquila o desalento
Que te invade, e pesar negro e
profundo,
Esconde à Natureza o sofrimento,

E fica no teu ermo entristecida,
Alma arrancada do prazer do
mundo,
Alma viúva das paixões da vida.

SONETO

N'augusta solidão dos cemitérios,
Resvalando nas sombras dos
ciprestes,
Passam meus sonhos sepultados

nestes
Branços sepulcros, pálidos,
funéreos.

São minhas crenças divinais,
ardentes
- Alvos fantasmas pelos
merencórios
Túmulos tristes, soturnais, silentes,
Hoje rolando nos umbrais
marmóreos,

Quando da vida, no eternal soluço,
Eu choro e gemo e triste me
debruço
Na laje fria dos meus sonhos
pulcros,

Desliza então a lúgubre coorte.
E rompe a orquestra sepulcral da
morte,
Quebrando a paz suprema dos
sepulcros.

NOIVADO

Os namorados ternos suspiravam,
Quando há de ser o venturoso dia?!
Quando há de ser?! O noivo então
dizia
E a noiva e ambos d'amores

s'embriagavam.

E a mesma frase o noivo repetia;
Fora no campo pássaros trinavam.
Quando há de ser?! E os pássaros
falavam,
Há de chegar, a brisa respondia.

Vinha rompendo a aurora
majestosa,
Dos rouxinóis ao sonoro harpejo
E a luz do sol vibrava esplendorosa.

Chegara enfim o dia desejado,
Ambos unidos, soluçara um beijo,
Era o supremo beijo de noivado!

SONETO

No meu peito arde em chamas
abrasada
A pira da vingança reprimida,
E em centelhas de raiva
ensurdecida
A vingança suprema e concentrada

E espuma e ruge a cólera
entranhada,
Como no mar a vaga embravecida
Vai bater-se na rocha empedernida,

Espumando e rugindo em marulhada

Mas se das minhas dores ao
calvário,
Eu subo na atitude dolorida
De um Cristo a redimir um mundo
vário,

Em luta co'a natura sempiterna,
Já que do mundo não vinguei-me em
vida,
A morte me será vingança eterna.

TRISTE REGRESSO

A Dias Paredes

Uma vez um poeta, um tresloucado,
Apaixonou-se d'uma virgem bela;
Vivia alegre o vate apaixonado,
Louco vivia, enamorado dela.

Mas a Pátria chamo-o. Era soldado.
E tinha que deixar para sempre
aquela
Meiga visão, olímpica e singela?
E partiu, coração amargurado.

Dos canhões ao ribombo, e das
metralhas,
Altivo lutador, venceu batalhas,
Juncou-lhe a fronte aurifulgente
estrela.

E voltou, mas a fronte aureolada,
Ao chegar, pendeu triste e
desmaiada,
No sepulcro da loura virgem bela.

AMOR E RELIGIÃO

Conheci-o: era um padre, um desses
santos
Sacerdotes da Fé de crença pura,
Da sua fala na eternal doçura
Falava o coração. Quantos, oh!
Quantos

Ouviram dele frases de candura
Que d'infelizes enxugavam prantos!
E como alegres não ficaram tantos
Corações sem prazer e sem ventura!

No entanto dizem que este padre
amara.
Morrera um dia desvairado, estulto,
Su'alma livre para o céu se alara.

E Deus lhe disse: "És duas vezes
santo,
Pois se da Religião fizeste culto,
Foste do amor o mártir
sacrossanto."

SONETO

Ao me prezado irmão Alexandre
Júnior
pelas nove primaveras que hoje
completou.

Canta no espaço a passarada e
canta
Dentro do peito o coração
contente,
Tu'alma ri-se descuidosamente,
Minh'alma alegre no teu rir
s'encanta.

Irmão querido, bom Papá, consente
Que neste dia de ventura tanta
Vá, num abraço de ternura santa,
Mostrar-te o afeto que meu peito
sente.

Somente assim festejarei teus
anos;
Enquanto outros podem, dão-te
enganos,
Jóias, bonecos de formoso busto,

Eu só encontro no primor da rima
A justa oferta, a jóia que te
exprima
O amor fraterno do teu mano

Augusto

SAUDADE

Hoje que a mágoa me apunhala o
seio,
E o coração me rasga atroz, imensa,
Eu a bendigo da descrença em meio,
Porque eu hoje só vivo da
descrença.

À noite quando em funda soledade
Minh'alma se recolhe tristemente,
Pra iluminar-me a alma descontente,
Se acende o círio triste da
Saudade.

E assim afeito às mágoas e ao
tormento,
E à dor e ao sofrimento eterno
afeito,
Para dar vida à dor e ao sofrimento,

Da saudade na campa enegrecida
Guardo a lembrança que me sangra
o peito,
Mas que no entanto me alimenta a
vida.

A ESMOLA DE DULCE

Ao Alfredo A.

E todo o dia eu vou como um
perdido
De dor, por entre a dolorosa
estrada,
Pedir a Dulce, a minha bem amada
A esmola dum carinho apeteecido.

E ela fita-me, olhar enlanguescido,
E eu balbucio trêmula balada:
- Senhora dai-me u'a esmola - e
estertorada
A minha voz soluça num gemido.

Morre-me a voz, e eu gemo o último
harpejo,
Estendendo à Dulce a mão, a fé
perdida,
E dos lábios de Dulce cai um beijo.

Depois, como este beijo me consola!
Bendita seja a Dulce! A minha vida
Estava unicamente nessa esmola.

SONETO

Gênio das trevas lúgubres, acolhe-
me,

Leva-me o espírito dessa luz que
mata,
E a alma me ofusca e o peito me
maltrata,
E o viver calmo e sossegado tolhe-
me!

Leva-me, obumbra-me em teu seio,
acolhe-me
N'asa da Morte redentora, e à
ingrata
Luz deste mundo em breve me
arrebata
E num pallium de tênebras recolhe-
me!

Aqui há muita luz e muita aurora,
Há perfumes d'amor - venenos
d'alma -
E eu busco a plaga onde o repouso
mora,

E as trevas moram, e, onde d'água
raso
O olhar não trago, nem me turba a
calma
A aurora deste amor que é o meu
ocaso!

O MAR

O mar é triste como um cemitério;

Cada rocha é uma eterna sepultura
Banhada pela imácula brancura
De ondas chorando num alvor
etéreo.

Ah! dessas vagas no bramir funéreo
Jamais vibrou a sinfonia pura
Do Amor; lá, só descanta, dentre a
escura
Treva do oceano, a voz do meu
saltério!

Quando a cândida espuma dessas
vagas,
Banhado a fria solidão das fragas,
Onde a quebrar-se tão fugaz se
esfuma,

Reflete a luz do sol que já não arde,
Treme na treva a púrpura da tarde,
Chora a Saudade envolta nesta
espuma!

SONETO

Aurora morta, foge! Eu busco a
virgem loura
Que fugiu-me do peito ao teu clarão
de morte
E Ela era a minha estrela, o meu
único Norte,

O grande Sol de afeto - o Sol que
as almas
[doura!

Fugiu... E em si levou a Luz
consoladora
Do amor - esse clarão eterno d'alma
forte -
Astro da minha Paz, Sírius da minha
Sorte
E da Noite da vida a Vênus
redentora.

Agora, oh! minha Mágoa, agita as
tuas asas,
Vem! Rasga deste peito as
nebulosas gazas
E, num pálio auroral de Luz
deslumbradora,

Acende à Claridade. Adeus oh! Dia
escuro,
Dia do meu Passado! Irrompe, meu
Futuro;
Aurora morta, fuge - eu busco a
virgem loura!

SONETO

Canta teu riso esplêndido sonata,
E há, no teu riso de anjos

encantados,
Como que um doce tilintar de prata
E a vibração de mil cristais
quebrados.

Bendito o riso assim que se desata
- Cítara suave dos apaixonados,
Sonorizando os sonhos já passados,
Cantando sempre em trínula volata!

Aurora ideal dos dias meus
risonhos,
Quando, úmido de beijos em
ressábios
Teu riso esponta, despertando...

Ah! Num delíquio de ventura louca,
Vai-se minh'alma toda nos teus
beijos,
Ri-se o meu coração na tua boca!

CRAVO DE NOIVA

Ao Dias Paredes

Cravo de noiva. A nívea cor de cera
Que o seu seio branqueja, é como
os prantos
Níveos, que a virgem chora, entre
os encantos
Dum noivado risonho em primavera.

Flor de mistérios d'alma,
sacrossantos,
Guarda segredos divinais que eu
dera
Duas vidas, se duas eu tivera
Pra desvendar os seus segredos
santos.

E tudo quer que nessa flor se
enleve
O poeta. É que dessa concha
armínea,
Da lactescência angélica da neve,

Se evolam castos, virginais aromas
De essência estranha; olências de
virgínea
Carne fremindo num langor de
pomas.

PLENILÚNIO

Desmaia o plenilúnio. A gaze pálida
Que lhe serve de alvíssimo sudário
Respira essências raras, toda a
cálida
Mística essência desse alampadário.

E a lua é como um pálido sacrário,
Onde as almas das virgens em

crisálida
De seios alvos e de fronte pálida,
Derramam a urna dum perfume
vário.

Voga a lua na etérea imensidade!
Ela, eterna noctâmbula do Amor,
Eu, noctâmbulo da Dor e da
Saudade.

Ah! Como a branca e merencória
lua,
Também envolta num sudário - a
Dor,
Minh'alma triste pelos céus flutua!

CÍTARA MÍSTICA

Cantas... E eu ouço etérea cavatina!
Há nos teus lábios - dois sangrentos
círios -
A gêmea florescência de dois lírios
Entrelaçados numa unção divina.

Como o santo levita dos Martírios,
Rendo piedosa dúlia peregrina
À tua doce voz que me fascina,
- Harpa virgem brandindo mil
delírios!

Quedo-me aos poucos, penseroso e

pasmo,
E a Noite afeia como num sarcasmo
E agora a sombra vespéral morreu...

Chegou a Noite... E para mim, meu
anjo,
Teu canto agora é um salmodiar de
arcanjo,
É a música de Deus que vem do Céu!

SÚPLICA NUM TÚMULO

Maria, eis-me a teus pés. Eu venho
arrependido,
Implorar-te o perdão do imenso
crime meu!
Eis-me, pois, a teus pés, perdoa o
teu vencido,
Açucena de Deus, lírio morto do
Céu!

Perdão! E a minha voz estertora um
gemido,
E o lábio meu pra sempre apartado
do teu
Não há de beijar mais o teu lábio
querido!
Ah! Quando tu morreste, o meu
Sonho
[morreu!

Perdão, pátria da Aurora exilada do
Sonho!

- Irei agora, assim, pelo mundo,
para onde
Me levar o Destino abatido e
tristonho...

Perdão! E este silêncio e esta
tumba que cala!
Insânia, insânia, insânia, ah! ninguém
me
[responde...
Perdão! E este sepulcro imenso que
não fala!

AFETOS

Bendito o amor que infiltra n'alma o
enleio
E santifica da existência o cardo,
- Amor que é mirra e que é sagrado
cardo,
Turificando a languidez dum seio!

O amor, porém, que da Desgraça
veio
Maldito seja, seja como o fardo
Desta descrença funeral em que
ardo
E com que o fogo da paixão ateio!

Funebulescamente a alma se atira

À luta das paixões, e, como a
Aurora
Que ao beijo vespéral anseia e
expira,

Desce para a alma o ocaso da
Carícia
Ora em sonhos de Dor, supremos, e
ora
Em contorções supremas de Delícia!

MARTÍRIO SUPREMO

Duma Quimera ao fascinante
abraço,
Por um Cocito ardente e luxurioso,
Onde nunca gemeu o humano passo,
Transpus um dia o Inferno Azul do
Gozo!

O amor em lavas de candência d'aço,
Banhrou-me o peito... Em ânsia de
repouso,
Da Messalina fria no regaço,
Chora saudades do terreno pouso!

Como um mártir de estranho
sacrifício,
Tinha os lábios crestados pela
ardência
Da luz letal do grande Sol do Vício!

E mergulhei mais fundo no
estuário...
Mas, no Inferno do Gozo, sem
Calvário,
Cristo d'amor morri pela inocência!

RÉGIO

Festa no paço! Noite... E no
entretanto
Luzes, flores, clarões por toda a
festa
E há nos régios salões, em cada
aresta,
Credências d'ouro de supremo
encanto.

No baldaquino a orquestra real se
apresta
E o áureo dossel finge um relevo
santo...
- Bissos egípcios d'alto gosto, a um
canto,
Flordilizados de nelumbo e giesta.

Morreu a noite e veio o Sol Eterno
- Âmbar de sangue que desceu do
Inferno
No turbilhão dos alvos raios
diurnos...

Brilham no paço refulgências de
elmo
E a princesa assomou como um
santelmo
Na realeza branca dos coturnos.

MÁRTIR DA FOME

Nesta da vida lúgubre caverna
De ossos e frios funerais que eu
sinto
Como um chacal saciando o eterno
instinto
Vou saciando a minha Fome Eterna.

- Fome de sangue de um Passado
extinto,
De extintas crenças - bacanal
superna,
Horrível assim como a Hidra de
Lerna
E muda como o bronze de Corinto!

Ânsias de sonhos, desespero fundo!
E a alma que sonha no marnel do
Mundo,
Morre de Fome pelas noites belas...

E como o Cristo - o Mártir do
Calvário
Morre. E no entanto vai para o

estelário
Matar a Fome num festim de
estrelas!

FESTIVAL

Para Jônatas Costa

Címbalos soam no salão. O dia
Foge, e ao compasso de arrabis
serenos
A valsa rompe, em compassados
trenos
Sobre os veludos da tapeçaria.

Estatuetas de mármore de Lemnos
Estão dispostas numa simetria
Inconfundível, recordando a estria
Dos corpos nêveos de Afrodite e
Vênus.

Fulgem por entre mil cristais
vermelhos
O alvo cristal dos nítidos espelhos
E a seda verde dos arbustos
glabros.

E em meio às refrações verdes e
hialinas,
Vibra, batendo em todas as retinas,
A incandescência irial dos
candelabros.

NOTURNO

Chove. Lá fora os lampiões escuros
Semelham monjas a morrer... Os
ventos,
Desencadeados, vão bater,
violentos,
De encontro às torres e de
encontro aos muros.

Saio de casa. Os passos mal seguros
Trêmulo movimento, mas meus
movimentos
Susto, diante do vulto dos
conventos,
Negro, ameaçando os séculos
futuros!

De São Francisco no plangente
bronze
em badaladas compassadas onze
Horas soaram... Surgem agora a
Lua.

E eu sonho erguer-me aos páramos
etéreos
Enquanto a chuva cai nos cemitérios
E o vento apaga os lampiões da rua!

SONETO

(Feito no decurso de dois
minutos, em homenagem
ao aniversário natalício de
Alexandre Rodrigues dos
Anjos - 28 de abril de 1905).

Para quem tem na vida
compreendido
Toda a grandeza da Fraternidade
O aniversário dum irmão querido
A alma de alegres emoções invade.

Depois quando no irmão
estremecido
Fazem aliança o gênio e a
probidade,
Atinge o amor um grau nunca
atingido
No termômetro santo da Amizade.

O Alexandre dos Anjos merecia
Grandes coroas nesse grande dia,
Tesouros reais, auríferos
tesouros...

Terá no entanto indubitavelmente
A admiração do século presente
E a sagração dos séculos vindouros!

O NEGRO

Oh! Negro, oh! Filho da Hotentóia
ufana
Teus braços brônzeos como dois
escudos,
São dois colossos, dois gigantes
mudos,
Representando a integridade
humana!

Nesses braços de força soberana
Gloriosamente à luz do sol desnudos
Ao bruto encontro dos ferrões
agudos
Gemeu por muito tempo a alma
africana!

No colorido dos teus brônzeos
braços,
Fulge o fogo mordente dos
mormaços
E a chama fulge do solar brasido...

E eu cuido ver os múltiplos produtos
Da Terra - as flores e os metais e
os frutos
Simbolizados nesse colorido!

SENECTUDE PRECOCE

Envelheci. A cal da sepultura
Caiu por sobre a minha mocidade...
E eu que julgava em minha
idealidade
Ver inda toda a geração futura!

Eu que julgava! Pois não é verdade?!
Hoje estou velho. Olha essa neve
pura!
- Foi saudade? Foi dor? - Foi tanta
agrura
Que eu nem sei se foi dor ou foi
saudade!

Sei que durante toda a travessia
Da minha infância trágica, vivia,
Assim como uma casa abandonada.

Vinte e quatro anos em vinte e
quatro horas...
Sei que na infância nunca tive
auroras,
E afora disto, eu já nem sei mais
nada!

ANDRÉ CHÉNIER

Na real magnificência dos gigantes
Grave como um lacedemônio

harmoste
André Chénier ia subir ao poste
A que Luís XVI subira dantes!

Que a sua morte a homem nenhum
desgoste
E incite o heroísmo das nações
distantes!...
Por isso, ele, a morrer, canta
vibrantes
Versos divinos que arrebatam a
hoste.

Não há quem nele um só tremor
denote!
- Continua a cantar, a alma serena...
Mas, de repente, pressentindo a
lousa,

Batendo com a cabeça no barrote
Da guilhotina, diz ao povo: - "É pena!
- Aqui ainda havia alguma cousa..."

MYSTICA VISIO

Vinha passando pelo meu caminho
Um vulto estranhamento iluminado...
Para onde eu ia, o vulto ia a meu
lado
E desde então, não andei mais
sozinho!

Abraçou-me, beijou-me com um
carinho
Que a um ser divino não seria
dado...
E eu me elevava, sendo assim
beijado
Muito acima do humano borborinho!

Falou-me de ilusões e de luars,
Da tribo alegre que povoa os ares...
- Assombrava-me aquela claridade!

Mas através daquelas falsas luzes
Pude rever enfim todas as cruces
Que têm pesado sobre a
Humanidade!

ILUSÃO

Dizes que sou feliz. Não mentes.
Dizes
Tudo que sentes. A infelicidade
Parece às vezes com a felicidade
E os infelizes mostram ser felizes!

Assim, em Tebas - a tumbal cidade,
A múmia de um herói do tempo de
Ísis,
Ostenta ainda as mesmas cicatrizes
Que eternizaram sua heroicidade!

Quem vê o herói, inda com o braço
altivo,
Diz que ele não morreu, diz que ele
é vivo,
E, persuadido fica do que diz...

Bem como tu, que nessa crença
infinda
Feliz me viste no Passado, e ainda
Te persuades de que sou feliz!

GOZO INSATISFEITO

Entre o gozo que aspiro, e o
sofrimento
De minha mocidade, experimento
O mais profundo e abalador atrito...
Queimam-me o peito cáusticos de
fogo
Esta ânsia de absoluto desafogo
Abrange todo o círculo infinito.

Na insaciedade desse gozo falho
Busco no desespero do trabalho,
Sem um domingo ao menos de
repouso,
Fazer parar a máquina do instinto,
Mas, quanto mais me desespero,
sinto
A insaciabilidade desse gozo!

DOLÊNCIAS

Oh! Lua morta de minha vida,
Os sonhos meus
Em vão te buscam, andas perdida
E eu ando em busca dos rastos
teus...

Vago sem crenças, vagas sem norte,
Cheia de brumas e enegrecida,
Ah! Se morreste pra minha vida!
Vive, consolo de minha morte!

Baixa, portanto, coração ermo
De lua fria
À plaga triste, plaga sombria
Dessa dor lenta que não tem termo.

Tu que tombaste no caos extremo
Da Noite imensa do meu Passado,
Sabes da angústia do torturado...
Ah! Tu bem sabes por que é que eu
gemo!

Instilo mágoas saudoso, e enquanto
Planto saudades num campo morto,
Ninguém ao menos dá-me um
conforto,
Um só ao menos! E no entretanto

Ninguém me chora! Ah! Se eu
tombar
Cedo na lida...
Oh! Lua fria vem me chorar
Oh! Lua morta da minha vida!

IDEALIZAÇÕES

A Santos Neto

I

Em vão flameja, rubro, ígneo,
sangrento
O sol, e, fulvos, aos astrais
desígnios,
Raios flamejam e fuzilam, ígneos,
Nas chispas fulvas de um vulcão
violento!

É tudo em vão! Atrás da luz
dourada,
Negras, pompeiam (triste maldição!)
- Asas de corvo pelo coração...
- Crepúsculo fatal vindo do Nada!

Que importa o Sol! A Treva, a
Sombra - eis tudo!
E no meu peito - condensada treva -

A sombra desce, e o meu pesar se
eleva
E chora e sangra, mudo, mudo,
mudo...

E há no meu peito - ocaso nunca
visto,
Martirizado porque nunca dorme
As Sete Chagas dum martírio
enorme,
E os Sete Passos que magoaram
Cristo!

II

Agora dorme o astro de sangue e de
ouro
Como um sultão cansado! As nuvens
como
Odaliscas, da Noite ao negro
assomo
Beijam-lhe o corpo ensangüentado
d'ouro.

Legiões de névoas mortas e finadas
Como fragmentações d'ouro e
basalto
Lembram guirlandas pompeando no
Alto
Eterizadas, volaterizadas.

E a Noite emerge, santa e vitoriosa
Dentre um velarium de veludos.
Astros,

Descem os nimbos... No ar há
malabatos
Turiferando a negridão tediosa.

Além, dourado as névoas dos
espaços,
Na majestade dum condor bendito,
Subindo à majestade do Infinito,
A Via-Láctea vai abrindo os braços!

Áureas estrelas, alvas, luminosas,
Trazem no peito o branco das
manhãs
E dormem brancas como leviatãs
Sobre o oceano astral das
nebulosas.

Eu amo a noite que este Sol
arranca!
Namoro estrelas... Sírius me
deslumbra,
Vésper me encanta, e eu beijo na
penumbra
A imagem lirial da Noite Branca.

III

De novo, a Aurora, entre
esplendores, há-de
Alva, se erguer, como tombou
outrora,
E como a Aurora - o Sol - hóstia da
Aurora,
Abençoada pela Eternidade!

E ei-lo de novo, ontem moribundo,
Hoje de novo, curvo ao seu destino,
Fantástico, ciclópico, assassino
Ébrio de fogo, dominando o mundo!

Mas de que serve o Sol, se triste
em cada
Raio que tomba no marnel da terra,
Mais em meu peito uma ilusão se
enterra,
Mais em minh'alma um desespero
brada?!

De que serve, se, à luz áurea que
dele
Emana e estua e se refrange e
ferve,
A Mágoa ferve e estua, de que
serve
Se é desespero e maldição todo
ele?!

Pois, de que serve, se, aclarando os
cerros
E engalanando os arvoredos gaios,
A alma se abate, como se esses
raios
N'alma caindo, se tornassem
ferros?!

IV

Poeta, em vão na luz do sol te

inflamas,
E nessa luz queimas-te em vão! És
todo
Pó, e hás de ser após as chamas,
lodo,
Como Herculanium foi após as
chamas.

Ah! Como tu, em lodo tudo acaba,
O leão, o tigre, o mastodonte, a
lesma,
Tudo por fim há de acabar na
mesma
Tênebra que hoje sobre ti desaba.

Ninguém se exime dessa lei imensa
Que, em plena e fulva
reverberação,
Arrasta as almas pela Escuridão,
E arrasta os corações pela
Descrença.

Ergue, pois, poeta, um pedestal de
tanta
Treva e dor tanta, e num suprema e
insano
E extraordinário e grande e sobre-
humano
Esforço, sobe ao pedestal, e...
canta!

Canta a Descrença que passou
cortando

As tuas ilusões pelas raízes,
E em vez de chagas e de cicatrizes
Deixar, foi valas funerais deixando.

E foi deixando essas funéreas,
frias,
Medonhas valas, onde, como
abutres
Medonhos, de ossos, de ilusões te
nutres,
Vives de cinzas e de ruinarias!

V

Agora é noite! E na estelar coorte,
Como recordação da festa diurna,
Geme a pungente orquestração
noturna
E chora a fanfarra triunfal da
Morte.

Então, a Lua que no céu se espalha,
Iluminando as serranias, banha
As serranias duma luz estranha,
Alva como um pedaço de mortalha!

Nessa música que a alma me ilumina
Tento esquecer as minhas próprias
dores,
Canto, e minh'alma cobre-se de
flores
- Fera rendida à música divina.

Harpas concertam! Brandas

melodias
Plangem... Silêncio! Mas de novo as
harpas
Reboam pelo mar, pelas escarpas,
Pelos rochedos, pelas penedias...

Eu amo a Noite que este Sol
arranca!
Namoro estrelas... Sírius me
deslumbra,
Vésper me encanta, e eu beijo na
penumbra
A imagem líria da Noite Branca!

A VITÓRIA DO ESPÍRITO

Era uma preta, funeral mesquita,
Abandonada aos lobos e aos
leopardos
Numa floresta lúgubre e esquisita.

Engalanava-lhe as paredes frias
Uma coroa de urzes e de cardos
Coberta em pólo pelas laçarias.

Uma vez, aos lampejos derradeiros
Das irisadas vespertinas velas,
feras rompiam tojos e balseiros.

E pelas catacumbas desprezadas,
Mochos vagavam como sentinelas,

Em atalaia às gerações passadas!

Um crepúsculo imenso, nunca visto
Tauxiava o Céu de grandes vidros
roxos
Da mesma cor da túnica de Cristo.

Fulgia em tudo uma estriação
violeta
E um violáceo clarão banhava os
mochos
Que em torno estavam da mesquita
preta.

Já na eminência da amplidão
sidérea
Como uma umbela, se desenrolava
A esteira astral da retração
etérea.

Os astros mortos refulgiam vivos
E a noite, ampla e brilhante,
rutilava
Lantejoulada de opalinos crivos.

Súbito alguém, o passo
constrangendo,
Parou em frente da mesquita
morta...
- U vento frio começou gemendo.

Era uma viúva, e o olhar errante, a
viúva,
Em passo lento, foi transpondo a

porta,
Eternamente aberta ao sol e à
chuva.

A Lua encheu o espaço sem limites
E, dentro, nos altares esboroados,
Foram caindo como estalactites

Sobre o ouro e a prata das alfaias
priscas
Um dilúvio de fósforos prateados
E uma chuva dourada de faíscas.

Fora, entretanto, por um chão de
onagras
Vinha passeando como numa viagem
Um grupo feio de panteras magras.

E havia no atro olhar dessas
panteras
Essa alegria doida da carnagem
Que é a alegria única das feras.

E ardendo na impulsão das ânsias
doudas
E em sevas fúrias, infernais
ardendo
Todas as feras, as panteras todas

Avançam para a viúva desvalida.
E raivosas, contra ela,
arremetendo,
Tiram-lhe todas ali mesmo a vida.

Morria a noite. As flâmulas altivas
Do sol nascente erguiam-se
vermelhas,
Como uma exposição de carnes
vivas.

E iam cair em pérolas de sangue
Sobre as asas doiradas das abelhas,
E sobre o corpo da viúva exangue.

A Natureza celebrava a festa
Do astro glorioso em cantos e
baladas
- O próprio Deus cantava na
floresta!

Nos arvoredos rejuvenescidos,
Estrugiam canções desesperadas
De misereres e de sustenidos.

Além, entanto, na redoma clara
Que envolve a porta da região
etérea,
O espírito da viúva se quedara

Ao contemplar dessa fulgente porta
E dessa clara e alva redoma aérea,
No desfilar de sua carne morta
A transitoriedade da matéria!

CANTO ÍNTIMO

Meu amor, em sonhos erra,
Muito longe, altivo e ufano
Do barulho do oceano
E do gemido da terra!

O Sol está moribundo.
Um grande recolhimento
Preside neste momento
Todas as forças do Mundo.

De lá, dos grandes espaços,
Onde há sonhos inefáveis
Vejo os vermes miseráveis
Que hão de comer os meus braços.

Ah! Se me ouvisses falando!
(E eu sei que às dores resistes)
Dir-te-ia coisas tão tristes
Que acabarias chorando.

Que mal o amor me tem feito!
Duvidas?! Pois, se duvidas,
Vem cá, olha estas feridas,
Que o amor abriu no meu peito.

Passo longos dias, a esmo...
Não me queixo mais da sorte
Nem tenho medo da Morte
Que eu tenho a Morte em mim
mesmo!

"Meu amor, em sonhos, erra,

Muito longe, altivo e ufano
Do barulho do oceano
E do gemido da terra!"

A LUVA

Para o Augusto Belmont

Pensa na glória! Arfa-lhe o peito,
opresso.
- O pensamento é uma locomotiva -
Tem a grandeza duma força viva
Correndo sem cessar para o
Progresso.

Que importa que, contra ele,
horrendo e preto
O áspide abjeto do Pesar se mova!...
E só, no quadrilátero da alcova,
Vem-lhe à imaginação este soneto:

"A princípio escrevia simplesmente
Para entreter o espírito... Escrevia
Mais por impulso de idiossincrasia
Do que por uma propulsão
consciente.

Entendi, depois disso, que devia,
Como Vulcano, sobre a forja
ardente,
Durante as vinte e quatro horas o

dia!

Riam de mim, os monstros
zombeteiros.
Trabalharei assim dias inteiros,
Sem ter uma alma só que me
idolatre...

Tenha a sorte de Cícero proscrito
Ou morra embora, trágico e
maldito,
Como Camões morrendo sobre um
catre!"

Nisto, abre, em ânsias, a tumbal
janela
E diz, olhando o céu que além se
expande:
"- A maldade do mundo é muito
grande,
Mas meu orgulho ainda é maior do
que ela!

Quebro montanhas e aos tufões
resisto
Numa absoluta impassibilidade",
E como um desafio à eternidade
Atira a luva para o próprio Cristo!

Chove. Sobre a cidade geme a
chuva,
Batem-lhe os nervos, sacudindo-o
todo,

E na suprema convulsão o doudo
Parece aos astros atirar a luva!

A CARIDADE

No universo a caridade
Em contraste ao vício infando
É como um astro brilhando
Sobre a dor da humanidade!

Nos mais sombrios horrores
Por entre a mágoa nefasta
A caridade se arrasta
Toda coberta de flores!

Semeadora de carinhos
Ela abre todas as portas
E no horror das horas mortas
Vem beijar os pobrezinhos.

Torna as tormentas mais calmas
Ouve o soluço do mundo
E dentro do amor profundo
Abrange todas as almas.

O céu de estrelas se veste
Em fluidos de misticismo
Vibra no nosso organismo
Um sentimento celeste.

A alegria mais acesa

Nossas cabeças invade...
Glória, pois, à Caridade
No seio da Natureza!

Estribilho

Cantemos todos os anos
Na festa da Caridade
A solidariedade
Dos sentimento humanos.

ABANDONADA

Bem depressa sumiu-se a vaporosa
Nuvem de amores, de ilusões tão
bela;
O brilho se apagou daquela estrela
Que a vida lhe tornava venturosa!

Sombras que passam, sombras cor-
de-rosa
- Todas se foram num festivo
bando,
Fugazes sonhos, gárrulos voando
- Resta somente um'alma tristurosa!

Coitada! o gozo lhe fugiu correndo,
Hoje ela habita a erma soledade,
Em que vive e em que aos poucos vai
morrendo!

Seu rosto triste, seu olhar
magoado,
Fazem lembrar em noite de saudade
A luz mortíça d'um olhar nublado.

A MÁSCARA

Eu sei que há muito pranto na
existência,
Dores que ferem corações de
pedra,
E onde a vida borbulha e o sangue
medra,
Aí existe a mágoa em sua essência.

No delírio, porém, da febre ardente
Da ventura fugaz e transitória
O peito rompe a capa tormentória
Para sorrindo palpitar contente.

Assim a turba inconsciente passa,
Muitos que esgotam do prazer a
taça
Sentem no peito a dor indefinida.

E entre a mágoa que a másc'ra
eterna apouca
A Humanidade ri-se e ri-se louca
No carnaval intermínio da vida.

O COVEIRO

Uma tarde de abril suave e pura
Visitava eu somente ao derradeiro
Lar; tinha ido ver a sepultura
De um ente caro, amigo verdadeiro.

Lá encontrei um pálido coveiro
Com a cabeça para o chão pendida;
Eu senti a minh'alma entristecida
E interroguei-o: "Eterno
companheiro

Da morte, quem matou-te o
coração?"
Ele apontou para uma cruz no chão,
Ali jazia o seu amor primeiro!

Depois, tomando a enxada,
gravemente,
Balbuciou, sorrindo tristemente:
- "Ai, foi por isso que me fiz
coveiro!"

PECADORA

Tinha no olhar cetíneo, aveludado,
A chama cruel que arrasta os
corações,

O seios rijos eram dois braços
Onde fulgia o símb'lo do pecado.

Bela, divina, o porte emoldurado
No mármore sublime dos contornos,
Os seios brancos, palpitanter,
mornos,
Dançavam-lhe no colo perfumado.

No entanto, esta mulher de grã
beleza,
Moldada pela mão da Natureza,
Tornou-se a pecadora vil. Do fado

Do destino fatal, presa, morria,
Uma noite entre as vascas da
agonia,
Tendo no corpo o verme do pecado!

NO CLAUSTRO

Pelas do claustro salas silenciosas,
De lutulentas, úmidas arcadas,
Na vastidão silente das caladas
Abóbadas sombrias tenebrosas,

Vagueiam tristemente desfiladas
De freiras e de monjas tristurosas,
Que guardam cinzas de ilusões
passadas,
Que guardam pét'las d funéreas

rosas.

E à noite quando rezam na clausura,
No sigilo das rezas misteriosas,
Nem a sombra mais leve de ventura!

Só as arcadas ogivais desnudas,
E as mesmas monjas sempre
tristurosas,
E as mesmas portas impassíveis,
mudas!

IL TROVATORE

Canta da torre o trovador saudoso
- Addio, Eleonora! oh! sonhos meus!
E o canto se desprende harmonioso,
Na vibração final do extremo
adeus.

Repercute dolente, mavioso,
Subindo pelo Azul da Inspiração;
Assim canta também meu coração,
Trovador torturado e angustioso,

Ai! não, não acordeis, lembranças
minhas!
Saudade d'umas noites em que
vinhas
Cantar comigo um doce desafio!

Mas, pouco a pouco, os sons
esmorecendo,
Perdem-se as notas pelo Azul
morrendo,
- Addio Eleonora, addio, addio!

A LOUCA

Quando ela passa: - a veste
desgrenhada,
O cabelo revoltado em desalinho,
No seu olhar feroz eu adivinho
O mistério da dor que a traz
penada.

Moça, tão moça e já desventurada;
Da desdita ferida pelo espinho,
Vai morta em vida assim pelo
caminho,
No sudário da mágoa sepultada.

Eu sei a sua história. - Em seu
passado
Houve um drama d'amor misterioso
- O segredo d'um peito torturado -

E hoje, para guardar a mágoa
oculta,
Canta, soluça - o coração saudoso,
Chora, gargalha, a desgraçada
estulta.

PRIMAVERA

Primavera gentil dos
meus amores,
- Arca cerúlea de
ilusões etéreas,
Chova-te o Céu
cintilações sidéreas
E a terra chova no teu
seio flores!

Esplende, Primavera, os
teus fulgores,
Na auréola azul, dos
dias teus risonhos,
Tu que sorveste o fel
das minhas dores
E me trouxeste o néctar
dos teus sonhos!

Cedo virá, porém, o
triste outono,
Os dias voltarão a ser
tristonhos
E tu hás de dormir o
eterno sono,

Num sepulcro de rosas e
de flores,
Arca sagrada de
cerúleos sonhos,

Primavera gentil dos
meus amores!

A ESPERANÇA

A Esperança não murcha, ela não
cansa,
Também como ela não sucumbe a
Crença.
Vão-se sonhos nas asas da
Descrença,
Voltam sonhos nas asas da
Esperança.

Muita gente infeliz assim não
pensa;
No entanto o mundo é uma ilusão
completa,
E não é a Esperança por sentença
Este laço que ao mundo nos
manietá?

Mocidade, portanto, ergue o teu
grito,
Sirva-te a Crença de fanal bendito,
Salve-te a glória no futuro - avança!

E eu, que vivo atrelado ao
desalento,
Também espero o fim do meu
tormento,

Na voz da Morte a me bradar;
descansa!

SONETO

Senhora, eu traço o luto do Passado,
Este luto sem fim que é o meu
Calvário
E ansio e choro, delirante e vário,
Sonâmbulo da dor angustiado.

Quantas venturas que me
acalentaram!
Meu peito túm'lo do prazer finado
Foi outrora do riso abençoado,
O berço onde as venturas se
embalaram.

Mas não queiras saber nunca
risonha
O mistério d'um peito que estertora
E o segredo d'um'alma que não
sonha!

Não, não busques saber porque,
Senhora,
É minha sina perenal, tristonha
- Cantar o Ocaso quando surge a
Aurora.

SOFREDORA

Cobre-lhe a fria palidez do rosto
O sendal da tristeza que a desola;
Chora - o orvalho do pranto lhe
perola
As faces maceradas de desgosto.

Quando o rosário de seu pranto
rola,
Das brancas rosas do seu triste
rosto
Que rolam murchas como um sol já
posto
Um perfume de lágrimas se evola.

Tenta à vezes, porém, nervosa e
louca
Esquecer por momento a mágoa
intensa
Arrancando um sorriso à flor da
boca.

Mas volta logo um negro
desconforto,
Bela na Dor, sublime na Descrença,
Como Jesus a soluçar no Horto.

ECOS D'ALMA

Oh! madrugada de ilusões,
santíssima,
Sombra perdida lá do meu Passado,
Vinde entornar a clâmide puríssima
Da luz que fulge no ideal sagrado!

Longe das tristes noites tumultares
Quem me dera viver entre
quimeras,
Por entre o resplendor das
Primaveras
Oh! madrugada azul dos meus
sonhares.

Mas quando vibrar a última balada
Da tarde e se calar a passarada
Na bruma sepulcral que o céu
embaça

Quem me dera morrer então
risonho
Fitando a nebulosa do meu sonho
E a Via-Láctea da Ilusão que passa!

AMOR E CRENÇA

Sabes que é Deus? Esse infinito e
santo
Ser que preside e rege os outros

seres,
Que os encantos e a força dos
poderes
Reúne tudo em si, num só encanto?

Esse mistério eterno e sacrossanto,
Essa sublime adoração do crente,
Esse manto de amor doce e
clemente
Que lava as dores e que enxuga o
pranto?

Ah! Se queres saber a sua grandeza
Estende o teu olhar à Natureza,
Fita a cúp'la do Céu santa e infinita!

Deus é o Templo do Bem. Na altura
imensa,
O amor é a hóstia que bendiz a
crença,
Ama, pois, crê em Deus e... sê
bendita!

ARIANA

Ela é o tipo perfeito da ariana.
Branca, nevada, púbere, mimosa,
A carne exuberante e capitosa
Trescala a essência que de si
dimana.

As níveas pomas do candor da rosa,
Rendilhando-lhe o colo de sultana,
Emergem da camisa cetinosa
Entre as rendas sutis de filigrana.

Dorme talvez. Em flácido abandono
Lembra formosa no seu casto sono
A languidez dormente da indiana.

Enquanto o amante pálido, a seu
lado,
Medita, a fronte triste, o olhar
velado,
No Mistério da Carne Soberana.

TEMPOS IDOS

Não enterres, coveiro, o meu
Passado,
Tem pena dessas cinzas que
ficaram;
Eu vivo d'essas crenças que
passaram,
E quero sempre tê-las ao meu lado!

Não, não quero o meu sonho
sepultado
No cemitério da Desilusão,
Que não se enterra assim sem
compaixão
Os escombros benditos do Passado!

Ai! não me arranques d'alma este
conforto!

- Quero abraçar o meu Passado
morto

- Dizer adeus aos sonhos meus
perdidos!

Deixa ao menos que eu suba à
Eternidade

Velado pelo círio da Saudade,
Ao dobre funeral dos tempos idos!

SONETO

Na rua em funeral ei-la que passa
A romaria eterna dos aflitos,
A procissão dos tristes, dos
proscritos,
Dos romeiros saudosos da desgraça.

E na choça a lamúria que traspassa
O coração, além, ânsias e gritos
De mães que arquejam sobre os
pobrezitos
Filhos que a fome derrubou na
praça.

Entre todos, porém, lânguida e bela,
Da juventude a virginal capela
A lhe cingir de luz a fronte baça,

Vai Corina mendiga e esfarrapada,
A alma saudosa pelo amor vibrada
- A Stella Matutina da Desgraça!

SONETO

Adeus, adeus, adeus! E suspirando
Saí deixando morta a minha amada,
Vinha o luar iluminando a estrada
E eu vinha pela estrada soluçando.

Perto um ribeiro claro murmurando
Muito baixinho como quem chorava,
Parecia o ribeiro estar chorando
As lágrimas que eu triste gotejava.

Súbito ecoou o sino o som profundo!
Adeus! - eu disse. Para mim no
mundo
Tudo acabou-se, apenas restam
mágoas.

Mas no mistério astral da noite bela
Pareceu-me inda ouvir o nome dela
No marulhar monótono das águas!

A AERONAVE

Cindindo a vastidão do Azul
profundo,
Sulcando o espaço, devassando a
terra,
A Aeronave que um mistério
encerra
Vai pelo espaço acompanhando o
mundo.

E na esteira sem fim da azúlea
esfera
Ei-la embalada n'amplidão dos ares,
Fitando o abismo sepulcral dos
mares
Vencendo o azul que ante si
s'erguera.

Voa, se eleva em busca do Infinito,
É como um despertar de estranho
mito,
Auroreando a humana consciência.

Cheia da luz do cintilar de um astro,
Deixa ver na fulgência do seu
rastro
A trajetória augusta da Ciência.

LIRIAL

Por que choras assim, tristonho
lírio,
Se eu sou o orvalho eterno que te
chora,
P'ra que pendes o cálice que enflora
Teu seio branco do palor do círio?!

Baixa a mim, irmã pálida da Aurora,
Estrela esmaecida do Martírio;
Envolto da tristeza no delírio,
Deixa beijar-te a face que descora!

Fosses antes a rosa purpurina
E eu beijaria a pétala divina
Da rosa onde não pousa a
desventura.

Ai! que ao menos talvez na vida
escassa
Não chorasses à sombra da
desgraça,
Para eu sorrir à sombra da ventura!

A MINHA ESTRELA

Eu disse - Vai-te, estrela do
Passado!
Esconde-te no Azul da Imensidade,
Lá onde nunca chegue esta saudade,
- A sombra deste afeto estiolado.

Disse, e a estrela foi p'ra o Céu
subindo,
Minh'alma que de longe a
acompanhava,
Viu o adeus que ela do Céu enviava,
E quando ela no Azul foi se sumindo

Surgia a Aurora - a mágica
princesa!
E eu vi o Sol do Céu iluminando
A Catedral da Grande Natureza.

Mas a noite chegou, triste, com ela
Negras sombras também foram
chegando,
E eu nunca mais vi a minha estrela!

SONETO

A praça estava cheia. O condenado
Transpunha nobremente o
cadafalso,
Puro do crime, isento de pecado,
Vítima augusta de indelével falso.

E na atitude do Crucificado,
O olhar azul pregado n'amplidão,
Pude rever naquele desgraçado
O drama lutuoso da Paixão.

Quando do algoz cruento o braço

alçado
Se dispunha a vibrar sem compaixão
O golpe na cabeça do culpado

Ele, o algoz - o criminoso - então,
Caiu na praça como fulminado
A soluçar: perdão, perdão, perdão!

VERSOS D'UM EXILADO

Eu vou partir. Na límpida corrente
Rasga o batel o leito d'água fina
- Albatroz deslizando mansamente
Como se fosse vaporosa Ondina.

Exilado de ti, oh! Pátria! ausente
Irei cantar a mágoa peregrina
Como canta o pastor a matutina
Trova d'amor, à luz do sol nascente!

Não mais virei talvez e, lá sozinho,
Hei de lembrar-me do meu pátrio
ninho
D'onde levo comigo a nostalgia

E esta lembrança que hoje me
quebranta
E que eu levo hoje como a imagem
santa
Dos sonhos todos que já tive um
dia!

AVE DOLOROSA

Ave perdida para sempre - crença
Perdida - segue a trilha que te
traça
O Destino, ave negra da Desgraça,
Gêmea da Mágoa e núncia da
Descrença!

Dos sonhos meus na Catedral
imensa
Que nunca pouses. Lá, na névoa
baça,
Onde o teu vulto lírido esvoaça,
Seja-te a vida uma agonia intensa!

Vives de crenças mortas e te
nutres,
Empenhada na sanha dos abutres,
Num desespero rábido, assassino...

E hás de tombar um dia em mágoas
lentas,
Negrejada das asas lutulentas
Que te emprestar o corvo do
Destino!

NIMBUS

Nimbos de bronze que empanais
escuros
O santuário azul da Natureza,

Quando vos vejo negros palinuros
Da tempestade negra e da tristeza,

Abismados na bruma enegrecida,
Julgo ver nos reflexos da minh'alma
As mesmas nuvens deslizando em
calma,
Os nimbos das procelas desta vida;

Mas quando céu é límpido, sem
bruma
Que a transparência tolda, sem
nenhuma
Nuvem sequer, então, num mar de
esp'rança,

Que o céu reflete, a vida é qual
risonho
Batel, e a alma é a flâmula do sonho,
Que o guia e leva ao porto da
bonança.

NO CAMPO

Tarde. Um arroio canta pela
umbrosa
Estrada; as águas límpidas alvejam
Como cristais. Aragem suspirosa
Agita os roseirais que ali vicejam.

No Alto, entretanto, os astros

rumorejam
Um presságio de noite luminosa
E ei-la que assoma - a Louca
Tenebrosa,
Branca, emergindo às trevas que a
negrejam.

Chora a corrente múrmura, e, à
dolente
Unção da noite, as flores também
choram
Num chuveiro de pétalas, nitente,

Pendem e caem - os roseirais
descoram
E elas bóiam no pranto da corrente
Que as rosas, ao luar, chorando
enfloram.

INSÂNIA

No mundo vago das idealidades
Afundei minha louca fantasia;
Cedo atraiu-me a auréola fulgida
Da refulgência antiga das idades.

Mas ao esplendor das velhas
majestades
Vacila a mente e o seu ardor esfria;
Busquei então na nebulosa fria
Das Ilusões, sonhar novas idades.

Que desespero insano me apavora!
Aqui, chora um ocaso sepultado;
Ali, pompeia a luz da branca aurora

E eu tremo e hesito entre um
mistério escuro
- Quero partir em busca do Passado
- Quero correr em busca do Futuro.

O BANDOLIM

Cantas, soluças, bandolim do Fado
E de Saudade o peito meu
transbordas;
Choras, e eu julgo que nas tuas
cordas
Choram todas as cordas do Passado!

Guardas a alma talvez d'um
desgraçado,
Um dia morto da Ilusão às bordas,
Tanto que cantas, e ilusões acordas,
Tanto que gemes, bandolim do Fado.

Quando alta noite, a lua é triste e
calma,
Teu canto, vindo de profundas
fráguas,
É como as nênias do Coveiro d'alma!

Tudo eterizas num coral de
endechas...
E vais aos poucos soluçando mágoas,
E vais aos poucos soluçando queixas!

ARA MALDITA

Como um'ave, cindindo os céus
risonhos,
Meiga, tu vinhas a cindir os ares,
E, qual hóstia, caindo dos altares,
Foste caindo n'ara dos meus sonhos.

E eu vi os seios teus virem inconhos
- Esses teus seios que os cerúleos
lares
Branquejaram de eternos
nenufares,
Para nunca tocarem negros sonhos!

Caíste enfim no meu sacrário
ardente,
Quiseste-me beijar a ara do peito,
E eu quis beijar-te o lábio
redolente.

E beijei-te, mas eis que neste
enleio,
Tocando n'ara negra o níveo seio,
Caíste morta ao celestial preceito.

SONETO

Na etérea limpidez de um sonho
branco,
Lúcia sorriu-se à bruma nevoenta,
E a procela chorou n'um fundo
arranco
De mágoa triste e de paixão
violenta.

E Lúcia disse à bruma lutulenta:
- Foge, senão co'o o meu olhar te
espanco!
E eu vi que, à voz de Lúcia, grave e
lenta,
O céu tremia em seu trevoso
flanco.

Fulgia a bruma para sempre. A vida
Despontava na aurora amortecida
À rutilância mágica do dia.

Aquele riso despertava a aurora!
E tudo riu-se, e como Lúcia, agora,
O sol, alegre e rubro, também ria!

TREVA E LUZ

Neste pélago escuro em que te

afundas,
Longe das sombras autorais e
amadas,
Sentas o peito em ânsias
revoltadas,
Diluis teu peito em sensações
profundas.

Mas, eis que emerges, luminosa, às
fundas
Águas do mar das glórias
obumbradas,
E, ante o branco estendal das
madrugadas,
Nua, em banho ideal de amor te
inundas.

Agora, à luz das alvoradas santas
Ungem-te o corpo redolências
tantas,
Que, ao ver-te nua, o Mundo se
concentre,

E a lua, a Virgem Mãe dos céus
escampos,
Que beija a terra e que abençoa os
campos,
Beije-te o seio e te abençoe o
ventre!

SONETO

O Templo da Descrença - ei-lo que
avisto. A

[imensa

Cruz da Dor está serena como um
lírio!

E vejo o pedestal que sustenta o
Martírio;

E vejo o pedestal que sustenta a
Descrença!

- A colunata êxul do Sonho Morto -
o círio

Da Quimera Falaz, o túmulo da
Crença,

Tudo! até o altar onde a Angústia
vibra intensa

N'uma fúria assombral de feras em
delírio!

Penetro louco enfim o abismo
funerário,

E a rasgar, a rasgar o lúrido
sacrário,

Em mim como no Templo a
Angústia se

[condensa,

E em mim como no Templo, urnas de
Sonho;

[e, em bando,

Flores mortas da Aurora, e, eu
sombrio chorando

Ante a imagem fatal do Sepulcro da
Crença!

A PESTE

Filha da raiva de Jeová - a Peste
N'um insano ceifar que aterra e
espanta,
De espaço a espaço sepulturas
planta
E em cada coração planta um
cipreste!

Exulta o Eterno e... tudo chora,
tudo!
Quando Ela passa, semeando a
Morte,
Todos dizem co'os olhos para a
Sorte
- É o castigo de Deus que passa
mudo!

- Fúlgido foco de escaldantes
brasas
- O sol a segue, e a Peste ri-se,
enquanto
Vai devastando o coração das
casas...

E como o sol que a segue e deixa um

rastro
De luz em tudo, ela, como o sol - o
astro -
Deixa um rastro de luto em cada
canto!

IDEAL

Quero-te assim, formosa entre as
formosas,
No olhar d'amor a mística fulgência
E o misticismo cândido das rosas,
Plena de graça, santa de inocência!

Anjo de luz de astral aurifulgência,
Etéreo como as Wilis vaporosas,
Embaladas no albor da adolescência,
- Virgens filhas das virgens
nebulosas!

Quero-te assim, formosa, entre
esplendores,
Colmado o seio de virentes flores,
A alma diluída em eterais
cismares...

Quero-te assim - e que bendita
sejas
Como as aras sagradas das igrejas,
Como o Cristo sagrado dos altares.

SOMBRA IMORTAL

- E tu velas, a sós, no pó da
fulgurância
Como uma velha cruz vela na sombra
morta!
Fora, a noite é tumbal... e a saudade
da infância,
Como um'alma de mãe, me acalenta
e conforta!

Noite! E somente tu velas a
rutilância...
Lua que já passou e que hoje ainda
corta
O penetral que guia à derradeira
estância,
O penetral que leva à derradeira
porta!

Revejo em ti, mulher, num lânguido
smorzando
A sombra virginal qu'eu adoro
chorando
E há de um dia amparar-me na luta
correndo...

Ah! que um dia da Vida, estes
dardos acúleos
Caíam, também da Dor, lá dos
braços hercúleos,

Domados pela meiga Ônfale a que
me rendo!

CORAÇÃO FRIO

Frio o sagrado coração da lua,
Teu coração rolou da luz serena!
E eu tinha ido ver a aurora tua
Nos raios d'ouro da celeste arena...

E vi-te triste, desvalida e nua!
E o olhar perdi, ansiando a luz
amena
No silêncio notívago da rua...
- Sonâmbulo glacial da estranha
pena!

Estavas fria! A neve que a alma
corta
Não gele talvez mais, nem mais
alquebre
Um coração como a alma que está
morta...

E estavas morta, eu vi, eu que te
almejo,
Sombra de gelo que me apaga a
febre,
- Lua que esfria o sol do meu
desejo!

NOTURNO

Para o vale noital da eterna gaza
Rolou o Sol - imenso moribundo -
E a noite veio na negrura d'asa,
Santificada pela Dor do Mundo!

U'a luz, entanto, no negror me
abrsa,
E um canto vai morrer no vale
fundo...
Que luz é esta que das brumas
vaza,
Que canto é este, virginal,
profundo?!

Rumores santos... e no santo
harpejo,
Somente tristes os teus olhos vejo,
Para o Infinito e para o Céu
voltados!

Cantas, e é noite de fatais
abrolhos...
Choras, e no meu peito estes teus
olhos
Como que cravam dois punhais
gelados!

SEDUTORA

Alva d'aurora, e em lânguida sonata
Vinhas transpondo a margem do
caminho,
Branca bem como empalecido
arminho,
Alvorejando em arrebol de prata.

Bendita a Santa do Carinho, inata!
E, ajoelhando à imagem do Carinho,
O roble altivo entreteceu-te um
ninho,
Alva d'aurora, te acolheu a mata.

Pérolas e ouro pela serrania...
No lago branco e rútilo do dia
O azul pompeava para sempre vasto.

Chegaste, o seio branco, e, tu,
chegando,
Uma pantera foi se ajoelhando,
Rendida ao eflúvio do teu seio
casto!

PELO MUNDO

Ânsias que pungem, mórbidos
encantos,

Crepitações de flamas incendidas
N'alma explodindo como fogos
santos,
Vão pelo mundo ensangüentando as
Vidas.

Eflúvios quentes e fatais
quebrantos
Crestam a alma das virgens
adormidas...
E as brumas velam nos sinistros
mantos
E as virgens dormem nas tumbais
jazidas!

Súbitos fremem 'spasmos
derradeiros...
E a paixão morre e os corações
coveiros
Vão como duendes pelos céus
risonhos,

Chorando auroras músicas perdidas
Na estrada santa ensangüentando
as Vidas,
Nos campos-santos enterrando os
Sonhos!

SONETO

E o mar gemeu a funda melopéia

À luz feral que a tarde morta
instila,
Triste como um soluço de Dalila,
Fria como um crepúsculo da Judéia.

Já Vésper, no Alto, e lânguida,
cintila!
Naquela hora morria para a Idéia
A minha branca e desgraçada Dea,
Qual rosa branca que ao tufão
vacila.

E o mar chamou-a para o fundo
abismo!
E o céu chamou-a para o Misticismo.
Nesse momento a Lua vinha calma

E céu e mar num desespero mudo
Não viram que num halo de veludo
À alma de Dea se evolava est'alma.

O RISO

"Ri, coração, tristíssimo
palhaço."

Cruz e

Sousa

O Riso - o voltairesco clown - quem
mede-o?!

- Ele, que ao frio alvor da Mágoa

Humana,
Na Via-Láctea fria do Nirvana,
Alenta a Vida que tombou no Tédio!

Que à Dor se prende, e a todo o seu
assédio,
E ergue à sombra da dor a que se
irmana
Lauréis de sangue de volúpia insana,
Clarões de sonho em nimbos de
epicédio!

Bendito sejas, Riso, clown da Sorte
- Fogo sagrado nos festins da
Morte
- Eterno fogo, saturnal do Inferno!

Eu te bendigo! No mundano cúmulo
És a Ironia que tombou no túmulo
Nas sombras mortas de um
desgosto eterno!

SONETO

Vamos, querida! Já é Ave-Maria
- A hora dos tristes e dos
descontentes
E o Fado geme sob a névoa fria!

Que eu sinta n'alma o que tu n'alma
sentes!

Nesta Missa de Atroz Melancolia
Bebes chorando o Vinho da Agonia
- Consagração das almas
padecentes!

Foi numa tarde assim que nos
amamos.
Silfos morriam... No ar, os
gaturamos
Num recesso de névoa,
adormecida...

Punge-me o peito da Saudade o
cardo
Enquanto um mocho, sonolento e
tardo,
Canta no espaço a maldição da Vida!

A UMA MÁRTIR

Alma em cilício, vem, enrasta a
clava,
Brande no seio o espículo e o
acínace
E unjam-te o seio que d'auroras
nasce
Sangrentas bênçãos eclodindo em
lava!

Nossa Senhora te unge a face
escrava,

Cristo saudoso te abençoa a face
De monja - violeta que do Céu
baixasse
À Virgem Santa Natureza brava!

Vais caminhando para a terra
extrema,
Rosa dos Sonhos! e o teu galho
treme
É a tua crença, o desespero mate-
a...

E em nuvens d'ouro ascende enfim
ao plaustro
Da Neve Eterna, estrela azul do
claustro,
Levada para o Azul da Via-Látea!

PELO MAR

Manhã em flor. O mar é um
policromo
E imenso lago d'íris e alabastros...
À aurora é branco e ao sol, o mar é
como
Um pálio imenso que caiu dos
astros.

Longe, bem longe, no alvorel assomo
Ergue um navio os altanados
mastros

E o Oceano dorme - alourecido
pomo
Num leito irial de pérolas e nastro.

A alma da Mágoa vai pelo seu dorso,
Em sonhos geme... Um coração de
corso
Geme no mar, vibra no mar,
entanto,

Colma-lhe o seio a opala das
esponjas...
E à noite morta choram vagas -
monjas
Purificadas no cristal do pranto!

PALLIDA LUNA

És do Passado! Vieste d'alvorada
N'asa dos elfos pela Morte
espalma...
Cantas... e eu ouço esta berceuse
calma
Da harpa dos mundos ideais do
Nada!

Ergue o Missal brilhante de tu'alma,
Mas nessa elevação mistificada,
Vem, que eu te espero, Deusa
constelada
Desce, anêmona êxul que o Céu
ensalma!

Venhas e desças, Lua dos Martírios,

Desças, mas venha pela unção dos
lírios.

Visão de Ocaso de enlutaradas
comas,

Vaso de Unção descido dos espaços,
Para ungirmos nós dois, os nossos
paços,

Na tule idealizada dos aromas.

A MORTE DE VÊNUS

Velhos berilos, pálidas cortinas,
Morno frouxel de nardos
recendendo

Velam-lhe o sono... e Vênus vai
morrendo

No berço azul das névoas
matutinas!

Halos de luz de brancas musselinas
Vão-lhe do corpo virginal descendo
- Abelha irial que foi adormecendo
Sobre um coxim de pérolas divinas.

E quando o Sol lhe beija a espádua
nua,

Cai-lhe da carne o resplendor da
Lua

No reverbero dos
deslumbramentos...

Enquanto no ar há sândalos, há
flores
E haustos de morte - os últimos
clangores
Da música chorosa dos mementos!

SONHO DE AMOR

Sobre o aromal e amplo coxim de
Flora,
Que os vapores da tarde inda
incensavam
E que um incenso tênue e bom
vapora,
Os namorados lânguidos sonhavam.

A alma do Ocaso entrava o céu
agora
E havia pelas tenebras que
entravam
Ora estrangulamentos surdos, ora
Ruídos de carne que se
estrangulavam.

E sonharam assim durante toda
A noite, e toda a alva manhã
durante!
- O Sol jorrava largos raios longos

E em roda vírde e nevado, em roda,
Lembrava o campo um colorido
ondeante
De vidros verdes e cristais
oblongos!

SONETO

A orgia mata a mocidade, quando
Rugem na carne do delírio as feras,
E o moço morre como está sonhando
Nas suas vinte e cinco primaveras.

Em cima - o ouro sem mancha das
esferas,
Em baixo ouro manchado de
execrando
Festim de sibaritas, das heteras
Lubricamente se despedaçando!

Em cima, a rede do estelário
imáculo
Suspensa no alto como um
tabernáculo
- A orgia, em baixo, e no delírio
doudo

Como arvoredos juvenis tombados
Os moços mortos, os braços
manchados,
E um turbilhão de púrpuras no lodo!

SONETO

E ele morreu. Ele que foi um forte
Que nunca se quebrou pelo
Desgosto
Morreu... mas não deixou na ara do
rosto
Um só vestígio que acusasse a
Morte!

O anatomista que investiga a sorte
Das vidas que se abismam no Sol-
posto
Ficaria admirado do seu rosto
Vendo-o tão belo, tão sereno e
forte!

Quando meu Pai deixou o lar amigo
Um sabiá da casa muito antigo,
Que há muito tempo não cantava lá,

Diluiu o silêncio em litânias...
E hoje, poetas, já faz sete dias
Que eu ouço o canto desse sabiá!

VAE VICTIS

A Dor meu coração torça e retorça
E me retalhe como se retalha

Para escárnio e alegria da canalha
Um leão vencido que perdeu a força!

Sobre mim caia essa vingança corsa,
Já que perdi a última batalha!
E, no enquanto o Tédio a carne me
trabalha,
A Dor meu coração torça e retorça!

Cubra-me o corpo a podridão dos
trapos!
Os vibriões, os vermes vis, os sapos
Encontrem nele pábulo eviterno...

- Repositório de milhões de
miasmas
Onde se fartem todos os
fantasmas,
Primavera, verão, outono, inverno!

A DOR

Chama-se a Dor, e quando passa,
enluta
E todo mundo que por ela passa
Há de beber a taça da cicuta
E há de beber até o fim da taça!

Há de beber, enxuto o olhar,
enxuta
A face, e o travo há de sentir, e a

ameaça
Amarga dessa desgraçada fruta
Que é a fruta amargosa da
Desgraça!

E quando o mundo todo paralisa
E quando a multidão toda agoniza,
Ela, inda ativa, ela, inda o olhar
sereno

De agonizante multidão rodeada,
Derrama em cada boca envenenada
Mais uma gota do fatal veneno!

TERRA FÚNEBRE

Aqui morreram tantos poetas!
Tanta
Guitarra morta este lugar
encerra!...
Aqui é o Campo-Santo, aqui é a
Terra!
Em que a alma chora e em que a
Saudade canta!

O caminheiro que o Pesar desterra,
Pare chorando nesta Terra Santa,
E se cantar como a Saudade canta,
O caminheiro fique nesta Terra!

À noite aqui um trovador eterno

Chora, abraçado às campas dos
poetas,
- Esse sombrio trovador é o
Inverno!

Aqui é a Terra, onde, ao noturno
açoute,
Carpem na sombra pássaros
ascetas,
Gemem poetas - pássaros da Noute!

SONETO

O sonho, a crença e o amor, sendo a
risonha
Santíssima Trindade da Ventura
Pode ser venturosa a criatura
Que não crê, que não ama e que não
sonha?!

Pois a alma acostumada a ser
tristonha
Pode achar por acaso ou porventura
Felicidade numa sepultura,
Contentamento numa dor medonha?!

Há muito tempo, o sonho, do meu
seio
Partiu num célere arrebatamento
De minha crença arrebatando a
grade

Pois se eu não amo e se também não
creio
De onde me vem este
contentamento,
De onde me vem esta felicidade?!

MEDITANDO

Penso em venturas! A alma do
homem pensa
Sempre em venturas! Sorte do
homem! O homem
Há de embalar eternamente a
crença
Sem ter grilhões e sem ter leis que
o domem!

Punjam-no os vermes da Desgraça,
assomem
Descrenças, surjam tédios na
Descrença,
Luta, e morrem os vermes que o
consomem,
Vence, e por fim, nada há que o
abata e o vença!

Por isso, poeta, eu penso na
Ventura!
E o pensamento, na Suprema Altura
Sinto, no imenso Azul do

Firmamento

Ir rolando pelo ouro das estrelas,
E esse ouro santo vir rolando pelas
Trevas profundas do meu
pensamento!

SONETO

Para que nesta vida o espírito
esfalfaste
Em vãs meditações, homem
meditabundo?!
Escalpelaste todo o cadáver do
mundo
E, por fim, nada achaste... e, por
fim, nada achaste!

A loucura destruiu tudo que
arquitetaste
E a Alemanha tremeu ao teu gemido
fundo!...
De que te serviu, pois, estudares,
profundo,
O homem e a lesma e a rocha e a
pedra e o carvalho
[e a haste?!]

Pois, para penetrar o mistério das
lousas,
Foi-te mister sondar a substância

das cousas
Construíste de ilusões um mundo
diferente,

Desconheceste Deus no vidro do
astrolábio
E quando a ciência vã te proclamava
sábio
A tua construção quebrou-se de
repente!

O ÉBRIO

Bebi! Mas sei por que bebi!...
Buscava
Em verdes nuances de miragens, ver
Se nesta ânsia suprema de beber,
Achava a Glória que ninguém achava!

E todo o dia então eu me
embriagava
- Novo Sileno, - em busca de
ascender
A essa Babel fictícia do Prazer
Que procuravam e que eu
procurava.

Trás de mim, na atra estrada que
trilhei,
Quantos também, quantos também
deixei,

Mas eu não contarei nunca a
ninguém.

A ninguém nunca eu contarei a
história
Dos que, como eu, foram buscar a
Glória
E que, como eu, irão morrer
também.

O CANTO DA CORUJA

A coruja cantara-lhe na porta
Sinistramente a noite inteira!
Indício
Mais certo não havia! - Era o
suplício!...
Daí a pouco, ela seria morta.

Saiu. O Sol ardia. A estrada torta
Lembrava a antiga ponte de
Sublício...
Havia pelo chão um desperdício
De folhas que a áurea xantofila
corta.

Nisto, ouve o canto aziago da
coruja!
- Quer fugir, e não vê por onde
fuja.
Implora a Deus como a um fetiche
vago...

- Se ao menos voasse! - E horror
começa! Rasga
As vestes; uma convulsão a engasga
E morre ouvindo o mesmo canto
aziago!

NOME MALDITO

Das trombetas proféticas o alarde
Falou-lhe, por seus onze augúrios
certos:
"É maldito o teu nome! E aos céus
abertos,
Não há divina proteção que o
guarde!"

Dúvidas cruéis! Momentos cruéis!
Incertos
E cruéis momentos! Ânias cruéis!
E, à tarde,
Saiu aos tombos, como um cão
covarde,
A percorrer desertos e desertos...

E, assombrado, com medo do
Infinito,
Por toda a parte, onde, aos
tropeços, ia,
Por toda a parte viu seu nome
escrito!

Vieram-lhe as ânsias. Teve sede e
fome...
E foi assim que ele morreu um dia
Amaldiçoado pelo próprio nome!

DOLÊNCIAS

Eu fui cadáver, antes de viver!
Meu corpo, assim como o de Jesus
Cristo,
Sofreu o que olhos de homem não
têm visto
E olhos de fera não puderam ver!

Acostumei-me, assim, pois, a sofrer
E acostumado a assim sofrer
existo...
Existo! - E apesar disto, apesar
disto
Inda cadáver hei também de ser!

Quando eu morrer de novo, amigos,
quando
Eu, de saudades me despedaçando
De novo, triste e sem cantar,
morrer,

Nada se altere em sua marcha
infinda

- O tamarindo reverdeça ainda
A lua continue sempre a nascer!

AVE LIBERTAS

Ao clarão irial da madrugada,
Da liberdade ao toque alvissareiro,
Banhou-se o coração do Brasileiro
Num eflúvio de luz auroreada.

É que baqueia a vida escravizada!
Já se ouvem os clangores do
pregoeiro,
Como um Tritão, levando ao mundo
inteiro,
Da República a nova sublimada.

E ali do despotismo entre os
escombros,
Rola um drama que a Pátria exalça e
doura
Numa auréola de paz imorredoura,
A República rola-lhe nos ombros;

Enquanto fora na trevosa agrura
Sucumbe o servilismo, e,
esplendorosa,
A Liberdade assoma majestosa,
- Estrela d'Alva imaculada e pura!

É livre a Pátria outrora opressa e

exangue!
Esse labéu que mancha a glória
pública,
Que apouca o triunfo e que se
chama sangue,
Manchar não pode as aras da
República.

Não! que esse ideal puro, risonho,
Há de transpor sereno os penetrais
Da Pátria, e há de elevar-se neste
sonho
Ao topo azul das Glórias Imortais!

Esplende, pois, oh! Redentora
d'alma,
Oh! Liberdade, essa bendita e
branca
Luz que os negroses da opressão
espanca,
Essa luz etereal bendita e calma.

Vós, oh Pátria, fazei que destes
brilhos,
Caia do santuário lá da História,
Fulgente do valor da vossa glória,
A bênção do valor dos vossos filhos!

QUADRAS

Embala-me em teus braços,

De amores bons à sombra -
Quero em cheirosa alfombra
Pousar os sonhos lassos!

Teus seios, oh! morena
- Relíquias de Carrara -
Têm a ambrosia rara
Da mais rara verbena.

Aperta-me em teu peito,
E dá-me assim, divina,
De lírios e boninas
Um veludíneo leito.

Assim como Jesus,
Eu quero o meu Calvário
- Anelo morrer vário
Dos braços teus na Cruz!

Por que não me confortas?!
Bem sei, perdeste a ciência,
Morreu-te a redolência,
Alma das virgens mortas -

Mas não! Apaga os traços
De tão funesto aspeito...
Aperta-me em teu peito,
Embala-me em teus braços!

VÊNUS MORTA

A Via-Sacra Azul do amor primeiro
Veste hoje o luto que a desgraça
veste
No miserere do meu desespero...

- Lótus diluído n'alma dum cipreste!
Como um lilás eternizando abrolhos
Tinge de roxo o arminho da
grinalda,
Rola a violeta santa dos teus olhos
- Tufos de goivo em conchas de
esmeralda.

No vácuo imenso das
desesperanças
E dos passados viços,
Recordo o beijo que te dei nas
tranças
Emolduradas num florão de riços.

E como um nune de pesar,
plangente,
Guarda a saudade que levou do
Marne,
Eu guardo o travo deste beijo
ardente
E a Nostalgia desta Pátria - a
Carne.

Sonho abraçar-te, pálida camélia,
Mas neste sonho, langue e seminua,
Pareces reviver a antiga Ofélia,
Opalescência trágica da lua!

Tu, oh Quimera, de reverberantes
E rubras asas de beliantos pulcros,
Crava-lhe n'alma o tirso das
bacantes,
Brande-lhe n'alma o frio dos
sepulcros.

Reza-lhe todo o cantochão memento
Dessa Missa de amor da Extrema
Agrura,
Abençoada pelo meu tormento
E consagrada pela sepultura.

E que ela suba na serena gaza
Dos mistérios dourados e serenos
À terra Ideal das púrpuras em
brasa
E ao Céu dourado e auroreal de
Vênus!

ODE AO AMOR

Enches o peito de cada homem,
medras
N'alma de cada virgem, e toda a
alma
Enches de beijos de infinita calma...
E o aroma dos teus beijos infinitos
Entra na terra, bate nos granitos
E quebra as rochas e arrebenta as
pedras!

És soberano! Sangras e torturas!
Ora, tangendo tiorbas em volatas,
Cantas a Vida que sangrando matas,
Ora, clavas brandindo em seva a
insana
Fúria, lembras, Amor, a soberana
Imagem pétrea das montanhas
duras.

Beijam-te o passo multidões
escravas
Dos Desgraçados! - Estas multidões
Sonham pátrias douradas de ilusões
Entre os tórculos negros da
Desgraça
- Flores que tombam quando a neve
passa
No turbilhão das avalanches bravas!

Tudo dominas! - Dos vergéis
tranqüilos
Aos Capitólios, e dos Capitólios
Aos claros pulcros e brilhantes
sólios
De esplendor pulcro e de fulgências
claras,
Rendilhados de fulvas gemas raras
E pontilhados de crisoberilos.

Sobes ao monte onde o edelweiss
pompeia
N'alma do que subiu àquele monte!
Mas, vezes, desces ao segredo

insonte

Do mar profundo onde a sereia
canta

E onde a Alcíone trêmula se espanta
Ouvindo a gusla crebra da sereia!

Rompe a manhã. Sinos além
bimbalham.

Troa o conúbio dos amores velhos
- As borboletas e os escaravelhos
Beijam-se no ar... Retroa o sino. E,
quietos

Beijam-se além os silfos e os
insetos

Sob a esteira dos campos que se
orvalham.

E em tudo estruge a tua dúlia -
dúlia

Que na fibra mais forte e até na
fibra

Mais tênue, chora e se lamenta e
vibra...

E em cada peito onde um Ocaso
chora

Levanta a cruz da redenção da
Aurora

Como a Judite a redimir Betúlia!

Bem haja, pois, esse poder terrível,

- Essa dominação aterradora

- Enorme força regeneradora

Que faz dos homens um leão que
dorme

E do Amor faz uma potência enorme
Que vela sobre os homens,
impassível!

Esta de amor onde queixosa, Irene,
Quedo, sonhei-a, aos astros, ontem
quando
Entre estrias de estrelas,
fosforeando,
Egrégia estavas no teu plaustro
egrégio
Mais bela do que a Virgem de
Corrégio
E os quadros divinais de Guido Reni!

Qual um crente em asiático pagode,
Entre timbales e anafis estrídulos,
Cativo, beija os áureos pés dos
ídolos,
Assim, Irene, eis-me de ti cativo!
Cativaste-me, Irene, e eis o motivo,
Eis o motivo por que fiz esta ode.

CANTO DE AGONIA

Agonia de amor, agonia bendita!
- Misto de infinita mágoa e de
crença infinita.
Nos desertos da Vida uma estrela
fulgura
E o Viajeiro do Amor, vendo-a,

triste, murmura:

- Que eu nunca chore assim! Que eu nunca

[chore como

Chorei, ontem, a sós, num volutuoso assomo,

Numa prece de amor, numa felícia infinda,

Delícia que ainda gozo, oração, prece que ainda

Entre saudades rezo, e entre sorrisos e entre

Mágoas soluço, até que esta dor se concentre

No âmago de meu peito e de minha saudade.

Amor, escuridão e eterna claridade...

- Calor que hoje me alenta e há de matar-me

[em breve,

Frio que me assassina, amor e frio, neve,

Neve que me embala como um berço divino,

Neve da minha dor, neve do meu destino!

E eu aqui a chorar nesta noite tão fria!

Agonia, agonia, agonia, agonia!

- Diz e morre-lhe a voz, e cansado e morrendo

O Viajeiro vai, e vê a luz e vendo

Uma sombra que passa, uma nuvem

que corre,
Caminha e vai, o louco, abraça a
sombra e...
[morre!
E a alma se lhe dilui na amplidão
infinita...
Agonia de amar, agonia bendita!